

**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

Janderson Pereira Jacques

**PESSOAS NEGRAS SEGUINDO PESSOAS NEGRAS: IDENTIDADE ON-LINE A
PARTIR DE UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA NO *BLACK TWITTER* BRASILEIRO**

Santa Cruz do Sul

2020

Janderson Pereira Jacques

PESSOAS NEGRAS SEGUINDO PESSOAS NEGRAS: IDENTIDADE ON-LINE A PARTIR DE UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA NO *BLACK TWITTER* BRASILEIRO

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Dr. Willian Fernandes Araújo

Santa Cruz do Sul

2020

Janderson Pereira Jacques

**PESSOAS NEGRAS SEGUINDO PESSOAS NEGRAS: IDENTIDADE ON-LINE A
PARTIR DE UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA NO *BLACK TWITTER* BRASILEIRO**

Este trabalho de conclusão foi apresentado ao Curso de Comunicação Social, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Dr. Willian Fernandes Araújo

Professor Orientador – UNISC

Dra. Rosane Marcia Cardoso

Professora Examinadora – UNISC

Me. Tarcízio Silva

Professor Examinador – UFABC

Santa Cruz do Sul

2020

Aos meus ancestrais negros e todos aqueles que vieram e lutaram para que eu chegasse até aqui, em especial à minha Tia Avó Lúcia (in memoriam), que sempre acreditou em mim e no poder revolucionário da educação – ela de fato muda o mundo.

AGRADECIMENTOS

Onde eu estaria agora se meus ancestrais não houvessem sido sequestrados do continente africano? Onde eu estaria agora se meus pais tivessem tido a oportunidade de cursar o ensino superior? Por que durante meus quase 5 anos na academia tive apenas um professor negro? Por sua vez, esses questionamentos me trouxeram até aqui e foram a partir desses mesmos questionamentos que desenvolvi esta pesquisa. Assim como afirma Neusa Souza (1990), viver numa afrodiáspora como o Brasil faz com que nos tornemos negros ao longo dos anos e os últimos anos de fato, me tornaram negro. E que dia feliz o dia em que me questionei sobre o processo de outras pessoas negras, afinal de contas, elas tornaram-se negras como eu e foi a partir dessa inquietação que desbravei os discursos acerca do *Black Twitter* no último ano.

Estudar sobre a história da negritude, ainda que doloroso em certos momentos, é sobre estudar a grandeza. Afinal de contas, o povo negro transforma a dor em glória desde o sequestro dos meus ancestrais negros na terra-mãe africana. Entendo a partir disso, que é neste momento que a ancestralidade manifesta-se, foi certamente através dela que cheguei até aqui. Por conseguinte, agradeço a todos os negros que viveram antes de mim para que eu pudesse ser livre e construir o que construo hoje, em especial a todos aqueles da minha linhagem familiar que foram escravizados e um dia sonharam com a vida que possuo hoje.

Ainda sobre aqueles que vieram antes de mim, agradeço aos meus pais e meus avós por construírem um caminho incrível para mim desde o meu nascimento. Sou grato por ter tido que voltar a casa dos meus pais durante 2020, estar ao lado de vocês durante boa parte dessa jornada me fez encarar essa pesquisa com maior grandeza. À minha mãe, eu agradeço por aprender junto comigo sobre a beleza em ser negro e por sempre fazer com que eu me sinta especial; obrigado pela leitura compartilhada durante o desenvolvimento desta monografia e por acreditar tanto em mim. Ao meu pai, que mesmo não entendendo exatamente o que essa pesquisa representa e o quão incrível ele é por ser um homem negro, eu agradeço por todas as vezes que deitou ao meu lado enquanto eu escrevia e ele me incentivou a ser um homem melhor. Por fim, agradeço a minha grande amiga e irmã Rhayani, que sempre me abraçou nos dias em que a ansiedade foi maior que a minha capacidade de escrita, é uma honra conviver e aprender com a grande mulher negra que você é.

Desde a minha entrada na universidade, em 2016, muitas pessoas estiveram ao meu lado. Mas não posso deixar de agradecer a quem esteve durante minha jornada desde o sonho em ingressar na universidade: Alexandra, Kevim e Maurília. Ainda que estivéssemos mais longe fisicamente do que juntos nos últimos anos, vocês sempre permaneceram aqui e só vocês sabem o quanto esses últimos anos foram intensos pra mim. Obrigado pela companhia durante todos esses anos, mas em especial durante o louco 2020, vocês foram suporte, riso e salvação. Agradeço em especial a minha amiga Alexandra, que nesta pesquisa também possui o papel de coorientadora particular e não oficial; obrigado por compartilhar comigo tanto conhecimento, mas sobretudo, genialidade. Estou ansioso para desbravar o mundo da pesquisa ao teu lado.

Agradeço ainda aos amigos que fiz durante a graduação e estiveram comigo durante o desenvolvimento desta monografia: Michael, Wesley e Gabriel. Em especial às minhas amigas Monique, Naomy e Jaqueline, que viveram esse momento intenso do trabalho de conclusão ao meu lado, saibam disso: nós somos incríveis por termos chegado até aqui, eu me orgulho da nossa jornada, obrigado por estarem ao meu lado. Do mesmo modo, agradeço a todos amigos que me incentivaram durante essa pesquisa, em especial a todos os meus amigos de Cachoeira do Sul mas também aos incríveis amigos que fiz durante meus anos em Santa Cruz do Sul. E é claro, a minha grande prima Milena, que esteve ao meu lado durante os últimos dias desta jornada, obrigado pela companhia durante todos esses anos.

Essa monografia pode ser o encerramento de um ciclo em minha vida após a data da apresentação, mas talvez ela seja apenas o início de ciclos ainda maiores e quem me fez acreditar nisso foi meu orientador. Professor Willian, obrigado por ter abraçado o *Black Twitter* junto comigo e ter estado ao meu lado durante essa longa jornada. Se algum dia eu tiver a oportunidade de fazer coisas tão legais como as que você faz, eu espero fazer com a mesma grandeza, humildade e companheirismo que você fez comigo durante esse ano. Ainda que eu tenha tido professores que subestimaram minha grandeza durante a graduação, eu tive sorte em ter os que acreditaram em mim ao meu lado. Obrigado por ter acreditado em mim, Will. Agradeço ainda a todos os grandes mestres que estiveram ao meu lado e acreditaram no meu potencial ao longo desses anos, em especial aos professores Lúcio Amaral e Alba Regina.

Por fim, eu agradeço a mim e aos meus orixás por me guiarem até aqui, mas sobretudo terem me mantido firme durante o desafiador 2020. Agradeço a minha inquietação e curiosidade em torno da minha negritude e ancestralidade. Eu reconheço que desde 2017, tenho aprendido assim como Beyoncé a transformar os limões que a vida me proporciona, em limonada. Por sua vez, eu agradeço ao Janderson de 14 anos que sonhou em entrar na faculdade de publicidade e propaganda durante o ensino fundamental. Se eu pudesse, diria a ele que as coisas não vão sair exatamente do jeito que ele planeja, que ele vai perder muito, que vai precisar ressignificar muita coisa, mas que vai vencer. E vai descobrir que com a ajuda das pessoas certas (e da terapia) tudo acaba bem, por sorte, ele vai ter as pessoas certas. No fim das contas, o importante mesmo é dormir com a consciência tranquila por ser quem é e nisso o Janderson de 14 anos tem muito do que se orgulhar.

*"I had my ups and downs
But I always find the inner strength to cool
myself off
I was served lemons, but I made lemonade"*

(Beyoncé & Kendrick Lamar – Freedom)

RESUMO

O trabalho aborda as práticas da negritude na construção de identidades na *black cyberculture*, a partir de uma análise do *Black Twitter* brasileiro. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que adota uma abordagem etnográfica para compreender as vivências da *black cyberculture*, buscando analisar o cotidiano dos sujeitos negros no Twitter. O estudo também lança mão como métodos complementares de pesquisa bibliográfica, exploratória e documental. Ao longo do trabalho, são discutidos conceitos relevantes à pesquisa como negritude, identidade, plataformas on-line e *black cyberculture*. Por meio da pesquisa, percebe-se um fenômeno: o *Black Twitter*, que por sua vez, ocorre através da presença significativa de sujeitos negros seguindo-se no Twitter e criando conteúdos a partir da negritude e antirracismo. Mas ainda que o antirracismo seja o que une os negros do Twitter, há uma série de outros fatores acontecendo simultaneamente entre sujeitos negros da plataforma, fazendo com que existam divergências em relação a solidariedade e unidade deste complexo espaço. Visto que através da interseccionalidade entre gênero, sexualidade, classe e região territorial, manifestam-se diferentes identidades e modos ser negro nas plataformas on-line.

Palavras-chave: Identidade. Negritude. Plataformas on-line. *Black Twitter*. Etnografia.

ABSTRACT

The work addresses the practices of blackness in the construction of identities in black cyberculture, from an analysis of the Brazilian Black Twitter. This is a qualitative research that adopts an ethnographic approach to understand the experiences of black cyberculture, seeking to analyze the daily lives of black subjects on Twitter. The study also makes use of complementary methods of bibliographic, exploratory, and documentary research. Throughout the work, concepts relevant to research such as blackness, identity, online platforms and black cyberculture are discussed. Through research, one perceives a phenomenon: Black Twitter. Which in turn occurs from the significant presence of black subjects following up on Twitter and creating content from blackness and anti-racism. But even though anti-racism is what unites twitter blacks, there are several other factors happening simultaneously among black subjects on the platform, making them differ in relation to the solidarity and unity of this complex space. Because through the intersectionality between gender, sexuality, class and territorial region, different identities, and ways to be black on online platforms manifest themselves.

Keywords: Identity. Blackness. Online platforms. Black Twitter. Ethnography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Relato etnográfico	60
Figura 2 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido por um sujeito anônimo do Twitter	69
Figura 3 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido por um criador de conteúdo negro popular no Twitter	70
Figura 4 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido por um sujeito negro anônimo do Twitter	71
Figura 5 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido por um sujeito negro do Twitter (neste caso, primo do jovem em questão, João Pedro)	73
Figura 6 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido por um criador de conteúdo negro popular no Twitter	74
Figura 7 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido por um criador de conteúdo negro popular no Twitter	75
Figura 8 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido por um criador de conteúdo negro popular no Twitter	76
Figura 9 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido por um sujeito negro anônimo do Twitter	78
Figura 10 - <i>Printscreen</i> de sequência de interações de sujeitos negros anônimos do Twitter	79
Figura 11 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido por um sujeito negro anônimo do Twitter	80
Figura 12 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido por um sujeito negro anônimo do Twitter	81
Figura 13 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido por um sujeito negro anônimo do Twitter	83
Figura 14 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido por um criador de conteúdo negro popular no Twitter	83
Figura 15 - <i>Printscreen</i> da resposta de um sujeito negro ao <i>tweet</i> do Neymar	84
Figura 16 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido por um criador de conteúdo negro popular no Twitter	85
Figura 17 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido por um sujeito negro anônimo no Twitter	86

Figura 18 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido por um sujeito negro anônimo no Twitter	89
Figura 19 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido pela empreendedora da Cidade de Deus	91
Figura 20 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido pela idealizadora do Black Twitter Nordeste	92
Figura 21 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido pela idealizadora do Black Twitter Nordeste	93
Figura 22 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> da historiadora de Salvador	94
Figura 23 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> do jovem negro de Santa Catarina	95
Figura 24 - <i>Printscreen</i> de <i>tweet</i> desenvolvido pelo rapper do Rio Grande do Sul	96

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 DESMITIFICANDO A IDEIA DE RAÇA E CONCEITUANDO IDENTIDADE E NEGRITUDE	18
2.1 Uma retomada histórica em torno dos negros da África à afrodiáspora	23
2.2 Identidade em constante construção: o tornar-se negro	30
3 A BRANQUITUDE TECNOLÓGICA: ENTENDENDO AS PLATAFORMAS ONLINE	38
3.1 Informativa e instantânea: a complexidade do Twitter	44
4 CYBERCULTURE vs BLACK CYBERCULTURE.....	48
5 METODOLOGIA	56
5.1 Questões metodológicas para o <i>corpus</i> de pesquisa.....	56
5.2 Enegrecedo plataformas on-line: o <i>Black Twitter</i>	60
5.3 A etnografia como método para compreender identidades no <i>Black Twitter</i>	63
6 RELATO DA PESQUISA	68
6.1 Entendendo a atmosfera do <i>Black Twitter</i> brasileiro	68
6.2 O <i>Black Twitter</i> na prática: resistência, mobilização, justiça e <i>trending topics</i>	72
6.3 Identidade negra e <i>Black Twitter</i>	78
6.4 5 regiões e 5 identidades: sujeitos negros do <i>Black Twitter</i> brasileiro.....	90
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS.....	101

1 INTRODUÇÃO

Os negros e negras africanos e afrodescendentes possuem historicamente estilos de comunicação alternativos para conectarem-se e construírem redes de apoio. Durante o período da escravidão por exemplo, a língua, a música e a espiritualidade funcionaram como meios de comunicação entre seus iguais, mas sobretudo, como estratégias de comunicação para sua sobrevivência. Entende-se portanto, que a comunicação e a tecnologia sempre fizeram parte da humanidade negra, já que funcionam como métodos de busca pela igualdade e liberdade. Entretanto, é preciso tensionar que mesmo com o fim da sua prática a nível global, o período da escravidão traz a todos os negros e negras, até hoje, problemáticas duras e reais. Pois mesmo que inseridos na sociedade, ocupando lugares públicos, possuindo riquezas e vivendo como um indivíduo da sociedade contemporânea, as pessoas com fenótipos negros ainda são as mais marginalizadas e com menos acesso a questões básicas de sobrevivência no mundo todo, quando comparado a pessoas-não-negras.

A internet levou décadas para se tornar acessível, e mesmo atingindo mais da metade da população mundial hoje, cerca de 51,2% segundo a ONU (G1, 2018), os países com menor acesso à rede são os países mais pobres, na sua maioria com populações negras oriundas da África. Desde que os europeus marginalizaram e saquearam o continente africano, compreende-se que a população que ali vive e que migrou para outros continentes, teve suas identidades construídas sobre pilares desumanizados e ligados à pobreza. Dessa forma, é possível identificar o porquê desse mesmo povo ser o menor número em acesso a rede até os dias de hoje. De fato, ao longo das evoluções globais, os negros tiveram seu acesso negado - ou atrasado quando comparado à outras raças - e que mesmo com o fim da escravidão, boa parte dessas pessoas não tiveram acesso a políticas públicas. Conseqüentemente, é plausível afirmar que mesmo com a ascensão da internet ao público durante o final dos anos 1990, a maior parte da população negra demorou mais alguns anos até ter acesso e estar adaptada à rede mundial de computadores. Portanto, por muitos anos o acesso à internet e as plataformas on-line foram um espaço embranquecido, mas sobretudo, desenvolvidos sob perspectivas eurocêntricas.

O acesso à internet no Brasil por exemplo, segundo o Mapa da Exclusão Digital (NERI, 2003), mesmo sob a igualdade de condições de renda e acesso à educação, as chances de um branco ter acesso à Internet são 167% maiores que as de um não branco. Entretanto, é possível enxergar o crescimento do acesso de pessoas não-brancas à internet desde os anos 2000. Segundo Miller e Slater (2000, n.p.), os não-brancos negros “têm uma afinidade natural pela internet e pela mídia digital” e, conforme os autores, a internet tornou-se outra forma de expressão das identidades. Por conseguinte, através de suas práticas de interação, mobilização e empoderamento, tendem a construir identidades próprias na comunicação digital, de modo que se constitui o conceito trazido recentemente por André Brock Jr. (2020) de *black cyberculture*. Sendo estas uma das justificativas para o desenvolvimento desta monografia, a qual possui como tema as práticas da negritude na construção de identidades negras através das plataformas on-line, delimitando-se à "pessoas negras seguindo pessoas negras: identidade on-line a partir de uma etnografia no *Black Twitter* brasileiro".

No Twitter, plataforma on-line que desde 2006 permite que pessoas compartilhem suas vivências em textos de até 280 caracteres, surgiu em 2010 um movimento de pessoas negras que seguiam pessoas negras, independente de se conhecerem por proximidade territorial.

Este movimento, que inicia especificamente nos Estados Unidos, foi chamado de *Black Twitter*, como uma espécie de bolha social¹ de pessoas negras que ali interagem e compartilham suas experiências, na sua maioria ligadas à questão que os une: a negritude. O *Black Twitter* não é uma plataforma separada, mas pode ser entendido como uma formada dos negros e negras do Twitter conectarem-se para compartilhar vivências, informações e questões da negritude. Partindo desse contexto, questiona-se: como o *Black Twitter* tem funcionado como uma ferramenta de informação e empoderamento para pessoas negras? E a partir dele, como o negro constrói sua identidade digital?

Ao realizar uma pesquisa em relação ao *Black Twitter* em portais acadêmicos e sites brasileiros, pouco encontram-se estudos e matérias sobre o tema à nível nacional. Aparentemente em junho de 2018, um blog do UOL publicou e noticiou pela primeira vez sobre a revolução da representatividade negra, estabelecida através do

¹ Bolha social: é um termo popularmente usado para indicação de um grupo social específico, que costuma partilhar valores comuns.

Black Twitter no Brasil (MORANGO, 2018). A matéria por sua vez, refere-se a depoimentos parecidos com a vivência do autor desta pesquisa enquanto usuário negro do Twitter: pessoas que entraram no Twitter no início da década de 2010 e só interagiam com quem conheciam pessoalmente, mas que com passar dos anos chegaram até conteúdos de pessoas negras de outros lugares e a partir dali se identificaram e passaram a interagir.

O *Black Twitter* brasileiro formou-se por meio de pessoas negras seguindo outras pessoas negras no Twitter antes mesmo dos negros norte-americanos definirem que isso seria o *Black Twitter*. O desenvolvimento desta monografia ocorre a partir da vivência do autor na plataforma e da sua percepção em relação ao ser negro. De modo que com o passar dos anos, ao visualizar o compartilhamento de diversas movimentações e estudos negros na internet desenvolveu reflexões sobre a negritude em todos os ambientes da sua vida. Atribui-se portanto, à internet e suas plataformas on-line como ferramentas de poder reflexivo e de compartilhamento para construção de suas identidades. Pois tornar-se negro é um processo e foi perceptível no seu caso, a importância das plataformas on-line e no conhecimento ali adquirido ao desenvolver sua identidade.

Para tanto, a presente monografia possui como objetivo geral compreender as práticas de construção da identidade do negro nas plataformas on-line, analisando conteúdos e interações da *black cyberculture*. De modo que, apresente e discuta a construção da identidade negra na *black cyberculture*, refletindo as transformações de representatividade e empoderamento negro através das plataformas on-line; apresentar o *Black Twitter* enquanto movimento digital de conteúdo, engajamento e mobilização negra; e por fim, avaliar o comportamento cotidiano dos sujeitos do *Black Twitter*.

Para isto, o estudo desta monografia desenvolve-se através da vivência do autor no objeto de estudo. Por conseguinte, esta pesquisa funda-se através do método qualitativo por intermédio de uma etnografia no *Black Twitter* brasileiro. Que por sua vez, trata-se acima de tudo de uma vivência e não necessariamente um método. A fim de melhor responder à problemática proposta pelo estudo, a pesquisa exploratória e bibliográfica incorporam-se nesta monografia para auxiliar como base do estudo etnográfico, do mesmo modo que a pesquisa documental funciona como suporte para esta pesquisa. O referencial teórico do estudo foi desenvolvido através de pesquisas bibliográficas e pela pesquisa exploratória já vivida pelo autor no objeto de estudo. Os

dados obtidos durante a pesquisa foram arquivados por meio de fichamentos e posteriormente foram cruzados para o desenvolvimento da redação final da monografia e do relato etnográfico no *Black Twitter* brasileiro.

A monografia divide-se em cinco partes. O segundo e o terceiro capítulo deste estudo apresenta o referencial teórico que dá a base para ao tema desta monografia. São através desses capítulos que se constrói a argumentação acerca de negritude, identidade e plataformas on-line. O segundo capítulo busca desmistificar os ideais eurocêntricos em relação à raça e conceituar noções de identidade, mas sobretudo acerca da identidade negra, do período escravocrata até o atual período contemporâneo. No terceiro capítulo, identifica-se uma discussão acerca da participação negra nos processos tecnológicos da humanidade e o modo como tudo que veio a ser conhecido como tecnologia tornou-se uma criação da branquitude. Por sua vez, neste capítulo compreendemos a estruturação das plataformas on-line e a lógica por trás do Twitter, que funciona como ferramenta para o desenvolvimento do objeto deste estudo. Já no quarto capítulo desta monografia, realiza-se uma reflexão em torno dos conceitos de *cyberculture* e *black cyberculture*, que do mesmo modo que os estudos de André Brock Jr. (2020), problematiza identidade racial nos ambientes on-line e serve como base fundamental para o desenvolvimento deste estudo.

No quinto capítulo o estudo metodológico desenvolve-se através da apresentação teórica acerca do objeto de estudo da pesquisa e ao relato etnográfico no *Black Twitter* brasileiro, o qual originou-se no diário de campo do autor e agente etnográfico desta monografia. Através dele foi possível identificar que existe um número significativo de sujeitos negros criando conteúdos no Twitter, muitos deles mediante as pautas da negritude, o que os torna porta-voz em relação à luta antirracista. É através deles que diversas discussões são racializadas na plataforma e *hashtags* em torno do tema costumam chegar aos *trending topics*. Entretanto, a identidade negra no Twitter não se resume apenas aos criadores de conteúdo negros populares na plataforma.

O relato etnográfico desta monografia revela que há uma diversidade de fatores identitários que compõem esse grupo heterogêneo, levando a dinâmicas de colaboração e disputa sobre o que significa ser negro aos olhos do *Black Twitter*. Neste sentido, observei que nem todos os negros sentem-se parte do *Black Twitter* uma vez que acreditam que apenas negros com grandes números de seguidores e

interação fazem parte dessa bolha social ou porque “não são negros o bastante” para pertencer a esse espaço. Tais exclusões ocorrem a partir de discussões em torno de questões ligadas ao colorismo, principalmente em relação à negros de pele clara. Ou ainda de que para pertencer ao *Black Twitter* é preciso revelar de forma clara a negritude e antirracismo em seus conteúdos. Por conseguinte, ainda que o antirracismo seja a base que une os sujeitos negros no Twitter, há uma série de outros fatores e discussões acontecendo simultaneamente entre sujeitos negros, fazendo com que existam divergências em relação a solidariedade e unidade deste espaço. Por sua vez, é habitual que o *Black Twitter* torna-se esse tipo de ambiente, uma vez que a identidade dos sujeitos negros perpassam diferentes vivências. Deste modo, as práticas da negritude no Twitter referem-se a uma atividade complexa que ocorre mediante a interseccionalidade entre gênero, sexualidade, classe e região territorial que manifestam diferentes identidades e modos ser negro nas plataformas on-line. Por fim, apresentam-se as considerações finais do estudo a partir dos resultados encontrados na etnografia e na vivência do autor.

2 DESMITIFICANDO A IDEIA DE RAÇA E CONCEITUANDO IDENTIDADE E NEGRITUDE

Durante um longo período, as teorias poligenéticas² buscaram nas diferenças humanas, como a cor da pele e estrutura craniana, a prova de uma suposta existência de diferentes espécies. Guido Barbujani (2007) revela que os estudos da natureza e os estudos da humanidade, buscavam afirmar que o homem era superior em relação às demais espécies. Ao mesmo tempo, essa ideia de superioridade é constituída a partir de uma mentalidade eurocêntrica, que definiu o homem branco como superior a toda ou qualquer criatura, visto que:

[...] o estudo das características biológicas do homem (a antropologia biológica) já se valia de métodos estatísticos requintados, o pensamento poligênico não tinha ainda se afirmado nos Estados Unidos, onde a ideia evolucionista de um parentesco entre homens e macacos tinham tido menos dificuldade para afirmar-se do que a ideia de que os homens, brancos ou pretos que sejam, são apenas homens. Havia quem pensava assim; na África existem chimpanzés e gorilas, e portanto os africanos têm que ser parentes dos chimpanzés e dos gorilas (...) na Europa.... Não, na Europa não existem grandes macacos. Quer dizer que para os europeus esse parentesco não existe. Quem deriva dos macacos são outros, não nós (BARBUJANI, 2007, p. 19).

Por muito tempo, fraudes científicas como essas embasaram o pensamento social sobre o que se considerava vida humana. Tal modo de pensar a existência do humano foi validada por diversas sociedades ao longo dos anos. Parte dos argumentos que embasava essa fraude buscava no conhecimento científico, por meio do estudo de crânios, por exemplo, identificar que o crânio de uma pessoa negra divergia em relação ao de uma pessoa branca; afirmando ainda, a sua semelhança ao crânio de um chimpanzé. Acredita-se que de fato tenham existido outras formas humanas antes da atual humanidade, esse dado se confirma através de pesquisas em fósseis encontrados ao longo dos séculos. Entretanto, conforme o texto de Barbujani (2007, p. 21), “nenhum crânio humano jamais teve forma parecida” ao de um chimpanzé. Essa contradição foi comprovada em meados do século XIX através de estudos mais esclarecidos sobre genética e biologia humana. Dessa forma, entendeu-se por meio da ciência que o estudo de especificidade entre raças humanas é inválida e que o ser humano de fato deve ser classificado de maneira científica

² A ideia de que a humanidade atual seria constituída por várias espécies diferentes.

apenas como *Homo sapiens*, pois brancos e não-brancos possuem biologicamente a mesma estrutura, a vista que:

Três linhas separadas de pesquisa molecular fornecem evidências científicas sobre a inexistência de raças humanas. A primeira é a observação de que a espécie humana é muito jovem e seus padrões migratórios demasiadamente amplos para permitir uma diferenciação e conseqüentemente separação em diferentes grupos biológicos que pudessem ser chamados de “raças”. A segunda é o fato de que as chamadas “raças” compartilham a vasta maioria das suas variantes genéticas. A terceira é a constatação de que apenas 5-10% da variação genômica humana ocorre entre as “raças” putativas. As evidências levam à conclusão de que raças humanas não existem do ponto de vista genético ou biológico (PENA; BIRCHAL, 2006, p. 15).

Apesar da sua ausência de validade científica, essas teorias serviram para embasar e justificar a desumanização e a exploração, por intermédio da escravidão, de povos indígenas e africanos durante séculos. O berço da humanidade é negro, afinal de contas a evolução humana se origina na África, “porque é de lá que encontramos os restos fósseis mais antigos de criaturas que têm parentesco conosco” (BARBUJANI, 2007, p. 111), a diversidade humana, portanto, originou-se na terra-mãe africana. Contudo, afirmar a existência de uma raça humana onde todos os seres são iguais, reafirma concepções antropocentristas que colocam o ser humano no centro do universo. Mesmo que geneticamente sejamos todos iguais “não somos todos iguais; dizer que no homem não há raças não significa isso” (2007, p. 146), ainda mais quando se trata de um termo ressignificado por humanos tantas vezes como o de raça.

O conceito de raça é utilizado há séculos para classificar seres humanos, distinguindo um grupo dos outros, esse termo é de fato uma construção social e cultural que vem sendo usado para privilegiar culturas, línguas, crenças e diferenciar grupos com interesses econômicos diferentes (AZEREDO, 1991 apud PENA; BIRCHAL, 2006). Por conseguinte, compreendemos que:

“Raça” é um termo de múltiplos conteúdos que vão, em contínuo, da ciência à ideologia, sempre que está em jogo a diversidade da espécie *Homo sapiens*. Produzidas por cientistas ou imaginadas pelo senso comum, as taxonomias raciais têm alto grau de arbítrio, pois implicam em seleção ou escolha das características que servem de base para a construção de esquemas classificatórios (SEYFERTH, 1995, p. 175).

Ao longo da história, essa criação humana, sem base científica, serviu para separar grupos sociais e serviu apenas para discriminar pessoas com base no tom de

pele, língua e religião. Segundo Munanga (2004, p. 6), raça “é um conceito carregado de ideologia, visto que como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação”, uma vez que a mesma estabeleceu a superioridade da branquitude em relação às demais raças. Uma vez que a categorização de raças humanas é uma criação eurocentrista³ e racista desenvolvida por homens brancos, a fim de comprovar a superioridade dos brancos através da inferiorização congênita dos negros e demais povos.

A vida humana é verdadeiramente ampla por possuir diferentes ramificações identitárias. Mas, o debate de raça vai além da ciência e atinge esferas sociais e políticas, é a partir da classificação étnico-racial que o indivíduo se entende enquanto ser social e por meio dele que a sociedade passa a enxergá-lo. Hall define que:

A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas - cor da pele, textura do cabelo, características físicas e corporais, etc - como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (HALL, 2006, p. 63).

À vista disso, através das diferentes formas de existência da humanidade, a identidade é atravessada por questões biológicas, sociais e discursivas, a qual se é dada nos grupos e meios de representação em que o sujeito está inserido. Hall (2006) historiciza a noção de identidade por intermédio das concepções do iluminismo. O autor destaca o sujeito do iluminismo, identidade na qual a capacidade da razão é colocada como central; o sujeito sociológico, o qual não é independente, essencialmente por formar-se a partir da relação com os outros; e por fim, o sujeito pós-moderno, o qual caracteriza-se por não ter uma identidade fixa e ainda possuir várias.

Segundo o autor, o sujeito pós-moderno parte dos avanços das ciências humanas realizados na modernidade tardia, que compreendeu "a efetiva descentralização do sujeito e da sua identidade no período moderno e na modernidade tardia" (HALL, 2004 apud POLETTTO; KREUTZ, 2014, p. 201), pensando assim outros tipos de identidade e seus deslocamentos ocasionados pela

³ Consiste em uma visão de mundo que tende a colocar a Europa (assim como sua cultura, seu povo, suas línguas, etc.) como o elemento central e fundamental na constituição da história do homem. Atua como uma doutrina que visualiza culturas não-europeias de forma estereotipada e xenofóbica, onde apenas o "modelo europeu" é o ideal para humanidade.

globalização. Como a identidade cultural, que segundo o autor são “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (HALL, 2006, p. 10). Mas que por sua vez não pode ser única e exclusiva, tendo em vista as diferenças existentes dentro de uma mesma nação, por exemplo. Por consequente, Hall (2004), citado por Poletto e Kreutz (2014), sugere que:

[...] toda identidade é móvel e pode ser redirecionada, indicando a possibilidade de utilizarmos o termo identificação ou a expressão processo identitário para compreender de maneira mais significativa as representações que formam (e transformam) as culturas, os sujeitos e os espaços (HALL, 2004 apud POLETTTO; KREUTZ, 2014, p. 202).

Isto posto, é possível estabelecer um entendimento móvel sobre identidade no qual cada indivíduo possui suas próprias vivências para construção da identidade, essencialmente por originar-se de um contexto único de características culturais a partir de atores sociais, conforme afirma Castells (1999, p. 22):

[...] entendo por identidade o processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição na auto-representação quanto na ação social.

Logo, as identidades constituem significados mediante história, geografia, biologia e cultura dos seus atores sociais, os quais a constroem coletivamente, afinal de contas:

São em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles com que ela se identificam ou dela se excluem. Uma vez que a construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder (CASTELLS, 1999, p. 23-24).

Essencialmente quando compreendemos as construções identitárias da sociedade ao longo da história, é possível estabelecer três concepções diferentes dessa construção, segundo Castells (1999): a identidade legitimadora, a identidade de resistência e a identidade de projeto. Uma vez que compreendemos suas respectivas significações:

Identidade legitimadora: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação

aos atores sociais, tema este que está no cerne da teoria de autoridade e dominação de Sennett, e se aplica a diversas teorias do nacionalismo; Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos, conforme propõe Calhoun ao explicar o surgimento da política de identidade; Identidade de projeto: quando os atores sociais utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua proposição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social (CASTELLS, 1999, p. 24).

Levando em consideração a normativa de humanidade atribuída a branquitude ao longo da história, a identidade legitimadora a é atribuída a fim de estabelecer sua dominação perante a outros atores sociais, o que oriunda na crise identitária desses grupos. Afinal de contas, conforme tenciona Ferreira (2004, p. 48):

Creio ser a identidade uma categoria efetivamente importante para compreendermos como o indivíduo se constitui, determinando sua auto-estima e sua maneira de existir. Neste sentido, é fundamental, para a compreensão da problemática do afro-descendente, o conhecimento da maneira como ele desenvolve sua identidade, principalmente em contextos sociais adversos, em que é discriminado negativamente.

Tendo em vista a importância da construção identitária de todo ou qualquer indivíduo, evidencia-se que as identidades não são fixas e que elas variam de acordo com os contextos os quais os atores sociais encontram-se. Uma vez que antes mesmo do saqueamento do branco europeu sobre os povos negros do continente africano, a diversidade territorial do continente permitiu uma enorme pluralidade cultural de seus povos através de suas identidades. Considerando os resquícios desse período ao longo da história, ao estudarmos as identidades negras do mundo contemporâneo, assim como na África pré-colonial, compreende-se a diversidade entre indivíduos negros a partir de seus diferentes contextos culturais e sociais. Pois ainda que descendem de povos negros escravizados, é importante refletir sobre o modo como é dado esse processo na contemporaneidade para esses indivíduos, tencionando os novos modos de representação e acesso à informação de tais sujeitos sobre raça.

2.1 Uma retomada histórica em torno dos negros da África à afrodiáspora

Partindo das interações entre brancos e negros africanos na terra-mãe africana, segundo Kabengele Munanga (2020), os antigos greco-romanos conheceram os africanos pela África do Norte (Líbia, Tunísia, Etiópia e Egito), foram eles que noticiaram, da perspectiva do europeu, as primeiras informações sobre os povos africanos. Mas em meados do século XV, houve outro contato mais expressivo entre brancos europeus e os negros africanos, contato esse que descreveu os africanos como animais selvagens, “essa visão retornou na Idade Média e no Renascimento, reatualizando sempre os mesmos mitos que faziam da África negra um habitado por monstros, seres-homens, semi animais” (MUNANGA, 2020, p. 25). Por entender o “ser branco” como normativa humana, o branco europeu buscou razões científicas para explicar a pele escura e os traços negroides dos africanos, a:

Justificativa da cor negro foi buscada na natureza do solo e na alimentação, no ar e na água africanos. Não satisfeitos com a teoria da degeneração fundamentada no clima, outros aceitaram a explicação de ordem religiosa, nascida do mito camítico entre os hebraicos. Segundo ele, os negros não descendentes de Cam, filho de Noé, amaldiçoado pelo pai por tê-lo desrespeitado quando este o encontrou embriagado, numa postura indecente. Na simbologia de cores da civilização europeia, a cor preta representa uma mancha moral e física, a morte e a corrupção, enquanto a branca remete à vida e à pureza. Nessa ordem de ideias, a Igreja Católica fez do preto a representação do pecado e da maldição divina. Por isso, nas colônias ocidentais da África, mostrou-se sempre Deus como um branco velho de barba, e o Diabo como um moleque preto com chifrinhos e rabinhos. (MUNANGA, 2020, p. 26)

Por meio dessas interações, compreende-se que o homem branco, ao enxergar a diversidade cultural e étnica do continente africano, construiu um padrão simplificado, especialmente pelos “traços físicos, considerados elementos coletivos, montou-se um negro geral” (MUNANGA, 2020, p. 25).

Considerando o conceito de raça enquanto uma construção social e o racismo presente nas inúmeras conceitualizações do termo, é possível identificar que a raça não trata-se de uma criação biológica mas sim humana capaz de segregar e definir uma normativa humana, onde o branco é definido como o normal e as pessoas negras são como o “anormal” animalesco. Com isso “a desvalorização do negro estende-se a tudo aquilo que toca a ele: o continente, os países, as instituições, o corpo, a mente, a língua, a música, a arte, etc.” (MUNANGA, 2020, p. 31), desse modo a tentativa da Igreja Católica de buscar a catequização dos povos africanos a fim “livrá-los do

pecado” por sua humanidade negra, o europeu coloca-se no local de colonizador, saqueando assim toda complexidade cultural negra ali existentes. Acontece que a partir do momento em que os europeus conseguem de fato implementar-se enquanto colonizadores, eles garantem recursos o bastante para estabelecer até mesmo um plano psicológico sobre o negro, onde através da Igreja Católica conseguiram ao invés:

[...] de formar personalidades africanas, independentes, capazes de conceber uma nova ordem para a África, ela contribuiu eficazmente para destruir seus valores espirituais e culturais autênticos, com o pretexto de que eram pagãos. A sabedoria dos ancestrais foi considerada sinal de paganismo e primitividade (MUNANGA, 2020, p. 33).

Como um ser colonizado, o negro passa a enfrentar um processo doloroso e hostil em relação ao seu reconhecimento enquanto indivíduo, onde a pressão psicológica acaba fazendo com que o mesmo cogite dar razão ao seu colonizador buscando assemelhar-se a ele. Esse processo acontece segundo Munanga (2020), como:

[...] a ideologia da classe dirigente, que é adotada frequentemente pelas classes dominantes. Ao concordar com ela, os submissos confirmam o papel que lhes foi atribuído. Assim como o colonizador é tentado a aceitar-se, o colonizado, para viver, é obrigado. Em pouco tempo, a situação colonial perpetua-se, fabricando uns e outros (MUNANGA, 2020, p. 35).

Por isso, o reconhecimento e a construção identitária desses negros colonizados passa a divergir com o processo do seu colonizador, visto que sempre esteve em uma situação desigual quando comparado ao europeu. Essencialmente quando consideramos que:

[...] identidade está vinculada também a condições sociais e materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais (WOODWARD, 2000, p. 14).

Mediante o saqueamento histórico dos colonizadores europeus sobre os povos africanos, a fim de favorecer as estratégias europeias de colonização e dominação, o contexto histórico no qual o termo raça e o modo como sua significação se estabeleceu nas sociedades, especialmente a respeito de como negros africanos passaram a ser vistos, compreende-se que as marcas desse termo e as justificativas para as quais ele fora utilizado foram avassaladoras. Por consequente, as

problemáticas deixadas pelas estratégias europeias transcenderam humanidade e política, mas também o psíquico dos negros que hoje vivem no continente africano e nas afrodiásporas afora. Afinal de contas, os milhões de negros arrancados da África desenvolveram-se e formaram a grande diáspora africana existente no mundo atual para além do continente.

Durante o século XIX, a abolição da escravatura contra negros foi uma relevante pauta em diversos países do mundo. A luta contra esse regime foi uma luta liderada por negros, e especificamente no Brasil, obteve sua conquista tardiamente em 1888 após grandes revoltas populares e pressões externas. Contudo, o período pós-abolição ainda foi um período cruel aos negros que não tinham como retornar a sua terra-mãe africana. Sem nenhum suporte político e social para sua colocação na sociedade, a história dos negros escravizados na afrodiáspora é marcado por segregação racial, marginalização, negação e busca por embranquecimento. Munanga (2020, p. 19), afirma que “na sua totalidade, a elite negra alimentava um sonho: assemelhar-se tanto quanto possível ao branco, para na sequência, reclamar dele o reconhecimento de fato e de direito”, alimentando em si o amor ao branco, a aceitação a colonização e a auto recusa. Conseqüentemente, o negro enxerga poucas alternativas além da negação à sua negritude e o vislumbramento de uma vida digna por meio da representação da brancura o qual:

Para ele só existe uma porta de saída, que dá no mundo branco. Onde a preocupação permanente em atrair a atenção do branco, esse desejo de ser poderoso como o branco, essa vontade determinada de adquirir as propriedades de revestimento, isto é, a parte do ser e do ter que entra na constituição de um ego. Como dizíamos há pouco, é pelo seu interior que o negro vai tentar alcançar o santuário branco. A atitude revela a intenção. A retração do ego como processo bem sucedido de defesa não é viável para o negro, pois ele precisa da sanção do branco (FANON, 2008, p. 60).

Durante esse período, especificamente no Brasil, as políticas de branqueamento propostas pelo governo da época, pretendia embranquecer a população (SOUZA, 2005), tendo em vista os milhões de negros que residiam no país pós-abolição. Dado que o governo queria embranquecer a população, parte dos negros almejava o mesmo através dos seus primogênitos. Afinal de contas, ter a pele mais clara era sinônimo de maior aceitação dentro da sociedade. Contudo, Munanga (2020, p. 39) lamenta que “infelizmente, o esforço do negro para tornar-se branco não obteve sucesso que ele esperava [...] nos campos e nas cidades continuavam sendo objeto

de inúmeras humilhações: insultos, brutalidade, surras, abuso das filhas, etc.” Ainda que tentasse estar mais próximo ao colonizador, o negro jamais seria como alguém branco, o autor afirma que:

[...] o caminho da desumanização do negro escolhido pelo colonizador não poderia integrá-lo. Pelo contrário, criou sua desestabilidade cultural, moral e psíquica, deixando-o sem raízes, para melhor dominá-lo e explorá-lo (MUNANGA, 2020, p. 39).

Além dos traumas deixados pelo período em que negros foram sequestrados dos seus países de origem no continente africano, a presença do negro em países colonizados no período pós-abolição consistiu na marginalização, na proibição de suas práticas culturais e ainda na rejeição da sua afirmação enquanto ser social. Neste contexto, ser negro era ser diferente, uma vez que destoava da normativa imposta pelo regime social da época. Quando pensamos identidade e diferença, compreendemos que “nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais” (SILVA, 2014, p. 76). Ainda que a construção de toda e qualquer identidade, por si só, possa ser entendida como um processo constante, com base nos pensamentos de Stuart Hall (2000) por intermédio da linguagem do senso comum, compreende-se que a identificação é construída como consequência do reconhecimento de alguma origem ou características comuns que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, dando importância ao:

[...] contraste com o “naturalismo” dessa definição, a abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado - como algo sem “em processo”. Ela não é, nunca, completamente determinada - no sentido de que se pode, sempre “ganhá-la” ou “perdê-la”; no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada. Embora tenha suas condições determinadas de existência, o que inclui os recursos materiais e simbólicos exigidos para sustentá-la, a identificação é, ao sim e ao cabo, condicional; está está ao fim e ao cabo, alojada na contingência. Uma vez assegurada, ela não anulará a diferença (HALL, 2000, p. 106).

Dessa forma, compreendemos a complexidade do processo identitário, processo o qual divergiu e diverge entre pessoas negras e não-negras, tendo em vista a problemática racial bem como as suas consequências na vida da comunidade negra.

O negro passa, não apenas a assimilar e a identificar-se com os padrões da cultura branca, se não que negar os seus próprios valores enquanto negro. Desta negação de valores e identidade forja-se na sociedade uma invisibilidade do negro. Ele existe, mas é como que se não existisse (ROCHA, 2014, p. 26).

Ainda que segundo Woodward (2000), o sentido da identidade seja adquirido através da linguagem e dos símbolos pelas quais elas são representadas, é necessário compreender que:

A representação é o processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem para instituir significados. Essa definição carrega uma premissa: as coisas, os objetos, os eventos do mundo não têm, neles mesmos, qualquer sentido fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, entre culturas humanas, que atribuímos sentidos às coisas. Os sentidos, conseqüentemente, sempre mudarão de uma cultura para outra e de uma época para outra (HALL, 1997, p. 61).

Mas considerando as representações presentes nas sociedades da afrodiáspora, como o Brasil, o negro se vê sob a:

Óptica eurocêntrica, que institui sentidos de “normalidade” e “anormalidade”, estabelecendo como norma padrão o homem, branco, heterossexual, cristão. Os indivíduos que não correspondem a esse padrão são vistos como desviantes (FERNANDES; SOUZA, 2016 p. 104).

Visto que além de não possuir traços ou pele branca, acaba por ter que rejeitar suas tradições ancestrais ou ainda tendo que adaptá-las, como no caso do sincretismo religioso⁴. Ainda que segundo Hall (1993, p. 111), a identidade seja um “processo naturalizado, sobredeterminado, de fechamento”; é necessário pontuar a identidade subjetiva, que por sua vez segundo Munanga (2020, p. 11) “é a maneira como o próprio grupo se define ou é definido pelos grupos vizinhos”. Portanto, além do modo como ele se enxerga, o modo como outros grupos sociais veem o negro dentro da sociedade torna-se importante para o seu processo identitário. Afinal de contas, é a partir do seu reconhecimento enquanto ser social é possível estabelecer um processo de reconhecimento enquanto negro.

É preciso discutir ainda que a construção identitária do ser humano oriunda de um processo psíquico, o qual é denominado Ideal do Ego, porque faz parte do domínio simbólico do indivíduo. A psicanalista e pesquisadora Neuza Santos (1990) afirma que o Ideal do Ego é a instância que estrutura o sujeito psíquico, vinculando-o à Lei e à

⁴ Os africanos escravizados no Brasil, apesar da desumanização sofrida, buscaram - de forma consciente ou inconsciente - soluções práticas para resolverem problemas cotidianos, a partir de seus rituais religiosos. Com o passar dos anos, foram familiarizados com o contexto católico e assim puderam inferir transferências, adaptações e recriações culturais e religiosas. Essa forma de traduzir dois mundos religiosos distintos ajudou-os a manter vivas suas tradições religiosas ancestrais, ainda que mescladas com catolicismo.

Ordem. É o lugar do discurso. O Ideal do Ego é a estrutura mediante a qual "se produz a conexão da normatividade libidinal com a cultural". Mas, o Ideal do Ego do sujeito negro diverge da normativa deste processo, afinal de contas, este ideal é firmado pela utopia de uma possível brancura dado que:

O Ideal de Ego do negro, em contraposição ao que ocorre regularmente com o branco, é forjado desrespeitando aquilo que, em linguagem psicanalítica, denominamos regras das identificações normativas ou estruturantes. Estas regras são aquelas que permitem ao sujeito ultrapassar a fase inicial do desenvolvimento psíquico onde o perfil de sua identidade é desenhado a partir de uma dupla perspectiva: 1º) a perspectiva do olhar e do desejo do agente que ocupa a função materna; 2º) a perspectiva na imagem corporal produzida pelo imaturo aparelho perceptivo da criança (COSTA, 1990, p. 3).

Por conseqüente, compreende-se a complexidade dessa formação para todos os indivíduos, sendo ainda estreitamente maiores para indivíduos negros. Ainda que nas afrodiásporas e alguns países do continente africano, as sociedades sejam consideradas multirraciais, nas sociedades da América o que prevalece é o ideal hegemônico branco e racista, sustentados ainda pelo mito da democracia racial, como no caso do Brasil, dificultando a formulação de uma identidade negra e o fortalecimento dos variados tipos de racismo. De modo como afirma Bernardino (2002, p. 256):

O mito da democracia racial e o ideal de embranquecimento deram origem a uma realidade social em que a discussão sobre a situação da população negra foi identificada como indesejável e, até mesmo, perigosa. A recusa de reconhecer a realidade da categoria raça, tanto num sentido analítico quanto de intervenção pública, fez do regime de relações raciais brasileiro um dos mais nefastos e estáveis do mundo ocidental.

Dessa forma, tais perspectivas fomentaram ainda mais o sistema racista ao longo dos anos, o qual podemos definir como um sistema de discriminação "que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam" (ALMEIDA, 2019, p. 32). Que além das problemáticas políticas, econômicas e sociais deixadas pelo sistema racista escravocrata da brancura contra os africanos e seus descendentes, o racismo esconde sua verdadeira face, levando o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade da sua história étnica e

pessoal a partir da repressão e persuasão⁵. Uma vez que segundo Jurandir Freire Costa (1990, p. 10):

O tributo pago pelo negro à espoliação racista de seu direito à identidade é o de ter de conviver com um pensamento incapaz de formular enunciados de prazer sobre a identidade do sujeito. O racismo tende a banir da vida psíquica do negro todo prazer de pensar e todo pensamento de prazer.

Através das problemáticas racistas, o negro passa a desenvolver uma identidade atribuída, resultando assim na sua categorização, a fim de pressioná-lo a uma alteridade forjada, um lugar social que lhe impõe características de desacreditado, através do reforço de estereótipos como preguiçoso, ladrão, retardado, perverso, etc. Fazendo com que sua identidade pessoal seja subsumida à identidade social (FERNANDES; SOUZA, 2016).

Tendo em vista que a cor da pele e os traços negroides dos indivíduos negros, perante determinados grupos sociais, sejam os principais elementos para sua estigmatização, processo que foi definido como “esquema epidérmico racial” por Frantz Fanon (2008). Pois “o significante “negro”, assim como o “corpo negro”, é racializado, desconsiderando-se a memória histórica, a diversidade, o contexto social e cultural” (FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 107). O desenvolvimento das populações negras nos países da afrodiáspora, também se sucedeu por pelo processo de miscigenação, o que dificulta o processo de identificação de negros mas que reforça estereótipos. Grande parte da população brasileira, por exemplo, pode ser considerada miscigenada, mas:

Estas formulações correspondem a uma visão equivocada sobre o corpo, pois a identidade não pode ser considerada como decorrente das “evidências” corporais. Pois mesmo nas ideologias racista há nuances: o que é definido como negro ou branco no Brasil, não o é da mesma forma nos Estados Unidos ou na África do Sul. De um modo ou outro, no entanto, para as ideologias racistas “o corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar” (FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 105).

O sistema escravocrata foi abolido por meio da luta de negros africanos através da resistência à imposição e dominação desumana realizada pelo colonizador durante séculos, com os inúmeros traumas oriundos desse sistema, o negro tem seu psiquismo:

⁵ Jurandir Freire Costa (1990), Prefácio - Tornar-se Negro, p. 5.

[...] marcado com selo da perseguição pelo corpo-próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar este corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar. A amargura, desespero ou revolta resultantes da diferença em relação ao branco vão traduzir-se em ódio ao corpo negro. [...] a discriminação de que seu corpo é objeto, não dá tréguas à humilhação sofrida pelo sujeito negro que não abdica de seus direitos humanos, resignando-se à passiva condição de "inferior". Curiosa e trágica contradição. É no momento em que o negro reivindica sua condição de igualdade perante a sociedade que a imagem de seu corpo surge como um intruso, como um mal a ser sanado, diante de um pensamento que se emancipa e luta pela liberdade (COSTA, 1990, p. 6).

Além da tentativa do colonizador de inviabilizar a identidade dos indivíduos negros após a abolição através das práticas racistas da época - as quais como discutimos parágrafos acima, ainda são presente de maneira estrutural e institucional - inicia-se um movimento a fim de “dizer um basta definitivo à submissão do negro ao branco” (BERND, 1988, 34). O qual vai permitir que o indivíduo negro busque representação a partir de sua ancestralidade, pressuposto a desconstruir o conceito racista de raça e com a finalidade de construir uma identidade negra por meio da valorização de sua negritude enquanto ser humano e grupo.

2.2 Identidade em constante construção: o tornar-se negro

No subcapítulo anterior, compreendemos que a construção de toda e qualquer identidade é um processo mutável, social e cultural; o qual se é dado através de sentidos e representações; considerando ainda que esse processo diverge quando consideramos o modo de vida e a cultura dos indivíduos. Mas, é preciso destacar que o processo de uma pessoa negra não vai ser o mesmo de uma pessoa não-negra, pois ainda que estejam sob uma mesma cultura nacional, apenas um grupo étnico está sob uma visão positiva de características identitárias de sociedades colonizadas.

A visão deformada de tais qualidades, criada pelo europeu colonizador, que veio legitimar historicamente a dominação e o genocídio, direto ou indireto, dos indivíduos considerados “diferentes”, não-brancos, determina dificuldades para o desenvolvimento da identidade dos brasileiros afro-descendentes, além de efeitos nocivos nos relacionamentos pessoas, por serem suas construções simbólicas articuladas em torno de referências de identidade associadas a inferioridade e a outros valores vistos socialmente como negativos (FERREIRA, 2004, p. 47).

Desta forma, compreendemos a discrepância nos processos identitários entre tais indivíduos, os quais necessitam de representações para se desenvolverem de

forma auspiciosa e justa numa sociedade. Stuart Hall (2016, n.p.) define que a representação é “um processo pelo qual membros de uma cultura usam a linguagem (amplamente definida como qualquer sistema que emprega signos, qualquer sistema significativo) para produzir sentido”. Logo, é a sociedade que produz sentido por meio dos signos, que podem ser exemplificados como objetos, pessoas, dança, arte e etc. Pois por meio deles, os grupos sociais dão significação a eles, os quais “sempre mudarão de uma cultura ou período ao outro” (HALL, 2016, p. 108).

Além da representação, outros três fatores são essenciais para construção de uma identidade ou de uma personalidade coletiva, os quais podem ser definidos como: o fator histórico, o fator linguístico e o fator psicológico (MUNANGA, 2020). Podemos considerar contudo, o fator histórico como um dos elementos mais importantes quando discutimos a identidade negra, pois através deste conhecimento que o negro reconhece e passa compreender a sua complexidade num mundo construído sobre pilares embranquecidos.

O essencial para cada povo é reencontrar o condutor que liga a seu passado ancestral e o mais longínquo possível. A consciência histórica, pelo sentimento de coesão que ela cria, constitui uma relação de segurança mais certa e mais sólida para o povo. É a razão pela qual cada povo faz esforço para conhecer sua verdadeira história e transmiti-la às futuras gerações (MUNANGA, 2020, p. 20).

Portanto, a começar pela identificação com sua ancestralidade, através de uma consciência histórica, grupos de indivíduos negros passam a rejeitar os valores brancos impostos a eles e passam a entender a ancestralidade como representação. Durante um longo período, o negro foi pressionado pelo colonizador, essencialmente nas diásporas africanas, a rejeitar-se, fomentando crises na sua identidade. O negro foi ensinado a rejeitar sua negritude, sua história e sua cultura. Uma vez que foi enganado pela utopia a qual para se obter auto suficiência econômica ou ser privilegiado materialmente deveria se adaptar a padrões brancos, problemática essa resultante em crises na sua identidade (HOOKS, 2019).

Mas segundo Zilá Bernard (1988), a partir da tomada de consciência da situação de dominação e discriminação, inicia-se uma reação em busca pela identidade negra, movimento o qual pode ser definido como negritude. Pode-se dizer ainda que:

Houve negritude desde que os primeiros escravos se rebelaram e deram início aos movimentos conhecidos por *marronnage*, no Caribe,

cimmarronage, na América Hispânica, e *quilombismo*, no Brasil, iniciados logo após a chegada dos primeiros negros na América (BERND, 1988, p. 20).

Desta forma, compreende-se que mesmo com a discriminação praticada pelo colonizador e as crises de identidades sofridas pelos negros desde o período escravocrata, a negritude sempre foi um movimento unilateral à sua ancestralidade africana. Dado que a começar da:

Tomada de consciência de uma comunidade de condição histórica de todos aqueles que foram vítimas da inferiorização e da negação da humanidade pelo mundo ocidental, a negritude deve ser vista também como afirmação e construção de uma solidariedade entre as vítimas (MUGANGA, 2020, p. 20).

Ainda que rejeitados por parte da ordem social, mas pertencentes da sociedade, ao longo da história, a sociedade ocidental construiu significações, por meio de signos, ao corpo negro e sua linguagem. Desta forma, além da desumanização atribuída aos negros, a branquitude utilizou a cultura e a linguagem negra como forma de discriminá-los. A fim de ser movimento revolucionário a isso, a negritude:

[...] refere-se a um momento pontual na trajetória da construção de uma identidade negra, dando-se a conhecer ao mundo como um movimento que pretendia reverter o sentido da palavra negro, dando-lhe um sentido positivo" (BERND, 1988, p. 20).

Visando a valorização do negro por meio de seus traços negróides, sua cultura e sua ancestralidade, a negritude representa um processo de enxergar o negro enquanto algo belo. Na contemporaneidade, a cantora negra mundialmente conhecida Beyoncé⁶, através do filme *Black Is King*⁷, exalta a negritude ao afirmar que “éramos beleza antes que soubessem o que era beleza” (2020); servindo portanto, como recusa da significação negativa, desenvolvida pela branquitude, em relação ao negro.

⁶ Beyoncé é uma cantora, compositora, atriz e ativista negra norte-americana que ficou mundialmente conhecida no final dos anos 1990 com o grupo musical de R&B Destiny's Child, o qual permaneceu até 2006. Atuando desde 2003 em carreira solo, a cantora foi considerada em 2011 a artista do milênio segundo a Revista Billboard por sua grandiosa contribuição à música e cultura pop. Ao atingir a consolidação da sua carreira, desde 2013 a cantora veem utilizado seu trabalho para pautar de forma expressiva temáticas relacionadas à feminismo e negritude em suas produções musicais e audiovisuais. Atualmente (2020), Beyoncé tem alinhado seu trabalho às pautas do ativismo negro norte-americano.

⁷ *Black is King* (2020) é um filme dirigido, escrito e produzido pela cantora Beyoncé, lançado pela plataforma de streaming Disney+. O filme é considerado um álbum visual pois serve como complemento visual ao álbum, também produzido pela cantora, *The Lion King: The Gift*. *Black is King* é uma releitura do clássico "O Rei Leão" a partir de uma perspectiva afrofuturista, que apresenta a diversidade, conectividade e ancestralidade do continente africano, através da resignificação do ser negro.

A fim de estabelecer representações positivas sobre o “ser negro” e servindo como auxílio nos processos identitários de tais sujeitos. Uma vez que, tendo em vista as cicatrizes deixadas durante e após o período escravocrata, é necessário pontuar que:

O mundo negro da diáspora, ou seja, a dispersão dos negros pelo mundo em função da instituição escravista, dado o caos cultural em que se encontra, pelo processo de desterritorialização de que foi vítima tem uma necessidade premente de um discurso comum, de um cimento ideológico para se lembrar (BERND, 1988, p. 43).

Dado a isso, é necessário afirmar que a negritude não se é dada pela melanina escura da pele presente em povos negros, os quais são todos culturalmente diferente. Segundo Munanga (2020, p. 35):

À história comum que liga de uma maneira ou de outra todos os grupos humanos que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob nome de negros [...] o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas.

Afinal de contas, a identidade é um processo complexo e pessoal, reivindicar uma identidade negra por meio da negritude, portanto, é reivindicar a pluralidade cultural das milhares de culturas negras assim como à outras dimensões de identidade. De acordo com os estudos de Bernd (1988) sobre negritude, o sentimento de querer-se negro não anula outras afirmações identitárias como nacionalidade, sexualidade ou gênero. Logo, a identidade negra pode, assim como deve também, ser associada à pluralidade.

A negritude está presente nas afrodiásporas desde a prática do tráfico negreiro. Sendo o Brasil um país da diáspora africana, o qual grande parte da sua população descende de africanos escravizados, cerca de 55,8% (BARBOSA, 2019). É relevante destacar a influência da negritude ao organizar um movimento negro no país em meados da década de 1970, o qual denominou-se Movimento Negro Unificado (MNU), a fim de “desfazer o mito de que o Brasil é uma democracia racial e a conduzir formas sistemáticas de luta contra todos os tipos de discriminação racial” (BERND, 1988, p. 50). Tal movimento foi fundamental para disseminação dos conceitos trazidos pela negritude, essencialmente para ressignificar as temáticas envolvendo o termo “raça”:

Tal conceito se refere à construção social que reúne em si características físicas (percebidas culturalmente) e dados culturais. Este último conceito de raça, relacionado à identidade negra, foi reivindicação do Movimento Negro

Unificado (MNU) no Brasil. O MNU defendeu tal posição quando surgiu como interlocutor político importante no final dos anos 1970, na luta pela derrubada no regime militar. Durante os anos de ditadura, falar da questão racial era considerado impatriótico, alvo de repressão e o dado “raça” retirado de pesquisas oficiais. O MNU considerou como negros, além dos pretos, os que antes eram classificados como “pardos”. Nessa mesma época, de forma independente, no plano das ciências sociais, os trabalhos de Carlos Hasenbalg, de 1979, e de Nelson do Valle e Silva, de 1980, mostraram, inequivocamente, com base nos dados do IBGE, as desigualdades econômicas e sociais existentes entre brancos e negros, ou seja, entre brancos e aqueles que se auto definem como pretos e pardos. A partir desses trabalhos, essas diferenças não puderam mais ser explicadas por conjunturas históricas resultantes do escravismo nem como meras diferenças econômicas e políticas capazes de serem subsumidas a diferenças de classe de renda. No plano político, o MNU ressignificou o termo raça, inclusive para combater o racismo, forjando nova conotação para o conceito de identidade negra, ligando-a à cultura e ao restabelecimento da memória histórica da diáspora africana. No plano as ciências sociais, o termo raça foi adotado para designar as diferenças de oportunidades de vida, de cultura e de formas de tratamento peculiares ao grupo de afrodescendentes, daí por diante chamados de negros (FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 105).

Por consequente, a ressignificação dos termo “raça” proposta pelo MCU é de extrema importância ao relacionarmos aos ideais propostos pela negritude, uma vez que foi através dele que se obteve tal ressignificação. Afinal de contas, tratavam-se de ressignificações sobre o “ser negro”, especificamente ao ser negro numa sociedade colonizada. A negritude portanto, “pretendeu provocar uma ruptura com um padrão cultural imposto pelo colonizador como único e universal” (BERND, 1988, p. 20), a fim de estabelecer um novo modo de viver-se e declara-se como negro. Já que através da negritude, o negro enxerga “a possibilidade de construir uma identidade”, tarefa a qual, segundo Souza (1983), é eminentemente política. Desta forma, declarar-se negro é sobretudo, um ato político e ancestral, essencialmente em países da afrodiáspora onde:

Nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negróide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra. Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisionada numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegura o respeito às diferenças e que reafirma uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (SOUZA, 1990, p. 77).

Tornar-se negro é portanto, a construção positiva da identidade negra, diz respeito a um processo o qual envolve o entendimento do indivíduo sobre sua ancestralidade negra e o reconhecimento dela. Ainda que pelo psíquico individual de

cada um, os grupos sociais são fundamentais para o seu desenvolvimento. Como exemplifica Souza (1990) que, quando o grupo familiar na criação de um indivíduo negro, propõe o rompimento do modelo identitário proposto pelo colonizador e reconhece os valores da negritude, "o negro organiza as condições de possibilidade que lhe permitirão ter um rosto próprio", um rosto capaz de reconhecer sua pluralidade enquanto negro. Tal processo, contudo, pode ocorrer desde a infância, na adultização para outros ou ainda nem acontecer de fato para alguns, tendo em vista os seus grupos sociais. Mas o "ser negro", trata-se de uma reconstrução que pertence a um "processo de conscientização e valorização da negritude e pela construção política e sociocultural de sua identidade" (FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 116).

A visão proposta pelo colonizador branco ao longo da história sobre identidade negra foi eficaz ao dificultar o desenvolvimento positivo de uma identidade aos indivíduos negros. Tais representações negativas sobre a população negra "prejudicam as relações étnico-raciais entre negros e não negros ocasionando deturpação em suas identidades individuais e de grupo" (FERNANDES; SOUZA, 2016, p. 117) até hoje no mundo contemporâneo. Ainda que todo indivíduo negro, autodeclarado ou não, enfrente em algum determinado momento da sua vida crise de identidade, autoódio e negação perante sua negritude, a busca por um sistema de representações positivas sobre negritude torna-se uma desruptura à identidade negra atribuída pelo colonizador sobre ele. Em razão disso, segundo Hooks (2019, p. 63) o negro visualiza que amar sua a negritude é atuar como resistência política, transformando "nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam vidas negras".

Consideramos portanto que tal processo acontece por meio da tomada de consciência do indivíduo sobre ser negro, mas assim como acredita Munanga (2020), não é possível afirmar uma consciência idêntica entre todos os negros, ainda mais quando consideramos os contextos socioculturais, financeiros e religiosos diferenciados de tal população. Com base nisso, é preciso reconhecer a diversidade dos povos negros a partir do continente africano mas também das microcentrações negras dentro das próprias afrodiásporas. Ao analisar a afrodiáspora brasileira através das plataformas on-line, por exemplo, identifiquei uma relevante diversidade entre os negros do país. Sujeitos negros do Sul do país, ainda que possuam demandas

semelhantes ao de negros do Nordeste, não possuem a mesma consciência e vivência racial.

Contudo, podemos considerar a “tomada de consciência, a afirmação e a construção de uma solidariedade entre as vítimas do próprio racismo, possibilitando uma reabilitação dos valores das civilizações destruídas e de culturas negadas” (GOMES, 2002, p. 9) mediante a negritude. Pois assim como compreendemos em parágrafos anteriores, a representação é fundamental para o desenvolvimento da identidade. Desta forma, é imprescindível afirmar que representações negras positivas através da educação, política, mídia, propaganda e cibercultura são alternativas do mundo contemporâneo essenciais para o desenvolvimento dos processos identitários da negritude, os quais são capazes de fortalecer representatividade, identificação, reconhecimento ancestral e agrupamento negro. Tornar-se negro na contemporaneidade é portanto, uma construção por intermédio de um processo de composto por diálogos e representações, a qual pode ser vista como:

Uma construção social e individual se materializa na concretude de sujeitos sociais, dotados de identidade, corporeidade e memória. Esses sujeitos, ao se relacionarem com o mundo, o fazem a partir de uma diferença que não é só cultural e histórica, mas está inscrita num corpo, na cor da pele, nos sinais diacríticos que, mesmo sendo transformados por meio de uma intensa miscigenação, continuam carregados de africanidade. Africanidade e brasilidade inscritas num corpo, muitas vezes, de maneira tensa e ambígua. No corpo negro e mestiço do brasileiro e da brasileira, a africanidade, como conformadora da identidade negra, incorpora e, ao mesmo tempo, extrapola os sinais diacríticos. Ela está nos gestos, na expressão estética, na arte, na linguagem, na música, na maneira de ser e ver o mundo. É a complexa relação do corpo visto e vivido na cultura, e da cultura negra vista e vivida num corpo (GOMES, 2002, p. 42).

Desta forma, a identidade negra, como qualquer outra construção identitária, pode ser entendida como uma construção composta por elementos sociais, históricos e culturais. Ela não pode ser adquirida desde o nascimento do sujeito, pois trata-se de um processo múltiplo que acontece ao longo da vida do negro através desses elementos. O seu desenvolvimento ocorre através de um processo repleto:

De densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/ racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade (GOMES, 2002, p. 39).

Na contemporaneidade, tecnologias digitais tem servido como ferramenta para o desenvolvimento da negritude, por intermédio do agrupamento de grupos étnicos através das plataformas on-line, as quais possuem práticas e formatos, que participam da construção das identidades desse grupo. No próximo capítulo, entenderemos as plataformas on-line e o modo como essas ferramentas têm servido e atuado no agrupamento dos sujeitos contemporâneos, através de uma visão racializada, e de que forma elas vêm fomentando debates identitários.

3 A BRANQUITUDE TECNOLÓGICA: ENTENDENDO AS PLATAFORMAS ON-LINE

A tecnologia tornou-se a ferramenta central na transformação social trazida pela revolução industrial. Por sua vez, na contemporaneidade, podemos dizer que a internet e suas plataformas on-line representam uma das grandes revoluções do nosso tempo. Entretanto, o desenvolvimento desses conhecimentos tecnológicos ao longo da história foi definido mediante ciências eurocêntricas (SÁ, 2019). A tecnologia, principalmente as digitais, consolidam-se como uma criação desenvolvida a partir da brancura. Logo, a branquitude tornou-se o centro da tecnologia, replicando assim as suas visões. Logo, a significação de tecnologia desenvolvida ao longo da história colocou mais uma vez a normativa branca no centro, inviabilizando qualquer protagonismo negro e apagando as produções tecnológicas já desenvolvidas na terra-mãe africana pelos negros muito antes da revolução industrial:

A produção científica e tecnológica dos africanos, numa abrangência dos mais diversos campos do conhecimento, estabelece-se desde o desenvolvimento da vida, do surgimento do homo. Os estudos arqueológicos apontam para uma ancestralidade africana para toda a raça humana. Lucy, o fóssil de homínídeo mais antigo encontrado até agora, bem como dos demais Homo, são todos africanos. É hoje irrefutável a ancestralidade africana da raça humana, aquilo Diop (2014) vai chamar de “anterioridade africana”, num momento em que se nega a negritude quando esta está no cerne de todo o processo de hominização (SÁ, 2019, p. 47).

Desta forma, entende-se que a invisibilidade atribuída a negritude ao longo da história também foi estabelecida nos processos tecnológicos, desconsiderando que “os africanos foram protagonistas no desenvolvimento do conhecimento tecnológico produzido no mundo” (SÁ, 2019, p. 48) durante milênios em segmentos fundamentais para sobrevivência humana. Ao colocarmos o continente africano enquanto terra-mãe da humanidade, pautamos também o seu pioneirismo nas produções tecnológicas realizadas no continente e desenvolvidas nas afrodiásporas. Tecnologias as quais foram fundamentais para os desenvolvimentos que vivemos hoje na contemporaneidade, afinal de contas, as tecnologias acontecem através de evoluções, podemos então destacar a presença da negritude nos processos tecnológicos ao longo da história. Mesmo que a negritude tenha sido precursora nas produções tecnológicas no início dos tempos, a terminologia “tecnologia” sempre foi definida sob um viés embranquecido. Ao discutirmos estritamente as tecnologias

revolucionárias do mundo contemporâneo, ainda observamos o mesmo protagonismo branco.

A internet por sua vez, surge nos anos 1960 através de uma pesquisa encomendada pelo governo dos Estados Unidos a fim de estabelecer a comunicação entre militares norte-americanos durante a guerra fria contra a União Soviética. Mas, a revolução mundial provocada pela internet aconteceu de fato no fim dos anos 1980 com a World Wide Web (WWW). Os primeiros anos da rede foram estreitamente destinados a públicos restritos das áreas militares, políticas e acadêmicas para usos técnicos - na sua maioria branca. Ainda que sem atingir tão amplamente as massas, desde os anos 1990, a internet tornou-se parte da vida contemporânea. Essencialmente com o surgimento das tecnologias digitais, que serviram “como a infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (LÉVY, 2000, p. 32). Entretanto, o ápice dessa infraestrutura da internet se é dada no decorrer de 2005 com a conhecida segunda geração da web: a Web. 2.0.

A Web 2.0 é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo (PRIMO, 2007, p. 01).

Dessa forma, a principal mudança na internet neste momento não se dá por questões técnicas, mas sim em como a Web se modifica naquele momento através de aplicativos baseados em plataformas digitais e tecnologia da informação. A partir deste período passa-se a compreender a internet como um espaço mais aberto e menos especializado, marcado pela ascensão de serviços simplificados de produção e compartilhamento, viabilizando funções on-line que antes só poderiam ser conduzidas por programas instalados em um computador, que ao mesmo tempo é baseado na exploração de dados dos usuários. O período que marca a segunda geração da internet, assegurava funcionar como um “conjunto de práticas e inovações que prometiam "democratizar", "horizontalizar" ou "descentralizar" as relações interpessoais, a política, a economia” (D'ANDRÉA, 2020, p. 13), a fim de funcionar de forma prática e diversa, tornando-se parte da vida humana.

A descentralização das relações interpessoais, através das conhecidas redes sociais da internet, pode ser considerada um das transformações marcantes da

história da comunicação em mídias digitais. A facilidade em estabelecer comunicações entre grupos sociais faz parte dessas que eram uma das promessas da segunda geração da web. A prática de relações sociais digitais acontece através do suporte dos sites de redes sociais, os quais trabalharemos na presente pesquisa como plataformas on-line com base nos estudos de “plataformização da web” de Carlos d’Andréa (2020). Isso porque, plataformas on-line é a definição a qual abrange de forma mais clara a complexibilidade dos esses serviços por meio de sua infraestrutura, usabilidade, políticas, publicizações etc. Através dos estudos concebidos pelo autor, as plataformas on-line presentes na internet buscam “reorganizar relações interpessoais, o consumo de bens culturais, as discussões políticas, as práticas urbanas, entre outros setores da sociedade contemporânea” (2020, p. 8). Essencialmente quando falamos dos sites de redes sociais, os quais transformaram-se dentro da internet, onde segundo Tarcízio Silva (2020) vivemos na prática:

O diagnóstico da “plataformização” da web tomou forma através da percepção de que, gradualmente, ambientes digitais como Facebook estenderam-se para toda a web em uma espécie de integração que priorizou a concentração de dados e valor – inclusive financeiro – em poucas empresas. A plataformização transformou sites de redes sociais em plataformas de mídias sociais, nos termos de Helmond, que adiciona que, como “modelo de infraestrutura, plataformas de mídias sociais fornecem um framework tecnológico para que outros construam sobre [...] direcionado a sua expansão sobre o resto da web” (HELMOND, 2015, p. 3 apud SILVA, 2020, p. 130).

À vista disso, entendeu-se que os anteriormente chamados sites de redes, tornaram-se plataformas de mídias sociais. A internet por sua vez, estendeu-se em um diverso acervo de plataformas on-line, as quais vivem numa crescente dos mais variados setores. Dado a isso, entendemos que na internet contemporânea, as plataformas são diversas e funcionam para além do objetivo de estabelecer relações interpessoais on-line. Mas também construir serviços a partir de produtos culturais, logísticos, comerciais e tantos outros. Isto posto, Araújo (2020) define que as plataformas on-line “são as infraestruturas sociotécnicas de conglomerados” que “baseados na organização e interação entre usuários a partir da sistemática de coleção, processamento e monetização de seus dados” organizam-se através de técnicas algorítmicas. Contudo, é preciso destacar que tais plataformas “se consolidam a partir de um modelo centralizado de fluxos informacionais e financeiros”

(D'ANDRÉA, 2020, p. 13), o que ocasiona nesse ecossistema distribuído e diverso das plataformas.

Além disso, o crescimento delas também se é dado pelo constante capital financeiro aberto por elas, levando em conta:

As lógicas e os constrangimentos mediados pelas plataformas moldam uma economia de mercado baseada em movimentações financeiras transnacionais de forte caráter especulativo e que acirra desigualdades e assimetrias em âmbitos locais e globais (D'ANDRÉA, 2020, p. 29).

Portanto, ainda que esse universo proporcione um sistema prático de serviços para seus usuários, é preciso destacar as desigualdades também proporcionadas por elas, diretamente ou indiretamente. A fim de se aproximarem dos pilares trazidos pela Web 2.0 de proporcionar um sistema democrático de usabilidade na internet, as plataformas digitais costumam estabelecer políticas internas para uma melhor experiência:

Estabelecer regras, negociar condutas, identificar e decidir o que é ou não publicável: todas essas são ações ao mesmo tempo estratégicas e cotidianas que dão sustentação ao funcionamento de uma plataforma *online*. Para que, retoricamente, o Facebook ou o Twitter tentem se denominar espaços “abertos” ou “democráticos”, um extenso conjunto de regras, procedimentos incorporados às interfaces, algoritmos, moderadores humanos etc. atuam para garantir que um “bom uso” dos serviços prevaleça. Chama-se de governança de uma plataforma um conjunto heterogêneo de mecanismos e práticas de ordem técnica, política, jurídica e comercial que regulam seu funcionamento (D'ANDRÉA, 2020, p. 34).

No universo das plataformas on-line, entende-se que proporcionar ao usuário uma experiência positiva de usabilidade e interação seja uma das premissas base. Entretanto, a lógica de proporcionar boas experiências acontece mediante o modelo de negócio das plataformas, as quais consistem na monetização através de anúncios publicitários; principalmente nas plataformas ditas “gratuitas”, no caso das plataformas pagas, a monetização ocorre além da pagamento mensal de seus usuários, através do lucro proporcionado pelos dados. Portanto, a lógica desses negócios consiste em manter o usuário na plataforma a fim de garantir a visualização dos anúncios publicitários de terceiros dentro dela. Para isso, segundo d'Andréa (2020), o incentivo para o compartilhamento dos dados (demográficos, de hábitos, usabilidade, preferências etc.) direto nas plataforma seja uma prática constante, tendo em vista que através disso seja possível o cruzamento de dados e a segmentação de perfis

para a melhor prática das ferramentas da plataforma, sejam elas publicitárias ou não. Por consequente, segundo Araújo (2020) as plataformas on-line tornaram-se:

[...] um modelo contemporâneo de organização de práticas sociotécnicas que incorpora aos processos que abrigam dinâmicas dirigidas por algoritmos e dados digitais. São arquiteturas desenvolvidas para organizar a interação entre usuários a partir da sistemática coleção, processamento e monetização dos seus dados (VAN DIJCK; POELL; WALL, 2018 apud ARAÚJO, 2020, p. 5).

Em outras palavras, “as plataformas se apropriam das lógicas de conexão e as potencializam como parte de uma estratégia – comercial sobretudo – que visa incentivar usuários a deixar rastros de suas relações, preferências etc.” (D’ANDREA, 2020, n.p.).

Afinal de contas, “o modo como as plataformas, mais do que revelar, constituem novos públicos a partir dos dados que priorizam e das preferências do mercado” (D’ANDREA, 2020, p. 29). Dado a isso, entendemos que cada plataforma on-line possui na realidade um modelo de negócio, o qual pode variar de acordo com os objetivos da mesma e que podem ser transformados por meio da vivência dos usuários sobre a real utilização da plataforma. Como no caso do Twitter, que conforme aponta d’Andrea (2020), modificou-se e passou a se considerar uma “empresa de informação” ao longo tempo. A plataforma digital Twitter por sua vez, também pode ser analisado como um exemplo ao desenvolver-se através da demanda de usabilidade dos usuários, essencialmente pelas ações gramatizadas:

As plataformas procuram padronizar as ações possíveis e viabilizar seu armazenamento e intercâmbio na lógica da datificação, além de induzir mediações algorítmicas baseadas em métricas de engajamento. Muitas dessas funcionalidades, vale lembrar, foram propostas inicialmente por usuários das plataformas e, só posteriormente, incorporadas à operação de suas interfaces e aos seus modelos de negócio. No Twitter, esse é o caso do retuite (RT) e das *hashtags* (D’ANDRÉA, 2020, p. 40).

Desta forma, compreendemos a lógica das plataformas em aperfeiçoar suas ferramentas algorítmicas a fim de atingir seus próprios objetos de negócio. A lógica inicial por trás das plataformas da internet em sua primeira ideologia consiste em facilidade e conveniências para vida contemporânea. Contudo, suas problemáticas vêm sendo discutidas em diversos âmbitos da sociedade, essencialmente pelas desigualdades raciais e questões de saúde mental oriundas dela. A origem das empresas de plataformas on-line mais poderosas da internet se originam no estado

norte-americano da Califórnia. O Vale do Silício ficou conhecido mundialmente pela bolha de empresas ligadas a tecnologia e internet residentes no território. Mas segundo Jessie Daniels (2015), também pela articulação ideológica do “daltonismo racial” presente no local através da inserção em sua cultura e nas práticas digitais, “ela detalha as maneiras pelas quais a branquitude é incorporada nas arquiteturas da web, desde mecanismos “mestre” e “escravo” à profunda desigualdade social entre os trabalhadores da área de tecnologia, do Norte ao Sul global” (NOBLE; ROBERTS, 2020, p. 40). Neste momento compreende-se que o conjunto das plataformas on-line é construído sobre os pilares da branquitude, os quais constituem seus modelos de negócio por intermédio das perspectivas de suas normativas eugênicas, conforme descreve Noble e Roberts (2020, p. 41) sobre o Vale do Silício:

Um meio de perpetuação de uma heteronormatividade branca e masculina que é sentida de forma explícita e negativa por muitos daqueles que não se encaixam nessas identidades. É uma das muitas formas pelas quais o viés é operacionalizado no Vale do Silício, mas sua representação poética como simples questões de gosto e visão de mundo ofusca a discriminação que faz parte de uma cultura estadunidense mais ampla e que é refletida e reificada no Vale do Silício.

Ainda que ideologicamente a maioria das plataformas on-line sejam feitas para uma escala global e diversa de pessoas, elas são construídas através do: “pensamento problemático de parte de uma elite tecnológica do Vale do Silício que é homogênea em termos de raça, formação e classe, e cujas escolhas de design e fabricação de produtos têm implicações para as populações de todo o mundo” (NOBLE; ROBERTS, 2020, p. 42). Por conseqüente, entendemos a internet e as plataformas nela presentes, como um espaço embranquecido, afinal de contas, constituem-se sobre visões homogêneas e brancas. Em contrapartida, a presença de pessoas não-brancas na internet é uma realidade, é nesse espaço que os indivíduos cosmopolitas se comunicam e expõem suas identidades. Por sua vez, casos de racismo on-line e racismo algoritmo são frequentes na internet, práticas as quais dificultam os processos identitários dos não-brancos, essencialmente dos negros. Portanto, questiona-se de que modo a negritude tem estabelecido suas identidades dentro desse espaço e em quais plataformas tem feito isso?

3.1 Informativa e instantânea: a complexidade do Twitter

As plataformas on-line tornaram-se na contemporaneidade uma maneira predominante para estabelecer-se relações sociais. Os inicialmente conhecidos como sites de redes sociais, tornaram-se ao longo do tempo plataformas de mídias sociais, dado que foram oriundas dos processos da plataformização da web. Tais plataformas caracterizam-se essencialmente por proporcionar ao usuário:

- (1) construir um perfil público ou semi-público dentro de um sistema fechado,
- (2) articular uma lista de usuários com quem dividia uma conexão e (3) ver e percorrer sua lista de conexões e aquelas feitas por outros dentro do sistema (BOYD; ELLISON, 2007 apud RECUERO 2012, p. 206).

Ainda que segundo Recuero (2012), às plataformas de mídias sociais possam ser caracterizadas como meios de comunicação emergentes, pela capacidade de difundir informações em escala global, elas modificam-se de acordo com os objetivos e ferramentas disponibilizadas por cada plataforma. Como no caso do objeto estudado nesta pesquisa, o Twitter, o qual possui como modelo e objetivo de negócio ser uma plataforma de informação instantânea. Sua proposta consiste em permitir aos usuários “descobrir o que está acontecendo no mundo neste exato momento, compartilhar informações instantaneamente e se conectar com pessoas e empresas do mundo todo” (TWITTER BUSINESS, 2020, n.p.). Segundo Santaella e Lemos (2010, p. 66):

O Twitter serve como um meio multidirecional de captação de informações personalizadas; um veículo de difusão contínua de ideias; um espaço colaborativo no qual questões, que surgem a partir de interesses dos mais microscópicos aos mais macroscópicos, podem ser livremente debatidas e respondidas; uma zona livre - pelo menos até agora - de invasão de privacidade que domina a lógica do capitalismo corporativo neoliberal que tudo invade até mesmo o ciberespaço.

Presente na internet desde 2006, a plataforma diferencia-se das demais plataformas de mídias sociais presentes na internet contemporânea, essencialmente por sua proposta de “ágora digital global” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 66), a qual consiste em definir sua complexidade em “universidade, clube de entretenimento, “termômetro” social e político, instrumento de resistência civil, pacto cultural, arena de conversações contínuas”. Ao ingressar na web, os seus desenvolvedores tinham por objetivo fazê-la servir como o “SMS da internet”, com a exata limitação de caracteres de uma mensagem de celular. Mais de uma década desde a sua criação, a mídia

social possui mais de 500 milhões de usuários, sendo que a maioria deles vem do seu país de origem, com 141 milhões de usuários. Ao longo dos anos, a plataforma passou por diversas transformações, contudo, sempre foi clara ao comunicar-se com seus usuários por intermédio da questão que gera todos os conteúdos publicados na plataforma: “*What’s happening?*”.

[...] ao acessarem a mídia social, deparam-se com a pergunta: *What’s Happening?* (O que está acontecendo?). As postagens, que, em tese, respondem a essa pergunta, são chamadas de *tweets*. A plataforma tem funcionalidades como: *mentions* (menções), postagens que mencionam outros perfis e pelas quais se pode dialogar; *replies* (respostas), que possibilitam ao usuário responder à menção de uma postagem ou a qualquer outro *tweet* e, ainda, a função like (gostar), que permite ao usuário mostrar ao dono da postagem que ele favoritou/gostou daquele *tweet* (VITAL; TONUS, 2018, p. 342).

Inicialmente, a proposta da plataforma foi assemelhar-se a um SMS de celular, fornecendo apenas uma caixa de texto de até 140 caracteres para os usuários escreverem seus conteúdos. Entretanto, atenta às demandas da sua comunidade de usuários e impulsionados pelas transformações das redes ao longo dos anos, atualmente o usuário pode escrever *tweets* de até 280 caracteres. As principais ferramentas da plataforma são formadas por *tweet*, resposta, *retweet*, curtir, menção e *hashtag*. Os *tweets* são as mensagens publicadas na plataforma, que podem conter texto, fotos, *links* ou vídeos; a resposta envia uma resposta a um *tweet* de qualquer pessoa, uma funcionalidade de interação direta entre os usuários; o *retweet* consiste em compartilhar um *tweet* de outra pessoa com os seguidores; curtir é o modo de mostrar que o usuário reconheceu e gostou de determinado conteúdo ali visto; a menção é o modo de chamar atenção ou escrever um *tweet* direcionado a algum usuário específico; e por fim as *hashtags*, que por sua vez são simbolizadas por “#”.

Seu objetivo é demarcar palavras-chave de assuntos na mídia social. Por meio delas, há como fazer pesquisas de temas, cobertura em tempo real e ficar por dentro das discussões ou assuntos mais comentados. As *hashtags* são recorrentes nas postagens e podem expressar sentimentos (VITAL; TONUS, 2018, p. 342).

Tal funcionalidade é vista como o maior benefício da plataforma como ferramenta de mobilização, engajamento e interação entre pessoas, afinal são capazes de gerar impacto político e social, principalmente quando entram na lista de outra ferramenta da plataforma: os *Trending Topics*. Essa ferramenta consiste em armazenar as

hashtags e palavras mais mencionadas na plataforma naquele momento, podendo ainda ser filtrada por localização.

O Twitter enquanto uma plataforma de mídia social tornou-se em mais de uma década, uma das maiores empresas do segmento por gerar bilhões de dólares anualmente, mas também por impactar significativamente o modo de compartilhar informação e reunir grupos sociais na contemporaneidade, essencialmente por fornecer coletividade através de suas funcionalidades. A plataforma funciona como “um meio de comunicação que os usuários, engajados, utilizam não só para entretenimento, mas também para mobilizações políticas, sociais, eleitorais e organizacionais” (VITAL; TONUS, 2018, p. 343). Desta forma, o modo de compartilhar informações de maneira instantânea para milhões de pessoas diariamente proposto pela plataforma atua como uma importante ferramenta para a disseminação, reunião e engajamento de ideologias ao redor do mundo através da internet, tendo em vista que:

A utilização do Twitter para engajamento e participação em colaboração intelectual on-line é um exemplo que demonstra como o encadeamento de respostas e o entrelaçamento de ideias em fluxos coletivos pode ser um processo complexo, que envolve dinâmicas de interação em tempo real. Essa é uma mídia que pode ser usada simultaneamente para engajar os membros de uma comunidade ao redor de uma ideia, aferir o entendimento coletivo do grupo sobre determinado conceito, e também para detectar lideranças e tendências. Tudo isso em tempo real (SATAELLA, 2010, p. 82).

De fato, a utilização do Twitter faz parte da vida de muitos sujeitos cosmopolitas. A plataforma tem distribuição global na internet desde sua criação em 2006 na Califórnia. Coincidentemente, duas afrodiásporas do continente americano lideram atualmente (2020) em números de contas ativas na plataforma, os Estados Unidos e o Brasil, respectivamente. Por consequente, a presença de negros descendentes de africanos escravizados nesta plataforma de mídia social é uma realidade, assim como a de negros do próprio continente africano. Ao longo da popularização da plataforma ao longo dos anos dentro de tais grupos, notou-se que as funcionalidades do Twitter serviu para reunir coletivos e compartilhar ideologias sobre a negritude em tempo real, essencialmente as voltadas para os movimentos políticos que envolvem os negros. Mas ainda que sirva de modo positivo para a comunidade negra na comunicação digital, as políticas de zona livre proporcionada pela plataforma não protege tais sujeitos, essencialmente as mulheres negras, as quais tem 84% a mais de chances

de serem mencionadas em *tweets* abusivos ou problemáticos dentro da plataforma⁸. É no Twitter também onde diversos casos de racismo on-line e racismo algoritmo foram denunciados e expostos nos últimos anos.

Por sua vez, entende-se que tal plataforma também passa pelo processo de branqueamento desde a sua origem, uma vez que além de surgir no conglomerado tecnológico da Califórnia, de acordo com a pesquisa citada anteriormente, não possui controle ou proteção para casos de preconceitos contra pessoas não-brancas, essencialmente as pessoas negras. Contudo, tais sujeitos ainda fazem parte da plataforma e a utilizam para denunciar as injustiças vividas no mundo on-line, mas também no off-line, assim como se agrupam enquanto indivíduos sociais e com ideologias. Conseqüentemente, compartilham suas vivências através das ferramentas fornecidas pela plataforma, a fim de viver suas contemporaneidades, compartilhando e também formando suas identidades.

⁸ Um estudo feito pela Anistia Internacional e pela startup Element AI, revelou através da análise de 288 mil tweets que uma mulher é agredida a cada 30 segundos no Twitter (FIORE, 2018). Ao fazer um recorte acerca de etnias, essa probabilidade aumenta em 34% para mulheres negras, asiáticas, latinas ou mestiças. Por sua vez, no caso das mulheres negras essa porcentagem chega a até 84%. A pesquisa define a plataforma como um lugar tóxico para as mulheres em geral.

4 CYBERCULTURE vs BLACK CYBERCULTURE

Ao estabelecer-se como um espaço de informação e comunicação popular entre a sociedade a começar do final do século XX, as mudanças sociais causadas pela internet começaram a ser entendidas como novas instâncias, designadas pelos termos ciberespaço e cibercultura. Visto que como define Lévy (2000, p. 17):

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos navegam e alimentam esse universo. Quando o neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de prática, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

Neste momento, entendeu-se a internet como um novo espaço da realidade, o ciberespaço, e as práticas desenvolvidas nele como a cibercultura. A transformação social provocada pela cibercultura na sociedade, e especialmente na comunicação, transformou a realidade a caminho de naturalizar-se como um novo padrão. Hoje, estamos todos conectados e a cibercultura já não pode ser diferenciada de outras formas de cultura.

No princípio dessa discussão, Lemos e Lévy (2010, p. 22) identificaram que essa nova dimensão da vida chamada de cibercultura:

Modifica hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição de informação, criando novas relações no trabalho e no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social.

Entretanto, ainda que tais autores definam o ciberespaço como um novo espaço da sociedade global e a cibercultura como uma modificadora de hábitos sociais, é preciso destacar que apesar das transformações causadas pela cibercultura, "substancialmente a vida em todos os seus aspectos e já não se pode pensá-la distante das mediações digitais" (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 22). Primo (2013) destaca que não é possível definir a cibercultura e a indústria midiática isoladamente, como um espaço utópico.

Desde a sua criação no século passado até as suas transformações no atual século XXI, a internet tem uma trajetória marcada por constantes modificações. A comunicação digital permitiu que a sociedade enxergasse esse espaço como uma

área nova e livre para expressar-se. Porém, ao mesmo tempo, tornou-se um espaço para propagação do discurso de ódio e desinformação.

Na contemporaneidade, a internet tem servido como um ambiente profícuo para as construções identitárias, fomentando distintos processos identitários. Entretanto, os recentes estudos do autor André Brock Jr. (2020, n.p.) afirmam que “a identidade on-line tem sido muito confundida com a branquitude, mesmo que seja significada como identidade universal, sem raça, tecnocultural”. Por sua vez, desde a sua inicial definição como cibercultura, as práticas desenvolvidas pelos usuários na internet surgem sob a perspectiva hegemônica. Uma vez que como nas esferas históricas, políticas, sociais e econômicas, mas especialmente nas tecnológicas como na presente discussão, as minorias étnicas (negros e índios) possuem uma posição subordinada e desfavorecida desde o início da revolução provocada pela comunicação digital:

A chegada de novas tecnologias, como a Internet, exacerbou as desigualdades existentes porque beneficiaram em maior escala aqueles que já tinham acesso a outros recursos do que pessoas que tinham menos recursos (Katz et al. 1974; de Haan 2004; Vermaas & van de Wijngaert 2004; van Dijk 2006). Se nos concentrarmos no acesso básico e no uso da Internet, vemos lacunas importantes entre os grupos raciais (Hoffman & Novak 1998; Spooner & Rainie 2005) (CORREA; JEONG, 2010, p. 639, tradução nossa).⁹

Todavia, a inserção da internet na vida contemporânea, ainda que descrita de maneira revolucionária e democrática, não pode ser considerada um momento diverso e acessível. Por consequente, a internet constituiu-se por meio de desigualdades sociais, que privilegiou a branquitude e excluiu grupo minoritários, principalmente negros africanos e afrodescendentes. O que de certo modo, pode ter tornado o ambiente digital um espaço embranquecido. Contudo, Correa e Jeong (2011, p. 639) acreditam que a flexibilização ao acesso à internet e a medida como as pessoas estão utilizando:

A Web para comunicar-se, recuperar informações e contribuir com conteúdo, acadêmicos e formuladores de políticas estão mudando o foco de uma conceituação simplista e binária de acesso à Internet para uma abordagem

⁹ Versão original em inglês extraída do texto: “*The arrival of new technologies, such as the Internet, exacerbated existent inequalities because they benefited at greater rates those who already had access to other resources than people who had less resources (Katz et al. 1974; de Haan 2004; Vermaas & van de Wijngaert 2004; van Dijk 2006). If we focus on basic access and usage to the Internet, we see important gaps among racial groups (Hoffman & Novak 1998; Spooner & Rainie 2005)*”.

mais avançada e complexa que envolve usos diferenciados do Web que vão da navegação à participação ativa na Web através da criação de conteúdo.

O que nos faz visualizar diferentes formas de comunicar-se e de estabelecer identidade no ambiente digital, essencialmente para grupos minoritários. A pesquisa de Miller e Stater (2004) na afrodiáspora de Trindade e Tobago afirma que a internet tornou-se uma expressão da identidade para os sujeitos do país. De modo como estuda Brock Jr. (2020), tal descoberta está em contraste direto com estudos que afirmam a constante pressão da tecnologia perante usuários não-brancos a se adaptarem à cultura dominante e também se opõe a crenças baseadas em déficits de longa data sobre pessoas de cor e tecnologias de informação. Os respectivos autores acreditam que:

[...] os trinidadianos encontraram maneiras de tornar a internet Trinidadiana em pensamento e ação. Miller e Slater escrevem: “Os trinidadianos têm uma ‘afinidade natural’ pela a internet. Essa revelação da cultura não-branca manifestada por meio da tecnologia da informação foi alucinante para mim na era da divisão digital, quando muitos argumentaram que os negros americanos eram deficientes tecnologicamente e computacionalmente. As lições que aprendi com Miller e Slater, então, são igualmente aplicáveis aos usos afro-americanos da tecnologia da informação e comunicação: O povo negro tem uma afinidade natural com a internet e a mídia digital (BROCK JR., 2020, n.p., tradução nossa).¹⁰

Estabelecer ao ambiente on-line uma identidade única e universal é ilusório. Uma vez que assim como no mundo off-line, grupos minoritários sempre foram silenciados ao longo da história. A afirmação trazida por Brock Jr. (2020) sobre a afinidade natural do povo negro com a internet, se estabelece a partir da rejeição da negritude sob a normativa proposta pelas tecnologias relacionadas ao uso de computadores. A qual consiste numa identidade padrão do uso da internet, que é enfaticamente branca, masculina e de classe média. Afinal de contas, durante muito tempo o discurso de “daltonismo” foi atribuído sobre o ambiente digital, por não ser capaz de enxergar determinadas cores e que logo, ignorou questões relacionadas à raça. Contudo, o autor afirma que com a crescente presença de grupos marginalizados na web, essa

¹⁰ Citação original em inglês: “[...] *the Trinidadians found ways to make the internet Trinidadian in thought and in deed. Miller and Slater write, “Trinidadians have a ‘natural affinity’ for the internet. This revelation of nonwhite culture manifested through information technology was mind-blowing to me in the era of the digital divide, when many argued that Black Americans were technologically and computationally deficient. The lessons I learned from Miller and Slater, then, are equally applicable to African American uses of information and communication technology: Black folk have a natural affinity for the internet and digital media”.*

atribuição passa a modificar-se. Essencialmente porque tais grupos recorrem às plataformas on-line para criar e manter suas identidades, mas sobretudo revelá-las como uma forma de resistência. Brock Jr. (2020) ainda afirma que as:

Comunidades raciais podem se unir de forma on-line para fortalecer a identidade (Byrne, 2008), já que a Internet permite que grupos marginalizados reformulem suas identidades virtuais (Amichai-Hamburger, McKenna e Tal, 2008) para resistir a representações hegemônicas e estereotipadas (BROCK JR., 2020, p. 353, tradução nossa).¹¹

Dessa forma, entendemos o ambiente digital como um espaço prático para o desenvolvimento de identidades, mas sobretudo para o fortalecimento de identidades que divergem das normas hegemônicas estabelecidas ao longo dos séculos nas estruturas da sociedade. Visto que encontram ali a liberdade de expressarem-se e reunirem-se enquanto grupos, mas acima de tudo para resistirem enquanto sujeitos plurais da contemporaneidade. Através das práticas digitais, Brock Jr. (2020) afirma que nós enquanto negritude, nos encorajamos a apreciar e desenvolver a identidade negra, servindo como uma reivindicação a inferioridade digital atribuída aos negros ao longo dos anos. Segundo o autor, através dessas garantias “o poder redutivo do retorno fenomenológico é significativamente diminuído graças aos recursos dos espaços digitais e on-line” (BROCK JR., 2020, n.p., tradução nossa). Todavia, tal prática faz com que os negros utilizem tecnologias que não foram projetadas para ou sobre eles de maneiras que confundem as análises de tecnologia tradicionais. O que resulta em práticas digitais específicas da negritude no ambiente on-line, tendo em vista a afinidade dos negros com a internet e o seu modo de expressar-se através de conteúdos culturais, mas também digitais:

O uso de tecnologia da informação negra destaca o capital técnico e cultural negro enquanto desorganiza as normas brancas, masculinas e de classe média da tecnocultura ocidental. A prática digital negra desafia essas normas por meio do deslocamento, da performatividade, do pathos e do uso explícito de lugares-comuns da cultura negra. Essas práticas são otimizadas para a eficiência comunicativa em suas respectivas mídias, com base no prazer da expressão linguística criativa e nas práticas e experiências históricas e discursivas de fugir da vigilância racial branca à vista de todos (BROCK JR., 2020, n.p., tradução nossa).¹²

¹¹ Citação original em inglês: “*Racial communities can unite online to strengthen identity (Byrne, 2008), as the Internet allows for marginalized groups to reframe their virtual identities (Amichai-Hamburger, McKenna, & Tal, 2008) to resist hegemonic, stereotypical depictions*”.

¹² Citação original em inglês: “*Black information technology use highlights Black technical and cultural capital while disrupting the white, male, middle-class norms of Western technoculture. Black digital practice challenges these norms through displacement, performativity, pathos, and the explicit use of Black cultural commonplaces. These practices are optimized for communicative efficiency on their*

Teresa Correa e Sun Ho Jeong (2010), evidenciaram que grupos minoritários são ativos criadores de conteúdo nas plataformas de mídias sociais. A pesquisa realizada entre adolescentes estadunidenses pelos autores descobriu que “os afro-americanos eram mais propensos do que os brancos a se engajar civicamente e participar de atividades políticas em ambientes *online*” (CORREA; JEONG, 2010, p. 641), descobertas semelhantes foram realizadas por meio da pesquisa “*Pew Internet and American Life Project*” (2010) quando revelaram que negros e hispânicos eram mais propensos a usar plataformas de mídias sociais em relação aos brancos. Entretanto, ainda que a negritude possua uma presença importante e ativa nas plataformas on-line nas últimas décadas da internet contemporânea, os negros raramente são associados à internet e as suas plataformas. Brock Jr. (2020) afirma que tecnologia de informação e comunicação geralmente não são atribuídas aos negros. Por sua vez, o autor enquadrada a identidade negra on-line e as práticas digitais da negritude como *Black Cyberculture*. Uma definição que incorpora os primeiros termos estudados em relação ao espaço on-line, o ciberespaço e a cibercultura; e por fim a tecnocultura, que pode ser entendida como as relações entre cultura, à tecnologia e suas políticas. Brock Jr. (2020, n.p., tradução nossa) define a *Black Cyberculture* como:

[...] a natureza multifacetada da identidade negra mediada por vários artefatos digitais, serviços e práticas tanto individualmente quanto em conjunto - ou negritude como; uma identidade informativa baseada em: expressões libidinais on-line e práticas de alegria e catarse por ser negro; expressa por meio de relações semióticas e materiais entre conteúdo e hardware e performances de código e fenômenos culturais on-line como a cibercultura negra; na intersecção da cultura digital e negra, a cibercultura negra oferece uma filosofia cultural transformadora de representação, tecnocultura, política e vida cotidiana.¹³

O pensamento desenvolvido por André Brock Jr. (2020) de uma *Black Cyberculture*, ou cibercultura negra em tradução literal, trata-se do ambiente digital sob a usabilidade e as práticas da negritude. Brock Jr. (2020) afirma que os usuários

respective media, drawing from a pleasure in creative linguistic expression and the historical, discursive practices and experiences of evading white racial surveillance in plain sight”.

¹³ Citação original em inglês: “[...] *the protean nature of Black identity as mediated by various digital artifacts, services, and practices both individually and in concert—or Blackness as; an informational identity premised on: libidinal online expressions and practices of joy and catharsis about being Black; expressed through semiotic and material relationships between content and hardware and code performances and cultural phenomena online as Black cyberculture.; at the intersection of the digital and Black culture, Black cyberculture offers a transformative cultural philosophy of representation, technoculture, politics, and everyday life*”.

negros da tecnologia não podem ser enquadrados na mesma identidade racial da branquitude e a ideologia racial branca, as quais tornaram-se a normativa nos ambientes on-line. Segundo o autor, “torna-se necessário interrogar como os negros dão sentido à sua existência como usuários e como sujeitos dentro de artefatos, serviços e plataformas tecnológicas avançadas”¹⁴ (BROCK JR., 2020, n.p.), tradução nossa), o que por sua vez justifica a importância de um novo olhar da sociedade, essencialmente as tecnológicas, sob a usabilidade da negritude nos ambientes digitais.

Nos últimos anos, o aumento da pesquisa em relação às práticas da negritude nas plataformas on-line se deu essencialmente pela aumento das produções e a presença dos negros nas plataformas de mídias sociais. Pesquisas que revelam a participação de negros e negras, essencialmente os afro-americanos, em plataformas como Facebook e Twitter tem crescido exponencialmente. Por sua vez, no Twitter, Smith (2014) revelou que afro-americanos usam o Twitter em números superiores à sua representação demográfica. Logo, nos Estados Unidos da América, negros utilizam em maior proporção a plataforma de mídias sociais em relação aos brancos, esse fenômeno da *Black Cyberculture* deu origem ao *Black Twitter*, o também definido por Brock Jr. (2020) como Twitter africano-americano. Segundo Harlow e Benbrook (2019):

O termo apareceu pela primeira vez no índice de volume de pesquisa do Google em abril de 2009 (Google Trends, 2015) e em um artigo de novembro de 2009 de Choire Sicha intitulado "O que pessoas negras falavam no Twitter ontem à noite?", no qual ela definiu como memes e chats culturalmente relevantes e bem-humorados que regem os *trending topics* do Twitter (2009). Jones (2013) definiu o *Black Twitter* como uma comunidade on-line de usuários afro-americanos cujo objetivo é promover mudanças sócio-políticas (HARLOW; BENBROOK, 2019, p. 354, tradução nossa).¹⁵

Entende-se, portanto, que o *Black Twitter* teve sua origem no Twitter norte-americano através das práticas digitais dos afro-americanos nas ferramentas da plataforma. Tendo seu início na *black cyberculture* entre o final da década de 2000 e

¹⁴ Citação original em inglês: “so it becomes necessary to interrogate how Black people make sense of their existence as users and as subjects within advanced technological artifacts, services, and platforms”.

¹⁵ Citação original em inglês: “The term first appeared on Google’s search volume index in April 2009 (Google Trends, 2015), and in a November 2009 article by Choire Sicha titled ‘What were Black people talking about on Twitter last night?’ in which she defined it as culturally relevant, humorous memes and chats ruling Twitter’s trending topics (2009). Jones (2013) defined Black Twitter as an online community of African-American users whose aim is to enact socio-political change”.

início dos anos 2010, o *Black Twitter* surge como uma força proeminente do ativismo para reivindicar injustiças e brutalidade policial contra a população negra norte-americana. Harlow e Benbrook (2019) destacam que o poder mobilizador do *Black Twitter* surge pela primeira vez a partir da morte do adolescente negro, Trayvon Martin, em 2012 por um segurança, no estado norte-americano da Flórida. Por sua vez, as *hashtags* e publicações do *Black Twitter*, como *#BlackLivesMatter* e tantas outras, contribuíram para mobilização e organização de manifestantes em busca de justiça contra esse caso e tantos outros. Pelo meio do Twitter então, a comunidade afro-americana apropria-se da plataforma e a torna “um espaço onde as pessoas podem não apenas expressar sua raiva, decepção e tristeza, mas também trabalhar juntas para organizar manifestações e protestos populares”¹⁶ (JONES, 2013, n.p., tradução nossa).

Entretanto, ainda que o espaço desenvolvido pelos negros norte-americanos dentro do Twitter tenha um viés forte em relação a questões do ativismo negro, é necessário apontar que o *Black Twitter* não trata-se apenas de ativismo digital, mas também sobre a vivência da negritude nos ambientes on-line e off-line por meio das variadas ferramentas disponibilizadas pela plataforma. Todavia, o *Black Twitter* não possui um ambiente digital estruturado como uma plataforma on-line, tampouco possui uma comunidade organizada como os grupos do Facebook, por exemplo. Mas enquadra-se como um fenômeno da *black cyberculture*, que se desenvolve através de comunidades on-line caracterizadas pelas práticas da negritude na plataforma do Twitter. Por consequente, o *Black Twitter* tem funcionado como parte de uma estratégia de mudança social coletiva, marcada pela criação de um senso de identidade negra nos ambientes on-line e off-line, aprimorando a imagem da negritude e aumentando a identificação de outros sujeitos negros, fomentando assim, a solidariedade da negritude através de identificação, resistência e ação coletiva (HARLOW; BENBROOK, 2019), para além do território estadunidense.

O *Black Twitter* promove um senso de identificação entre negros e negras mediante determinadas pautas, na sua maioria ligadas a questões específicas da vivência do ser negro na contemporaneidade. Assim sendo, a prática do *Black Twitter* torna-se um senso de coletividade dos usuários negros das plataformas on-line, que através de conteúdos e interações no Twitter mobilizam-se, se ajudam e atuam dentro

¹⁶ Citação original em inglês: “[...] a space where people could not only express their anger, disappointment and grief, but also work together to organize grassroots rallies and protests”.

desse espaço. Por meio dos conteúdos publicados na plataforma, os *tweets*, os negros do *Black Twitter* têm atrelado suas identidades e reafirmado sua negritude através do senso de coletividade e aceitação negra desenvolvida no espaço, fomentando assim, inumeráveis processos identitários, mas sobretudo, o reconhecimento de ser negro.

5 METODOLOGIA

5.1 Questões metodológicas para o *corpus* de pesquisa

A construção desta monografia tem como base a vivência do autor na *black cyberculture*. Por conseguinte, foi possível identificar que para concluir os objetivos propostos na pesquisa, que é compreender e analisar a construção da identidade negra a partir do movimento chamado *Black Twitter*, a presente monografia adota o método qualitativo ao desenvolver-se, uma vez que segundo Godoy (1995, p. 21):

Um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando /l captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

Considerando esse entendimento, o estudo qualitativo pode ser realizado com base em diferentes caminhos, de modo que questões podem surgir durante a pesquisa. Por caracterizar-se como uma pesquisa qualitativa, mas sobretudo, sobre uma vivência, a presente monografia desenvolve-se por meio de um estudo etnográfico na *black cyberculture*. Dado que como defende Polivanov (2013, p. 62), a etnografia enquanto um processo qualitativo, é capaz de desenvolver "descrições densas de práticas sociais de indivíduos ou redes de indivíduos (coletividades), com o propósito de entender diferentes aspectos de diversas culturas". No caso desta monografia, a etnográfica é aplicada através de uma análise no *Black Twitter* brasileiro, mas essencialmente nas dinâmicas sociais estabelecidas nele, tensionando a manifestação em torno da identidade dos sujeitos negros da plataforma.

Levando em consideração que a presente monografia refere-se a uma temática contemporânea, como as práticas da negritude nas plataformas on-line, foi necessário compreender o que antecedeu a contemporaneidade das plataformas: a negritude. Por sua vez, a pesquisa utilizou uma revisão bibliográfica em livros e artigos acerca de questões da negritude e identidade, contando ainda com estudos teóricos sobre as plataformas on-line e as práticas digitais do Twitter, sob uma perspectiva racializada, a fim de embasar os conceitos centrais do trabalho. A utilização da pesquisa bibliográfica se foi dada nesta monografia pelo amplo alcance de informações que ela proporciona. Visto que segundo Lima e Mioto (2007, p. 40) "além de permitir a

utilização de dados dispersos em inúmeras publicações”, ela auxilia na construção e melhor definição conceitual que envolve o objeto de estudo proposto. Por conseguinte, a utilização desse método foi fundamental para elaboração da pesquisa, já que auxiliou na estruturação das ideias sobre negritude, identidade e plataformas on-line. Mas, estruturou de forma clara o recente termo trazido por André Brock Jr. (2020) de *black cyberculture* por intermédio das leituras realizadas durante a pesquisa.

Também foi utilizado o método exploratório, a fim de proporcionar um entendimento das práticas negras nas plataformas on-line, a qual baseia-se nos estudos de Sampieri *et al.* (1991, p. 60 apud RÉVILLION, 2003, p. 23) sobre a técnica:

Os estudos exploratórios servem para aumentar o grau de familiaridade com fenômenos relativamente desconhecidos, obter informações sobre a possibilidade de levar adiante uma investigação mais completa sobre um contexto particular da vida real e estabelecer prioridades para investigações posteriores, entre outras utilizações.

Em vista disso, pesquisa exploratória ocorreu através das vivências na *black cyberculture*, a qual relaciona-se com o objeto de estudo desta pesquisa e está inserido fortemente na plataforma on-line Twitter. O método exploratório ocorre desde a concepção desta pesquisa, tendo em vista a vivência do autor enquanto negro e usuário da plataforma desde 2011. Afinal de contas, através desta plataforma obtive, ainda que indiretamente, a primeira conexão e interação com a problemática central da pesquisa.

Ao acompanhar as vivências digitais negras há cerca de dois anos, percorri entre perceber, analisar e desenvolver laços de identificação com o avanço do empoderamento negro estético e intelectual entre os usuários do Twitter. Cito assim, como fatores que se mostraram relevantes entre os sujeitos e que busco incorporar na minha pesquisa: o modo de engajamento; discussões problemáticas sobre racismo; produção de conhecimentos bibliográficos sobre negritude na listagem de *threads*¹⁷; diferentes identidades e representações entre sujeitos negros e negras. Em consequência, é possível ressaltar as diferentes maneiras que a construção de identidade da negritude pode manifestar-se no ambiente digital, diante da dinâmica de compartilhar conteúdos de forma instantânea.

¹⁷ *Threads*: no Twitter é uma série de tweets conectados de um mesmo usuário, a fim de expressar uma ideia com texto acima do permitido por *tweet* de 240 caracteres. É possível através dela construir um contexto adicional, uma atualização ou uma abordagem ampliada, conectando vários *tweets* juntos.

Conforme contextualizado nos textos anteriores, o Twitter permite que seus usuários compartilhem mensagens instantâneas na sua plataforma por meio de textos, imagens ou vídeos – os já conhecidos *tweets*. Através deste conhecimento, compreendi os *tweets* nesta pesquisa como documentos para análise e exploração, tendo em vista que:

A pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo [...], os documentos normalmente são considerados importantes fontes de dados para outros tipos de estudos qualitativos, merecendo portanto atenção especial (GODOY, 1995, p. 21).

Com isso, a técnica de pesquisa documental foi utilizada como técnica neste projeto através dos:

Elementos iconográficos (como, por exemplo, sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes). Tais documentos são considerados 1/ primários" quando produzidos por pessoas que vivenciaram diretamente o evento que está sendo estudado, ou 1/secundários", quando coletados por pessoas que não estavam presentes por ocasião da sua ocorrência. Uma das vantagens básicas desse tipo de pesquisa é que permite o estudo de pessoas às quais não temos acesso físico, porque não estão mais vivas ou por problemas de distância [...]. os documentos constituem uma fonte não-reativa, as informações neles contidas permanecem as mesmas após longos períodos de tempo. Podem ser considerados uma fonte natural de informações à medida que, por terem origem num determinado contexto histórico, econômico e social, retratam e fornecem dados sobre esse mesmo contexto. Não há, portanto, o perigo de alteração no comportamento dos sujeitos sob investigação (GODOY, 1995, p. 21).

Por ser uma pesquisa qualitativa, não busquei enumerar os usuários negros do Twitter ou ainda quantificar a produção de *tweets* diários por pessoas negras no Twitter. Porém, mediante uma observação exploratória desde abril de 2020, foi possível observar a emergência de pautas que nortearam a atenção dos sujeitos negros do Twitter durante o período analisado. Logo, compreende-se o *Black Twitter* enquanto objeto de estudo central desta pesquisa, uma vez que por intermédio das técnicas de exploração e coleta de documentos, descobertas acerca deste fenômeno da *black cyberculture*, encontram-se os resultados centrais desta pesquisa. Pois a partir da etnografia, é possível desenvolver a:

Descrição dos eventos que ocorrem na vida de um grupo (com especial atenção para as estruturas sociais e o comportamento dos indivíduos enquanto membros do grupo) e a interpretação do significado desses eventos para a cultura do grupo (GODOY, 1995, p. 28).

Pois a partir do:

O trabalho de campo é o elemento mais característico da pesquisa etnográfica. O pesquisador deve ter uma experiência direta e intensa com a situação em estudo, visando à compreensão das regras, costumes e convenções que orientam a vida do grupo sob observação [...]. Ele é exploratório por natureza e os dados são coletados principalmente por meio da observação participante. É abandonado quando o pesquisador acredita que os dados coletados são suficientes para descrever a cultura ou problema específico que estava sendo estudado (GODOY, 1995, p. 28).

Por conseguinte, a vivência do autor em relação às práticas do *Black Twitter* proporcionou o entendimento sobre a dinâmica desse fenômeno. Por conta disso, passou a acompanhar sujeitos negros com números relevantes de seguidores (entre 30 e 100 mil) e interação com outras pessoas negras, para explorar de forma mais clara as pautas do *Black Twitter*, a fim de melhor descrever os eventos vividos ali. Portanto, após iniciar-se na pesquisa bibliográfica e partir para as técnicas de exploração, a presente monografia enquadra-se de modo exploratória-descritiva. Pois desenvolve-se a partir da reflexão pessoal e análise de documentos escritos (LIMA; MIOTO, 2007).

Entretanto, assim como estabelecido na problemática desta pesquisa de entender o modo como sujeitos negros veem revelado suas identidades no Twitter. Optou-se ainda por interagir com 5 perfis específicos através de uma análise objetiva dos sujeitos selecionados por meio do acompanhamento diário dos *tweets* produzidos por eles. A fim de registrar e entender de modo mais claro alguns temas e discussões acerca de identidade no *Black Twitter*. A seleção dos sujeitos analisados ocorre a partir de recortes etnográficos que serão revelados após o conhecimento teórico sobre o *Black Twitter* presente no próximo subcapítulo, do modo como aplicou-se os conhecimentos sobre etnografia digital e o relato da pesquisa, respectivamente.

Figura 1 - Relato etnográfico



Fonte: Elaborada pelo autor.

5.2 Enegrecendo plataformas on-line: o *Black Twitter*

Como visto anteriormente, o *Black Twitter* enquadra-se como um fenômeno da *black cyberculture* que se apropria das funcionalidades de usabilidade do Twitter para estabelecer-se enquanto uma ferramenta para as pautas da negritude em comunidades on-line, que contribuem para a construção de uma identidade negra. O Twitter por sua vez, enquadra-se como uma única comunidade virtual, entretanto:

[...] é melhor entendido como sendo uma ecologia de comunidades integradas em um ecossistema flexível, no qual comunidades são formadas e dissolvidas à medida que o interesse por um tema específico aumenta ou diminui. Diversos tipos de comunidades podem existir simultaneamente, algumas mais permanentes que outras. Cada usuário possui duas comunidades permanentes que tendem a mudar lentamente com o tempo: sua comunidade de seguidores, e a comunidade daqueles a quem o usuário segue. Outras comunidades, porém, surgem e desaparecem a todo instante através do uso de *#hashtags*, que formam comunidades temporárias de usuários interessados no acompanhamento de um tema específico; e outras que são formadas a partir do monitoramento de stream relativo a um @usuário (search: @usuário) (LEMOS, 2010, p. 229).

Ao entendermos o ecossistema flexível proporcionado pelo Twitter, é possível identificar que a presente plataforma on-line não se trata apenas de uma única comunidade virtual, mas sim da mediadora de coalizões que surgem espontaneamente através das práticas digitais dos seus usuários, assim como acontece com o *Black Twitter*. Contudo, o *Black Twitter* não pode ser definido enquanto uma única comunidade virtual da plataforma, afinal de contas, ele se

estabelece mediante as pautas da negritude em determinados territórios. O Twitter e o *Black Twitter* são oriundos de criações e denominações estadunidenses, mas o crescimento da plataforma a nível global também fomentou o desenvolvimento de comunidades dentro do *Black Twitter* a partir de seus territórios, na sua maioria nacionais. Visto que ainda que seja *Black Twitter* e diversas pautas se aproximem-se, não é possível dizer que a comunidade virtual do *Black Twitter* norte-americano é a mesma do *Black Twitter* brasileiro.

Mas, afinal de contas, o *Black Twitter* desenvolve-se apenas para organização e mobilização negra a fim de combater injustiças raciais? Brock Jr. (2020) define que o *Black Twitter* se estabelece além das problemáticas raciais pautadas pelos negros no Twitter, mas como a mediação da identidade cultural negra no Twitter, expressadas por meio de práticas digitais e desenvolvidas a partir dos discursos culturais sobre a vida cotidiana do negro. Dessa forma, entende-se que ainda que com o viés ativista do *Black Twitter*, o ambiente disponibilizado pela plataforma também serve como um espaço para estabelecer e conectar-se com identidades negras. O autor ainda afirma que utilização da *hashtag* #BlackTwitter foram uma das estratégias essenciais para a popularização do termo para uma visibilidade *mainstream*, através da visibilidade que o algoritmo do *trending topics* que a plataforma fornece. Uma vez que através dela, usuários de diferentes territórios encontram-se de maneira mais fácil e assim estabelecerem conexões mediadas por suas negritudes. Entendo o *Black Twitter*, portanto, como uma ferramenta de identificação para a comunidade negra on-line. Brock Jr. (2020, n.p., tradução nossa) por sua vez, define o *Black Twitter* como:

[...] uma reunião on-line (não exatamente uma comunidade) de usuários do Twitter que se identificam como negros e empregam recursos do Twitter para realizar discursos negros, compartilhar lugares comuns da cultura negra e construir afinidades sociais. Embora haja uma série de usuários não negros e negros do Twitter que foram “convidados para o churrasco”, por assim dizer, participar do *Black Twitter* requer um conhecimento profundo da cultura negra, dos lugares-comuns e das práticas digitais [...] ser negro no contexto racial americano requer intencionalidade; representação e reconhecimento são apenas parte da equação. Assim, os usuários negros do Twitter sinalizam intencionalmente suas afiliações culturais a um público que pensa da mesma forma em um espaço onde, até recentemente, a identidade racial era considerada um empreendimento de nicho.¹⁸

¹⁸ Citação original do inglês: “[...] *Black Twitter* is an online gathering (not quite a community) of Twitter users who identify as Black and employ Twitter features to perform Black discourses, share Black cultural commonplaces, and build social affinities. While there are a number of non-Black and people of color Twitter users who have been “invited to the cookout,” so to speak, participating in *Black Twitter* requires a deep knowledge of Black culture, commonplaces, and digital practices. [...] being Black in the American racial context requires intentionality; representation and recognition are only part of the

Ao relacionar o *Black Twitter* com a identidade negra, entende-se que o próprio ambiente denominado como *Black Twitter* enquadra-se como uma - uma das - manifestação da identidade negra na contemporaneidade. Pois assim como definimos em capítulos anteriores, a identidade negra trata-se de uma constante construção que acontece em momentos diferentes na construção social de sujeitos negros. Brock Jr. (2020) afirma que ao inserir-se nos ambientes digitais, neste caso no Twitter, é lhes atribuída uma identidade tecnológica que espontaneamente cruza-se com a identidade racial e de gênero; segundo o autor, os usuários negros do Twitter são tão heterogêneos quanto a comunidade onde provêm.

A utilização da *hashtag* *#BlackTwitter* por parte de usuários negros em *tweets* que se enquadravam nas pautas da negritude do *Black Twitter*, serviu e ainda serve para uma organização mais clara do Twitter. Entretanto, é necessário afirmar que a *hashtag* não refere-se necessariamente do ambiente *Black Twitter*, mas da “visibilidade de uma identidade informativa negra para o *mainstream*, proporcionada por sua aceitação no recurso de *trending topic* do Twitter” (BROCK JR., 2020, n.p., tradução nossa).¹⁹

Brock Jr. (2020) afirma que a popularização da *hashtag* e o algoritmo de tendências da plataforma trabalharam para tornar o *Black Twitter* visível para os usuários negros do Twitter, a fim de estabelecer novas conexões de negritude, mas também permitindo que usuários não-negros de fora vejam uma cultura informacional que é notavelmente semelhante, mas significativamente diferente da sua. Assim como apontando anteriormente, o *Black Twitter* funciona como uma comunidade on-line que se ramifica essencialmente a partir de nacionalidade e regionalidade. Por consequente, diversas outras *hashtags* funcionam a fim de estabelecer novas conexões entre a negritude, assim como funciona no *Black Twitter* brasileiro através da *hashtag* *#BlackTwitterBR* que aponta um recorte nacional para a comunidade; da mesma forma que *hashtags* como *#BlackTwitterUK* e *#BlackTwitterGermany*, funcionam para estabelecer as pautas da negritude do Reino Unido e Alemanha, por exemplo, a partir de uma perspectiva nacional.

equation. Thus Black Twitter users intentionally signal their cultural affiliations to a like-minded audience in a space where, until recently, racial identity was considered a niche endeavor”.

¹⁹ Citação original do inglês: “However, its primary utility for Black Twitter is the visibility of a Black informational identity to the mainstream afforded by its uptake in Twitter’s trending topic feature”.

No entanto, a *hashtag* do *Black Twitter* por si só não o define, apenas o complementa e o torna *mainstream*. A complexidade desse fenômeno da *black cyberculture* é resultado de sua efemeridade entre os usuários negros do Twitter. O *Black Twitter* é, portanto, um espaço fluído norteador por meio de um senso de identificação com pautas específicas entre usuários negros que podem ter se conhecido dentro da plataforma - ou não - e através disso desenvolver identificação e conexões on-line. Dessa forma, o ecossistema desenvolvido no Twitter não permite que o *Black Twitter* seja um grupo específico da plataforma ou uma *hashtag* fixa de reunião de negros falando sobre suas negritudes. Mas diz respeito a usuários negros utilizando a plataforma, seguindo e interagindo com outras pessoas negras compartilhando suas vivências assim como qualquer outro usuário do Twitter. Entretanto, associando sua identidade negra em seus *tweets*. Afinal de contas, o discurso negro on-line diferencia-se dos demais e trata sobre o “ser negro” em diferentes contextos ao desenvolver conteúdos.

5.3 A etnografia como método para compreender identidades no *Black Twitter*

Peirano (2014, p. 379) descreve que não existe um momento certo para o trabalho de campo começar ou terminar, segundo a autora, eles surgem instantaneamente “da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem”. Por conseguinte, a partir da minha vivência enquanto usuário negro no Twitter, passei a observar a complexidade dos eventos ali estabelecidos pelo denominado “*Black Twitter*”. Deste modo espontâneo, passei a investigar ocultamente as narrativas propostas pelos usuários negros do Twitter e modo como eles constituem o *Black Twitter* no Brasil. Entendo meu local nesta observação como um agente etnógrafo, por sua vez, a técnica etnográfica é incorporada ao desenvolvimento desta monografia por tratar-se de um estudo empírico do campo antropológico. As práticas digitais dos usuários negros no Twitter não se tratam apenas de fatos sociais, mas sim etnográficos. Por conseguinte, compreende-se:

[...] estudos de inspiração etnográfica como aqueles que não o utilizam como metodologia, mas apenas como narrativa ou que se utilizam de partes dos procedimentos etnográficos de pesquisa mas não chegam a ir a campo, porém, podem incorporar protocolos metodológicos e práticas de narrativa

como histórias de vida, biografias ou documentos para compor a análise dosados (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 168).

No entanto, ainda que tenha surgido na antropologia, ao longo dos anos, a etnografia foi estabelecida em várias áreas das ciências humanas e sociais. Isso fez com que tenha sofrido várias modificações, sobretudo dado o “[...] aumento exponencial do número de ambientes digitais usuáios das tecnologias de comunicação e informação construindo assim observáveis para o trabalho etnográfico” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 170), como no caso da presente pesquisa.

Por sua vez, houve a diferenciação em diversas nomenclaturas para se definir o estudo etnográfico nos ambientes on-line. Etnografia virtual, netnografia, webnografia e vários outras nomenclaturas buscaram definir o método para realizar-se estudos de interações sociais mediadas por tecnologias de comunicação. Contudo, tais definições trazem propostas que ora se desvincularam dos conceitos etnográficos ou enxergavam o ambiente *online-offline* de modos extremamente divergentes (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Portanto, na presente monografia, utiliza-se o termo etnografia ao desenvolver-se enquanto método para a construção dos resultados cunhados pela problemática central da pesquisa. Deste modo, a etnografia em ambientes on-line percebe-se:

[...] que extensão deste método para as práticas analíticas em rede não corrompe a Antropologia, ela reatualiza os fundamentos da etnografia pela possibilidade do encontro com uma série de dados, os quais isolados podem parecer insignificantes, mas que juntos, conforme Mauss inspira a pensar, seguem a “representação da concentração de uma série de princípios e valores (FERRAZ, 2019, p. 48).

Por conseguinte, a etnografia constitui-se como uma forma de produção de conhecimento mediante trocas entre o pesquisador e os que estão sendo cotidianamente analisados, no caso desta monografia, os sujeitos negros do Twitter: o *Black Twitter*. Ao referenciar Skågeby, Ferraz (2019) define três tipos de observações ao falar em pesquisa em plataformas on-line: a observação aberta, observação parcialmente aberta e observação oculta. No caso da presente monografia, o modo de observação oculta foi incorporado pelo carácter do pesquisador em ser “integrante da comunidade, mas não se manifesta, lendo ocultamente os fenômenos sociais que vão se desenrolando nas redes sociais” (FERRAZ, 2019, p. 62), pois desse modo, torna-se possível coletar dados da cultura

(*online-offline*), no ambiente digital. A vivência do autor no *Black Twitter* torna clara a experiência em relação ao objeto de estudo, de tal modo, Ferraz (2019) entende que os fenômenos digitais e a possibilidade de estes serem compreendidos de modo autêntico por meio de experiências reais, tornam a etnografia reflexiva e mais efetivas ao construir o conhecimento. Deste modo, torna-se possível que o conhecimento e a partilha já vivida pelo autor possa se aplicar de maneira mais efetiva à análise.

Para o desenvolvimento desta monografia, a análise etnográfica aconteceu através de dois recortes problemáticos: as práticas dos sujeitos negros através das pautas do *Black Twitter* brasileiro; e o modo como essas práticas colaboram para a constituição de identidades negras. Fragoso, Recuero e Amaral (2011) defendem que o objeto a ser estudado deve passar por um mapeamento que indique a visualização das possibilidades da problemática. Por sua vez, ao realizar um mapeamento do *Black Twitter* brasileiro, construí um diário de campo, onde através de *printscreens* de *tweets*, produzi observações de campo, os quais constituem-se em impressões de informações e conteúdos sobre das principais pautas debatidas entre os sujeitos durante o período da análise. O período da análise foi de abril à outubro de 2020, foram coletados impressões acerca dos debates e movimentações do *Black Twitter* no Brasil. Para configurar o que era uma pauta do *Black Twitter* ou não, acabei por defini-las a partir da participação e interação entre sujeitos negros.

A coleta de *tweets* acerca do *Black Twitter* durante os 8 meses de análise rendeu uma diversidade grande de conteúdos, mas para ser efetivo ao cumprir os objetivos propostos pela pesquisa, realizou-se um recorte no relato etnográfico por meio de três temáticas centrais: a atmosfera em torno do *Black Twitter* no Brasil; a influência do *Black Twitter* em realizar mobilizações através de ativismo digital antirracista; e por fim, questões acerca da identidade negra dos sujeitos negros do Twitter. Desta forma, a narrativa a respeito da vivência no *Black Twitter* ocorre mediante um relato etnográfico que utiliza *printscreens* de *tweets* como figuras para ilustrar, descrever e analisar questões em torno da identidade negra em ambientes on-line. Ao utilizar o *tweet* dos usuários como documentos para o desenvolvimento desta pesquisa, nomes e imagens pessoais foram ocultadas, a fim de preservar suas identidades e estabelecer a pesquisa de modo oculto. Tensionando as propostas de Peirano (2014, p. 386) sobre uma boa etnografia, o relato se deu por meio das três respectivas condições:

i) consideram a comunicação no contexto da situação (cf. Malinowski); ii) transformam, de maneira feliz, para a linguagem escrita o que foi vivo e intenso na pesquisa de campo, transformando experiência em texto; e iii) detectam a eficácia social das ações de forma analítica.

O segundo recorte estabelecido pela problemática da pesquisa, refere-se ao modo como os sujeitos negros manifestam suas identidades no Twitter. Para o desenvolvimento desta análise, utilizou-se recortes a fim de compreender a complexidade da identidade negra on-line. Para isso, cinco perfis de usuários negros do Twitter foram selecionados, a fim de estabelecer uma observação oculta durante dois meses acerca de seus conteúdos produzidos na plataforma.

Como já estudado no referencial teórico desta monografia, classificar uma pessoa negra atravessa questões como a cor da pele, mas fazer isso no Twitter torna-se ainda mais difícil tendo em vista o modo de exibição de perfis na plataforma. Contudo, ao realizar-se a seleção dos perfis a serem acompanhados, optou-se por reconhecer a diversidade de sujeitos negros encontradas durante a análise. Desta forma, cinco sujeitos foram selecionados com base no seus históricos na plataforma, que consistiam nas pautas acerca do *Black Twitter*. Assim sendo, os sujeitos também foram categorizados por suas vivências territoriais no Brasil; sendo Ceará, Bahia, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul os estados a serem analisados. De modo que, além de localização territorial, categorização de gênero e orientação sexual também foram aplicados na hora de selecioná-los.

O recorte acerca de gênero é atribuído ao selecionar os perfis, tensionando as diferentes construções identitárias de homens e mulheres negras ao longo da história. Davis (2016) afirma que o modo como a sociedade enxergava a mulher negra sempre foi diferente em relação ao homem negro mas essencialmente em relação a mulher branca. “A julgar pela crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que enfatizava o papel das mulheres como mães protetoras, parceiras e donas de casa amáveis para seus maridos, as mulheres negras eram praticamente anomalias” (DAVIS, 2016, p. 24).

E por fim, o recorte acerca de orientação sexual, que por sua vez busca reconhecer as diferentes construções identitárias de sujeitos negros fora dos padrões heteronormativos. Pois, do modo como afirma Marques Júnior (2011), quando além de ser um LGBTQ+, também se é negro, é a dupla luta contra a violência social.

Todos os sujeitos selecionados para a análise foram contatados pelo autor, através da ferramenta de mensagem direta do Twitter, referente ao acompanhamento de seus perfis. Até o dia 31 de agosto de 2020, todos os sujeitos haviam retornado de forma positiva, autorizando o acompanhamento. Nesta mesma data, fora utilizada a ferramenta IFTTT, a qual serviu como plataforma para o coleta diária dos *tweets* desenvolvidos pelos usuários, durante o período de 2 meses. Desta forma, os *tweets* produzidos pelos respectivos usuários foram coletados até o dia 31 de outubro de 2020. Tensionado pela problemática central da pesquisa, o acompanhamento de diferentes usuários negros do Twitter brasileiro trata-se de uma tentativa em encontrar discursos acerca da identidade desses sujeitos. É, portanto, através da etnografia que se pretende responder à problemática da pesquisa em torno da identidade negra no *Black Twitter*. O relato etnográfico sobre o *Black Twitter* brasileiro e identidade negra on-line, do mesmo modo que a análise e resultados encontrados nele, estão presentes no próximo capítulo desta monografia.

6 RELATO DA PESQUISA

Ao conceber minha etnografia no *Black Twitter* brasileiro, entendo que ela se inicia através da minha experiência enquanto sujeito negro no Twitter. Através deste local, entendo que o *Black Twitter* brasileiro se desenvolve da premissa base desta pesquisa: pessoas negras seguindo outras pessoas negras no Twitter. Por sua vez, meu relato etnográfico acerca da minha vivência com outros sujeitos negros utilizando a plataforma constitui-se por intermédio da problemática desta pesquisa que pretende compreender a complexidade do *Black Twitter*, mas sobretudo o modo como ele mobiliza e empodera sujeitos negros na contemporaneidade. E a partir dessa perspectiva, de que forma os sujeitos negros do Twitter veêm construindo suas plurais identidades nos debates proporcionados pelo *Black Twitter*.

Para a organização deste relato etnográfico, desenvolvi um diário de campo, com minhas impressões acerca das práticas digitais de sujeitos negros nas discussões do *Black Twitter* brasileiro durante o período da análise. Entendi ao longo do período da análise, que diversas pautas são debatidas diariamente pelos sujeitos negros do Twitter no Brasil. Mas que para a problemática desta pesquisa, algumas dessas abordagens mereciam maior relevância ao desenvolver meu relato. Visto que ainda que tenha realizado uma observação geral sobre o *Black Twitter*, optei por delimitar o relato nas temáticas que melhor condizem com os objetos estipulados pela pesquisa. Por conseguinte, os próximos tópicos deste relato trazem minhas impressões acerca da atmosfera do *Black Twitter* no Brasil; o modo como os sujeitos negros desenvolvem ativismo antirracista na plataforma; a forma como sujeitos negros discutem questões ligadas à identidade negra; e por fim, um relato comparativo acerca da identidade dos sujeitos negros selecionados para análise.

6.1 Entendendo a atmosfera do *Black Twitter* brasileiro

Assim como no meu relato anterior sobre a vivência de acompanhar pessoas negras no Twitter, grande parte dos usuários do *Black Twitter* aconteceu através do mesmo processo: pessoas negras seguindo pessoas negras. Entretanto, alguns sujeitos destacam-se entre outros ao produzirem um número maior de conteúdos virais e assim possuem um número maior de seguidores, interações etc. Foi perceptível ao analisar tais sujeitos que eles produzem em maior quantidade

conteúdos específicos sobre a negritude e tornam-se referência ao mobilizarem-se e noticiarem problemáticas raciais de maneira crítica e instantânea para os seus seguidores. Entretanto, percebi que esses mesmos sujeitos costumam interagir de maneira maior entre si, ou seja, sujeitos com um número maior de engajamento normalmente interagem com outros sujeitos do *Black Twitter* que possuem um nível próximo de engajamento.

Percebo no *Black Twitter*, então, que esse ambiente proporciona uma espécie de “clubinho” de usuários sujeitos do Twitter que conseguem atingir números maiores de interações e que eles estão de alguma forma mais próximos entre si. Chegando a desenvolverem-se em grupos específicos de relações até mesmo fora da plataforma. Entendo nesse momento, portanto, que o *Black Twitter* proporciona o agrupamento de pessoas negras através de temáticas que as unem: localização, engajamento na plataforma, milhares de seguidores mas sobretudo suas negritudes. Contudo, tais organizações dentro da plataforma são reivindicados por outros negros com menos engajamento e constantemente a credibilidade do *Black Twitter* é questionada dentro da plataforma. Assim como no *tweet* presente na figura abaixo:

Figura 2 - Printscreen de *tweet* desenvolvido por um sujeito anônimo do Twitter



Fonte: Elaborada pelo autor.

O *tweet* presente na Figura 2 revela a diferenciação entre o *Black Twitter* e chamada pelo usuário do *Black Twitter* como “panelinha do *Black Twitter*”. Por sua vez, o *tweet* resultou em milhares de interações entre *retweets*, curtidas e respostas que geraram discussões em relação a significação do *Black Twitter*. Ao analisar as respostas vinda de outros sujeitos negros do Twitter percebo pontos importantes para

construção dessa análise. 1) uma parte dos sujeitos negros do Twitter criticam a forma da militância de alguns sujeitos populares do *Black Twitter*, destacando como soberba ou excludente; 2) sujeitos negros populares no Twitter muitas vezes só dão visibilidade pra quem já tem; 3) a invisibilidade dos negros de pele clara; 4) nem todos os negros sentem-se parte do *Black Twitter*; 5) algumas pessoas possuem mais intimidade com outras e não necessariamente precisam se seguir por serem negras; 6) o *Black Twitter* também serve para dar visibilidade a criadores de conteúdos negros; 7) criadores de conteúdos negros com menor número de seguidores não sentem-se parte por não terem divulgação dos conhecidos como “panelinha do *Black Twitter*”; 9) negros que não possuem uma vivência prática da militância sentem-se excluídos das pautas do *Black Twitter* por não tratarem disso; 10) usuários não-negros costumam minimizar o *Black Twitter* e atribuí-los como militância exagerada do Twitter. Por consequente, analisei *tweets* dos usuários ditos como parte da panelinha e constatei discursos autocríticos sobre o verdadeiro viés do *Black Twitter* brasileiro: dar a visibilidade a criadores negros no Twitter e ao engajamento de pautas importantes para a negritude.

Figura 3 - *Printscreen* de *tweet* desenvolvido por um criador de conteúdo negro popular no Twitter

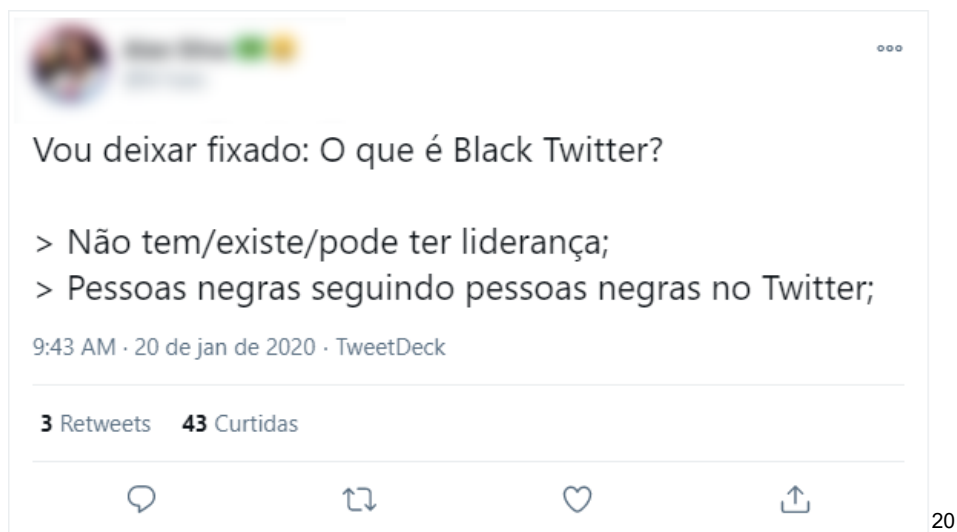


Fonte: Elaborada pelo autor.

Ao analisar o debate proposto pelo *tweet* da Figura 3 em torno da conceitualização dos usuários sobre o *Black Twitter*, averigui que os debates propostos pelos negros no Twitter costumam estender-se durante um período considerável de dias, eles podem durar semanas, e que costumam atingir outros grupos sociais para além dos usuários negros. De modo que os posicionamentos, como no caso da Figura 3, não sejam dados de maneira instantânea, mas sim após um processo de diálogo e reconstrução entre a interação com outros usuários.

Essencialmente por ser um termo relativamente novo entre os negros brasileiros que possuem um processo identitário próprio e complexo, percebo que as narrativas do originário *Black Twitter* norte-americano diferem em vários aspectos em relação ao brasileiro. Entretanto, eles assemelham-se na sua real definição, conforme a Figura 4, do *tweet* escrito por um usuário negro do Twitter brasileiro:

Figura 4 - *Printscreen* de *tweet* desenvolvido por um sujeito negro anônimo do Twitter



Fonte: Elaborada pelo autor.

²⁰ A Figura 4, trata-se de um *printscreen* coletado antes do período delimitado para a pesquisa de campo. Ele foi publicado na plataforma em janeiro de 2020, mas considerando a singularidade e importância dele em relação à discussão acerca de uma significação ao *Black Twitter*, ele torna-se relevante para a proposta do relato pelo caráter etnográfico da pesquisa que foi desenvolvida através de uma observação participante. Deste modo, é normal interagir com publicações que foram realizadas antes do período da análise, uma vez que emergem nessa vivência dentro do Twitter.

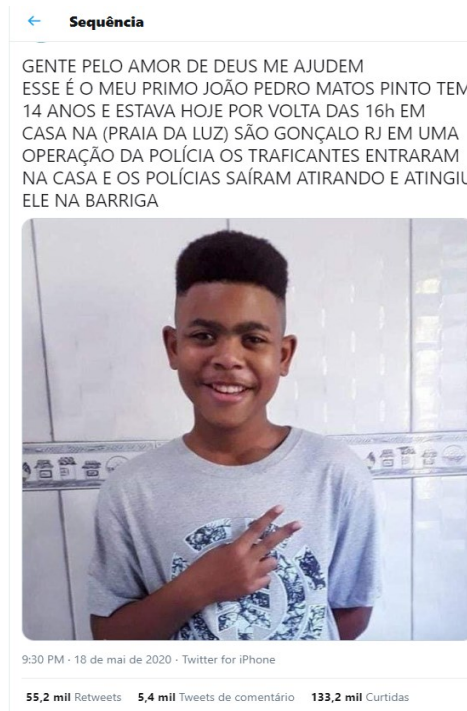
6.2 O *Black Twitter* na prática: resistência, mobilização, justiça e *trending topics*

Ao retomarmos o debate em torno do início do *Black Twitter* nos Estados Unidos, percebemos que a movimentação por trás do movimento *Black Lives Matter*, mais especificamente do engajamento da *hashtag* nas plataformas, surgiu no Twitter. Desta forma, um pilar político e ativista sempre norteou o denominado *Black Twitter*. Por sua vez no Brasil, os sujeitos negros do Twitter também tem utilizado a plataforma para denunciar injustiças raciais contra a população negra e organizar-se a fim de condenar práticas racistas da sociedade brasileira.

O referencial teórico desta monografia argumenta sobre os mitos raciais existentes no Brasil e informam a prática do racismo ao longo da história até os dias de hoje. Por sua vez, 2020 tornou-se um ano importante para a retomada dos debates em torno das questões levantadas pela negritude há anos: os mais variados tipos de racismo e a violência policial contra a população negra. Impulsionados pela morte de mais um homem negro desarmado por parte da polícia norte-americana, o movimento *#BlackLivesMatter* promoveu um dos maiores protestos em torno da causa dos últimos anos e espalhou-se pelo mundo com a afirmação global de que vidas negras importam.

Durante o período da minha análise, movimentos de reação aos protestos norte-americanos aconteceram no Brasil. Mas também foram organizados a nível nacional, tendo em vista os eventos ligados à brutalidade policial contra a população negra durante o ano de 2020 no país. Como no caso do jovem negro de 14 anos, que desapareceu após uma operação policial numa favela do Rio de Janeiro, onde seu familiar utilizou o Twitter para informar o acontecido e procurar ajuda.

Figura 5 - *Printscreen* de *tweet* desenvolvido por um sujeito negro do Twitter (neste caso, primo do jovem em questão, João Pedro)



Fonte: Elaborada pelo autor.

Após a publicação, o *tweet* tornou-se viral e a *hashtag* #procurasejoaopedro chegou aos *trending topics* do país com *tweets* marcados pela busca de informações sobre a vida do jovem, críticas a polícia e reivindicações sobre a humanidade negra. Ao noticiarem o óbito do jovem, usuários do Twitter e grande parte dos usuários do *Black Twitter* engajaram *tweets* em torno do acontecimento, a fim pressionar o sistema por justiça. Como no caso da movimentação on-line em torno da divulgação da versão brasileira do ato “*Vidas Negras Importam*” que condenavam a brutalidade policial contra negros.

Figura 6 - Printscreen de tweet desenvolvido por um criador de conteúdo negro popular no Twitter

O LEVANTE NEGRO BRASILEIRO inicia com a morte de mais um jovem preto e favelado na cidade do RIO. Como nossos irmãos e irmãs nas Américas, gritaremos: SE NÃO HOUVER JUSTIÇA, NÃO HAVERÁ PAZ PARA OS NOSSOS ALGOZES.

#VidasNegrasImportam 🍌 #BlackLivesMatter 🍌
#ParemDeNosMatar



10:33 PM · 30 de mai de 2020 em Rio de Janeiro, Brasil · Twitter for iPhone

9,4 mil Retweets 602 Tweets de comentário 25,8 mil Curtidas

Fonte: Elaborada pelo autor.

Nesse momento da análise, percebo o modo como as informações tornam-se virais no Twitter e são tão efetivas para as organizações mobilizadas pelo *Black Twitter* em torno de visibilidade, mas sobretudo resistência negra. Foi perceptível através da análise que nesses momentos os conhecidos como “panelinha do *Black Twitter*” engajam-se em discussões e a disseminam informações, o que permite que as informações cheguem até um número maior de usuários, mas especificamente usuários negros para unirem-se as lutas. Tal movimentação assemelha-se com outro evento ocorrido durante o período da análise, onde um jovem negro foi preso injustamente após uma acusação de roubo em Salvador. A *hashtag* #SoltemGabriel chegou aos *trending topics* após uma grande publicações de *tweets* pedindo pela soltura do jovem, pressionando a justiça local.

Figura 7 - *Printscreen* de *tweet* desenvolvido por um criador de conteúdo negro popular no Twitter

Finalmente eu posso dizer que Gabriel foi Solto gente.

Muito obrigado à todos que deram apoio na tag [#soltemgabriel](#)



9:11 AM · 14 de jun de 2020 · Twitter for Android

2,8 mil Retweets 258 Tweets de comentário 23,4 mil Curtidas

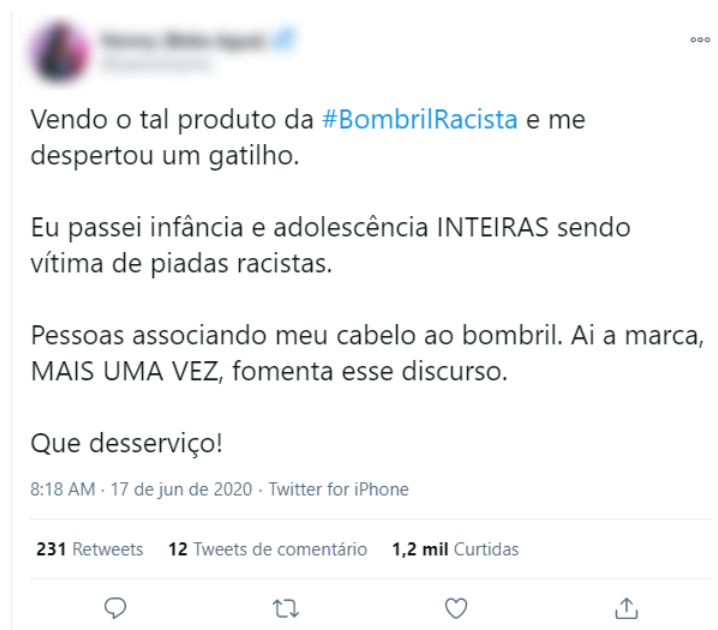
Fonte: Elaborada pelo autor.

Ao analisar tais eventos, percebo que apesar do difícil momento nos quais eles ocorrem, é nítido a movimentação dos sujeitos negros do Twitter em torno de desenvolver discursos que clamam por justiça e que tragam visibilidade a tais injustiças. Por consequente, ainda que existam divergências entre os negros do *Black Twitter* em relação a significação do termo e questões políticas, é necessário apontar que o antirracismo é o pilar-base desse espaço. Visto que ainda que o *Black Twitter* traga à tona as diversas formas da identidade negra, o antirracismo caracteriza-se como a base identitária do negro brasileiro. O entendimento das problemáticas racista existentes no país, manifesta a resistência negra contra ele.

Do mesmo modo que os debates em torno dessa temática normalmente surgem por intermédio dos usuários sujeitos e ao ganharem visibilidade, ultrapassam as

fronteiras do *Black Twitter* e garantam aliados que auxiliam na viralização dos conteúdos. Assim como no caso também vivenciado durante a análise, que propôs um boicote à Bombril, após a marca relançar um produto de 1952 que associava o cabelo crespo a uma esponja de aço. Ao vivenciar esse evento, percebi que as críticas à marca iniciaram a partir de usuários negros com um grandes números de seguidores, que logo colocaram a *hashtag* #BombrilRacista nos *trending topics* e pressionaram um posicionamento da marca sobre o caso.

Figura 8 - *Printscreen* de *tweet* desenvolvido por um criador de conteúdo negro popular no Twitter



Fonte: Elaborada pela autora.

Durante o dia 17 de junho, a *hashtag* #BombrilRacista se fez presente entre os assuntos mais comentados da plataforma durante o dia inteiro. Tencionando a relevância do evento para a atuação do *Black Twitter*, passei a acompanhar os *tweets* criados a partir da *hashtag* por meio da ferramenta IFTTT na noite do evento que teve seu início pela manhã. Segundo a análise dos *tweets*, percebi que: 1) os usuários apontaram que a Bombril como uma marca que não se preocupa com a questão racial do país; 2) uma parte dos usuários afirmava que não iria mais consumir os produtos da marca; 3) usuários negros relatavam suas vivências e traumas em relação aos cabelos crespos; 4) usuários apontavam que a marca utilizou esse relançamento, a fim de gerar *buzz* para a marca tendo em vista a pauta racial que o mundo viveu em

junho de 2020; 5) diversos usuários negros utilizaram o momento e a *hashtag* para enaltecer seus cabelos crespos; 6) ainda que a maior adesão da *hashtag* tenha um viés crítico direcionado à Bombril, alguns *tweets* apontavam a pauta como uma vitimização por parte dos negros do *Twitter*.

Ao vivenciar o caso durante uma semana, pude perceber que as críticas direcionadas à Bombril chegaram a outras plataformas on-line, obrigando-a desenvolver um posicionamento. Entretanto, minha maior descoberta neste caso refere-se à solidariedade da negritude em unir-se em protestos on-line e no modo de ressignificar momentos negativos a seu favor. Já que junto com as críticas direcionadas a Bombril, diversos *tweets* foram produzidos a fim de empoderarem os traços dos cabelos crespos de pessoas negras. Desta forma, compreendo uma das principais práticas pela qual o *Black Twitter* revela-se: ser um espaço para reconhecer-se e amar-se enquanto sujeito negro, ou seja, revelar suas identidades. Entendo portanto, que além da força ao engajar pautas importantes e instantâneas, o *Black Twitter* funciona como uma ferramenta para a identidade negra on-line, permitindo que outros negros on-line se reconheçam. Reafirmo tal argumento ao perceber que usuários negros, costumam interagir em maior escala com *tweets* que consistem em fotografias de pessoas negras, fazendo com que alguns *tweets* tornem-se virais na plataforma.

Figura 9 - *Printscreen* de *tweet* desenvolvido por um sujeito negro anônimo do Twitter



Fonte: Elaborada pelo autor.

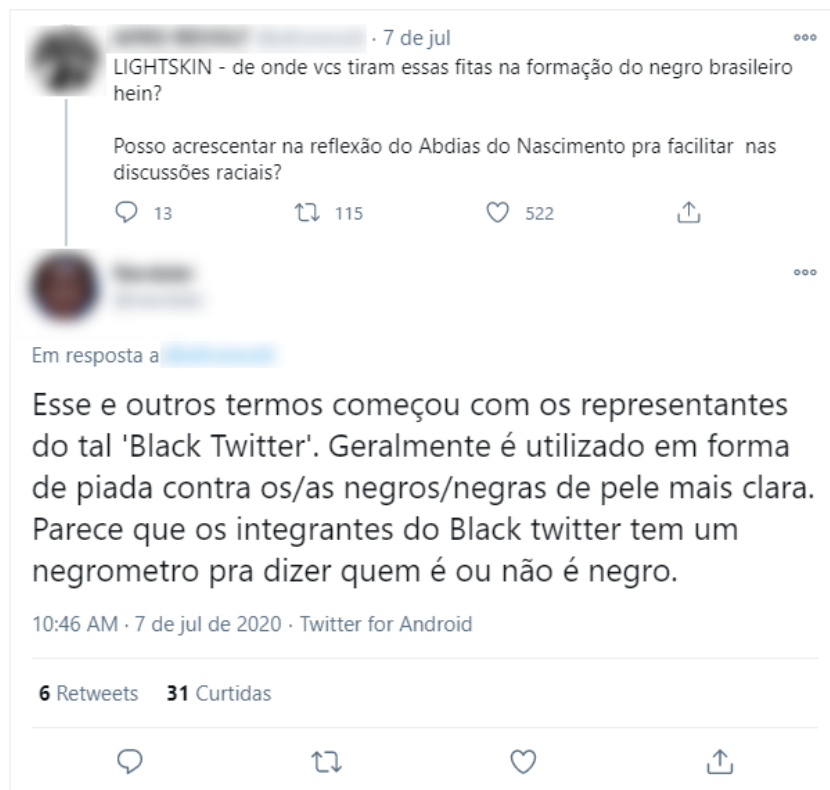
6.3 Identidade negra e *Black Twitter*

André Brock Jr. (2020) afirma que o *Black Twitter* funciona como uma expressão da identidade negra nos ambientes on-line, reitero a tese do autor a partir da minha vivência no *Black Twitter* durante o ano de 2020. A bolha social do *Black Twitter* no Brasil é formada por uma diversidade enorme de usuários negros, essa diversidade acontece mediante a pluralidade dos corpos negros, mas também sob os regimes o qual a população negra pós abolição se estabeleceu no país. Por consequente, foi possível localizar no *Black Twitter* brasileiro diversas ramificações da negritude a partir das vivências encontradas na plataforma, seja ela de gênero, regionalidade de até mesmo tom da pele.

Ao analisar tamanha diversidade, percebo que os sujeitos negros do Twitter replicam algumas das temáticas pautadas nos movimentos negros fora do ambiente on-line, como por exemplo, quem é negro no Brasil? No entanto, no *Black Twitter* a questão é: quem é negro para estar no *Black Twitter*? Tais questões refletem uma das

pautas mais complexas da negritude brasileira: o colorismo. A discussão proposta pelo colorismo consiste em diferenciar as variadas tonalidades da pele negra, do tom mais escuro ao tom mais claro. Por sua vez no *Black Twitter*, negros de pele clara costumam ser denominados como “*light skin*” ou “afrobege”; e os negros de pele escura de “*dark skin*” ou “retintos”. O debate acerca do colorismo é necessário, entretanto, percebo que no Twitter, o termo torna-se um segregador entre pessoas, o que por muitas vezes faz com que pessoas negras questionem sua negritude e a credibilidade do *Black Twitter*. Como por exemplo na sequência de sujeitos negros questionando os termos e as pautas do *Black Twitter* em relação a negros de pele clara na Figura 10.

Figura 10 - *Printscreen* de sequência de interações de sujeitos negros anônimos do Twitter



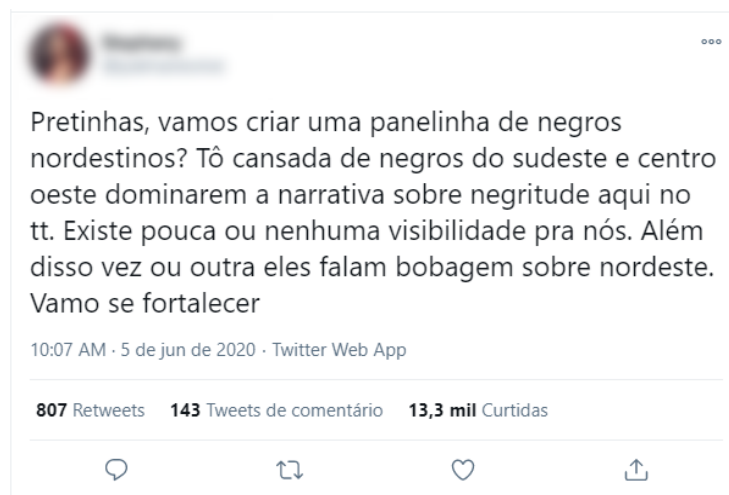
Fonte: Elaborada pelo autor.

Nesse momento, percebo a existência de conflitos em torno do “ser negro” entre os usuários do *Black Twitter*. Durante a análise, percebi a presença de *tweets* que deslegitimavam a negritude de negros de pele clara e que tais afirmações causavam crises na identidade desses usuários, o que muitas vezes faz com que sua presença

no *Black Twitter* seja questionada. Consequentemente, entendo que os debates acerca do “ser negro” na contemporaneidade são atravessadas também pelos ambientes digitais, locais os quais revelem uma identidade negra também é político, mas sobretudo, pessoal. Essencialmente no Brasil, onde a cor da pele não necessariamente valida a negritude. Desta forma, constatei que grande parte das críticas dos usuários do Twitter - negros e não-negros - medidor de ser negro, nominado pelos usuários como “negrômetro”. Por sua vez, percebo que as discussões em torno do que é ser negro entre os usuários do *Black Twitter* descredibiliza o viés ativista e solidário desse espaço digital.

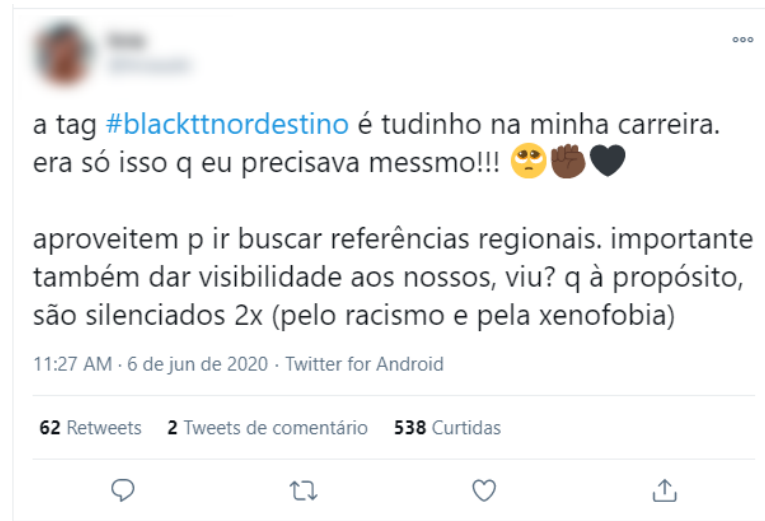
Ao analisar as questões ligadas ao colorismo, constatei que nem todos os usuários negros do *Twitter* consideram-se parte do *Black Twitter*, pois não acreditam no mesmo ou não possuem certeza de suas identidades negras. Por sua vez, percebi que outros aspectos ligados a identidade e o *Black Twitter* estavam relacionados, como por exemplo a regionalidade conforme mostra a Figura 11.

Figura 11 - *Printscreen* de *tweet* desenvolvido por um sujeito negro anônimo do Twitter



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 12 - *Printscreen* de *tweet* desenvolvido por um sujeito negro anônimo do Twitter



Fonte: Elaborada pelo autor.

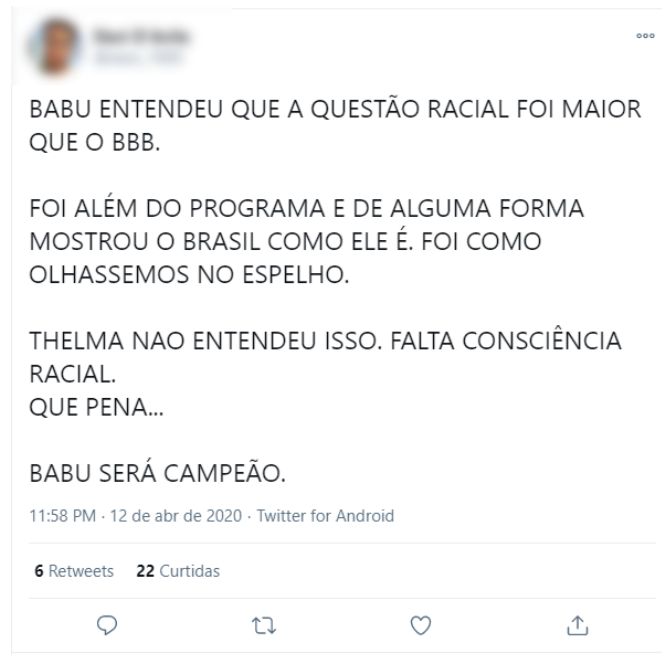
Durante a vivência no *Black Twitter*, observei que os sujeitos negros com maior número de seguidores e engajamento da plataforma concentravam-se no eixo do sudeste do Brasil. Por sua vez, em alguns casos, o Twitter os tornou criadores de conteúdos digitais para além da plataforma. É uma prática do *Black Twitter* divulgar o conteúdo de outros criadores negros, essencialmente quando trazem à pauta racial as suas criações. Entretanto, esses criadores muitas vezes concentram-se na já mencionada “panelinha do *Black Twitter*”. Contrariando a essa lógica de produção de conteúdo negro on-line, em junho percebi a movimentação de usuários negros do nordeste do Brasil em uma organização na plataforma para a criação do *Black Twitter* Nordestino, ou como eles costumam utilizar, #blackttnordestino. A partir dessa *hashtag*, usuários negros do nordeste passaram a compartilhar suas vivências e também seus trabalhos, fazendo um recorte territorial ao já estabelecido *Black Twitter* Brasileiro. Por conseguinte, compreendo que a complexidade da bolha em torno do *Black Twitter* não contempla todos os negros do Twitter e que assim como no nordeste, microdivisões desta bolha podem surgir, essencialmente quando o objetivo central for divulgar o trabalho de pessoas negras. Classifico portanto que a identidade nacional proposta por Hall (2006) também pode ser atrelada à construção da identidade negra nas plataformas digitais, neste caso em um recorte regional, uma vez que a regionalidade interpela a construção do sujeito e as suas representações.

Por conseguinte, outro fator a destacar, foi uma observação da 20ª edição do Big Brother Brasil, que por sua vez foi um dos assuntos mais comentados do Twitter, no decorrer do primeiro semestre de 2020. Mas essencialmente entre os usuários negros da plataforma, que tiveram a oportunidade de assistir a presença de dois participantes negros no programa, homem e mulher, ambos autodeclarados negros. É possível salientar também, que estes tinham diferentes realidades de classes sociais entre eles, e mesmo assim, sustentaram a representação para o telespectador. Além disso, a edição do *reality show* portou de diversas situações de racismo sobre esses participantes, como também no ambiente social.

De modo que, um dos participantes pautava de forma clara sua negritude e revelava as peculiaridades sobre as injustiças sociais a qual vivencia na sua vida fora do programa. Outra participante relata sua vivência e experiência enquanto médica em ambientes majoritariamente compostos por indivíduos considerados brancos. Dessa forma, tais debates e crimes mobilizaram discussões no *Black Twitter* brasileiro. Com isso, a partir desse viés, compreendi que mesmo com suas identificações evidentes pela negritude, ambos participantes divergiram, entre os debates e experiências dos usuários do *Black Twitter* sobre o programa. Percebi que entre os sujeitos negros, o participante masculino que pautava de forma mais clara as pautas da negritude obteve um desempenho maior de popularidade entre os usuários e que muitas vezes a identidade negra da outra participante era questionada por não a pautar de forma tão evidente. Esse debate tornou-se mais evidente no *Black Twitter* em um episódio do programa, o qual a participante feminina precisou votar no colega. Ao acompanhar esse evento na televisão e no Twitter, percebi que diversos sujeitos negros se mostraram ainda mais desapontados com a participante e a condenaram pela atitude.

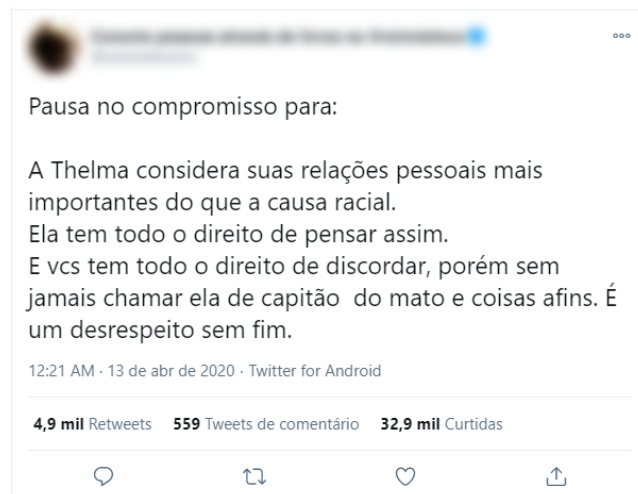
Neste momento, percebi que as questões de identidade e *Black Twitter* estavam diretamente ligadas a essas movimentações no reality. Uma vez que, muitos usuários negros não se sentem parte do *Black Twitter* por não pautaram de forma clara o ativismo negro como outros usuários. Percebi que alguns usuários não apoiavam e participavam do *reality* justamente por não ter um discurso racial tão claro quanto o outro participante. Uma vez que, a vivência racial dos candidatos divergiam de forma clara.

Figura 13 - *Printscreen* de *tweet* desenvolvido por um sujeito negro anônimo do Twitter



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 14 - *Printscreen* de *tweet* desenvolvido por um criador de conteúdo negro popular no Twitter



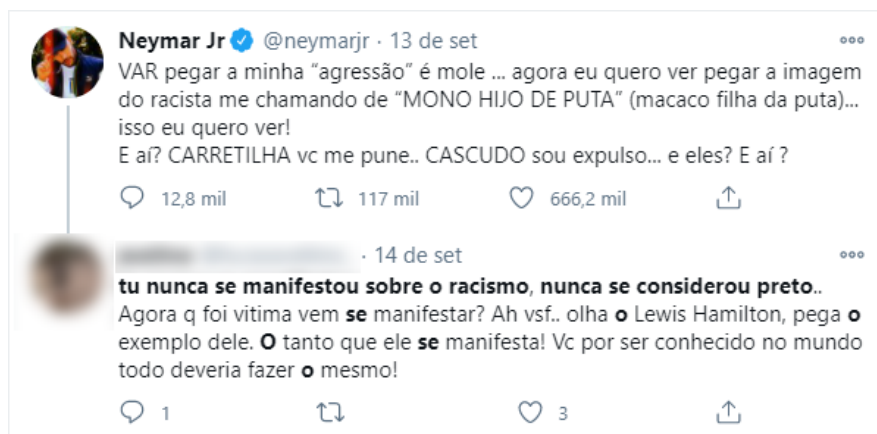
Fonte: Elaborada pelo autor.

A partir dessas discussões, avisto que mesmo sendo negros, os participantes do programa e os sujeitos negros do Twitter possuem diferentes formas de viver sua negritude e discutir questões de raça nos ambientes aos quais estão inseridos, evidenciando assim, suas realidades sociais, no qual se compõem e concebem

enquanto indivíduos de uma sociedade multirracial. Por conseguinte, percebo através dessa vivência as diferentes maneiras de se construir identidades negras e os diferentes modos os quais ela pode se manifestar, mas sobretudo, gerar embates entre negros nas plataformas on-line.

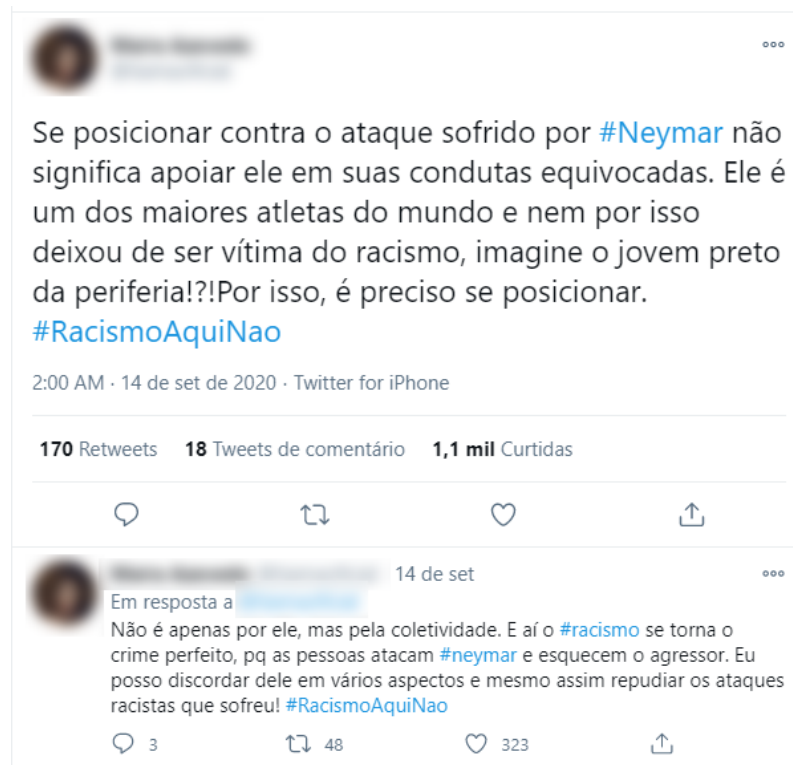
Por fim, ainda durante o período da análise vivi um emblemático evento que relacionou com clareza as questões em relação à construção da identidade negra e o posicionamento dos sujeitos negros perante a isso: o caso de racismo contra o Neymar. Pois após ser chamado de macaco em uma partida de futebol, o jogador utilizou as plataformas on-line para denunciar o caso de racismo e declarar-se negro, no Instagram e Twitter, respectivamente. A declaração por sua vez, surpreendeu alguns usuários negros do Twitter que logo questionaram a negritude do jogador, afinal de contas, Neymar nunca havia declarado ser um homem negro. Entretanto, o evento contra o jogador, mostrou de forma clara a efetividade do racismo na vida de pessoas negras, pois é a partir dele que o reconhecimento negro muitas vezes acontece. No entanto, percebi a partir dos *tweets* analisados que parte dos usuários mostrou-se alinhada com o protesto contra o racismo, motivados pela *hashtag* que figurou os *trending topics* da plataforma #RacismoAquiNão em apoio ao jogador. Contudo, foi perceptível que diversos *tweets* criticavam a causa de Neymar que pouco pautou sobre temáticas e problemáticas raciais durante sua carreira.

Figura 15 - *Printscreen* da resposta de um sujeito negro ao *tweet* do Neymar



Fonte: Elaborada pelo autor.

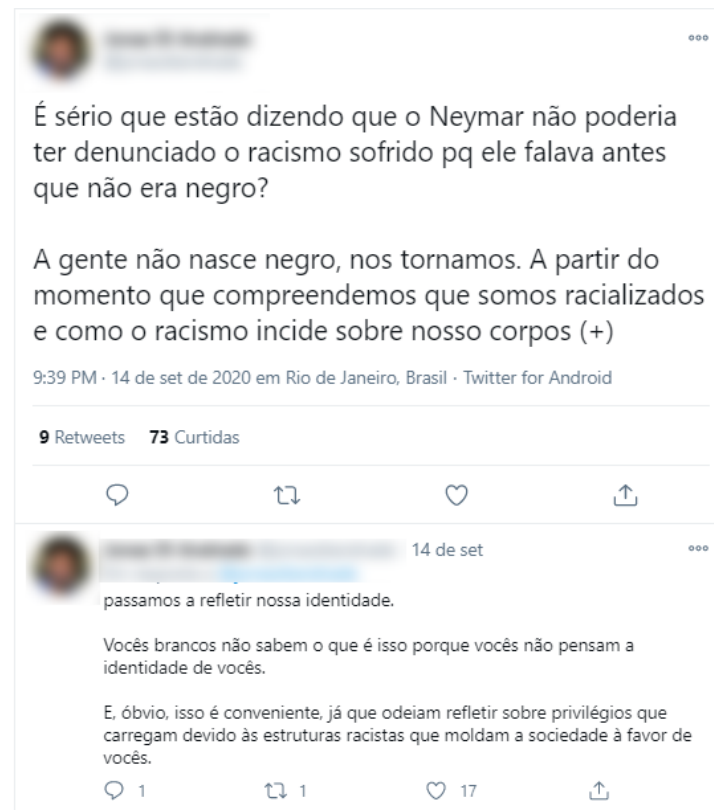
Figura 16 - Printscreen de *tweet* desenvolvido por um criador de conteúdo negro popular no Twitter



Fonte: Elaborada pelo autor.

A grande repercussão acerca do caso de racismo contra Neymar ocorreu dada a popularidade mundial do jogador, o que gerou inúmeros *tweets* em torno do evento. Contudo, ao analisar os *tweets* gerados após o evento, pude perceber que questões de identidade estavam extremamente ligadas ao caso e aos discursos que os usuários negros do Twitter produziram ao discutir sobre o caso na plataforma. Dessa forma, foi notável um aumento na produção de *tweets* em torno da identidade do negro brasileiro por parte de outros usuários negros, mediante o ocorrido com Neymar. Compreendo acerca disso que, do mesmo modo como usuários negros manifestam suas identidades, eles também utilizam a plataforma para discutir as inúmeras manifestações em torno da identidade negra de outros sujeitos. Uma vez que através das diferentes vivências de negritude encontradas na plataforma, é possível que inúmeras experiências e visões sejam compartilhadas e revistas a partir dali. Como por exemplo na discussão trazida na Figura 17.

Figura 17 - *Printscreen* de *tweet* desenvolvido por um sujeito negro anônimo no Twitter



Fonte: Elaborada pelo autor.

Teresa Correa e Sun Ho Jeong (2010) revelaram que os afro americanos tendiam a produzir em grande escala conteúdos digitais. Ao vivenciar o *Black Twitter* durante os 9 meses da minha etnografia, compreendo que a tese levantada pelos autores aplica-se de forma clara sobre os sujeitos negros do Twitter. Entendo o *Black Twitter* brasileiro por sua vez como um ambiente digital de pessoas negras produzindo conteúdos digitais, sejam esses conteúdos específicos sobre a negritude ou não. Em contrapartida, essa popularidade oriunda do *Black Twitter* só foi estabelecida a partir do momento que esses criadores de conteúdo passaram a se seguir e divulgar suas produções em seus perfis.

Por conseguinte, existem centenas de usuários no Twitter publicando conteúdos especificamente sobre raça e problematizando questões sociais a partir da sua vivência enquanto negro. Ao ganharem um número considerável de seguidores, esses perfis tornam-se referência e porta-voz de acontecimentos ligados à questão racial, pois eles costumam racializar pautas as quais se propõe discutir. Durante a minha análise, passei a acompanhar perfis desses usuários com grande número de

seguidores e focados em produzir conteúdos sobre a negritude. Pude perceber que eles se dedicam a compartilhar informações e história negra no Twitter a partir dos seus *tweets*, ou através de uma sequência de *tweets*, às denominadas *threads*. Tais conteúdos costumam atingir grandes números na plataforma e costumam viralizar entre os usuários negros mas também entre usuários não-negros.

Atento ainda nesta análise que sujeitos não-negros que se identificam com as pautas da negritude, costumam acompanhar criadores de conteúdos negros do Twitter a fim de estarem atentos à pauta racial mas também aprender sobre antirracismo. Contudo, avistei que pessoas não-negras e também negras, com pouca consciência racial costumam limitar o *Black Twitter* a um limitado número de usuários populares na plataforma, tencionando que eles apenas são “militantes do Twitter” que problematizam na internet. O mesmo argumento também foi detectado por parte de outros usuários negros que deslegitimam a existência do *Black Twitter*.

Por sua vez, percebi que além dos criadores de conteúdo já populares na plataforma, há outras centenas de outros negros criando conteúdo no Twitter, mas também fora dele. Por consequente, avistei que em relação à essa tipo de conteúdo, os criadores populares costumam auxiliar nessa divulgação, do mesmo modo que usuários negros com um menor número de seguidores costumam interagir com tais publicações a fim de desenvolver uma rede de solidariedade negra. No entanto, nem todos os usuários negros sentem-se contemplados pelos grandes criadores, o que ocasiona em movimentos como *Black Twitter* Nordestino, conforme trazido neste mesmo relato.

Durante meu período de análise, pude perceber diversas discussões acerca do que seria o *Black Twitter* brasileiro e sobre como ele poderia auxiliar de fato as pessoas negras. Neste período, tive a oportunidade ingressar em um grupo fora da plataforma com outros sujeitos negros do Twitter, na sua maioria com usuários conhecidos por sua popularidade em torno de pautas da negritude, que propunham discutir e organizar tais questões. O grupo consistia em organizar o *Black Twitter* através da *hashtag* #BlackTwitterBr, tencionando que a partir dela as discussões chegassem a um número maior de sujeitos negros e a *hashtag* torna-se viral para o reconhecimento do *Black Twitter* no Brasil. A observação neste grupo ainda me proporcionou ingressar numa lista criada durante esse período, de *username* de sujeitos negros no Twitter. Por sua vez, a proposta era que os sujeitos compartilhassem seus perfis e passassem a estabelecer uma relação na plataforma

a partir do incentivo do grupo. Entretanto, os debates acerca do tema não se desenvolveram ao ponto de organizar o *Black Twitter* no Brasil em uma única *hashtag*, tendo em vista o ecossistema complexo da plataforma e dos usuários. Mas a partir disso, pude perceber que relações sociais fora da plataforma foram estabelecidas a partir dela, as quais podem concentrar-se em outras plataformas ou ainda em ambientes off-line.

Outro ponto a ser visto e extremamente característico do *Black Twitter* é o modo ao desenvolver linguagens próprias em sua identidade digital. Em minha vivência com os sujeitos negros da plataforma, pude perceber que os jovens negros costumam desenvolver termos próprios ao relatarem suas vivências na contemporaneidade, de modo que criam bordões próprios para pautar determinados temas que somente outros sujeitos negros podem compreender de forma evidente. Afinal de contas, trata-se de uma linguagem digital negra que tem como alvo o mesmo público. Por sua vez, acredito que esse seja um dos principais pilares para fazer com que sujeitos negros no Twitter passem a se seguir independente de uma identificação no mundo off-line.

Figura 18 - *Printscreen* de *tweet* desenvolvido por um sujeito negro anônimo no Twitter



Fonte: Elaborada pelo autor.

Ainda que diversos usuários, negros ou não-negros não acreditem na existência do *Black Twitter*. Entendo que a movimentação acerca de pessoas negras seguindo outras pessoas negras no Twitter seja por si só a definição de *Black Twitter*, considerando assim que, pessoas negras no Twitter já são o *Black Twitter*.

²¹ A Figura 18 trata-se de um *printscreen* coletado após o período delimitado para a pesquisa de campo. Ele foi publicado na plataforma em dezembro de 2020, mas considerando a contribuição dele em relação a discussão proposta pelo relato em relação a linguagem própria dos sujeitos negros do Twitter, ele torna-se relevante pois exemplifica de forma clara a discussão tensionada no texto. Ele trata de forma cômica ao falar dos termos populares utilizados no Black Twitter, ele aborda os termos "palmitar" e "paçocar" que na plataforma referem-se aos relacionamentos afetivos de pessoas negras; palmitar diz respeito a pessoas negras se relacionando com pessoas brancas; e paçocar refere-se à pessoas negras se relacionando com negros de pele clara.

6.4 5 regiões e 5 identidades: sujeitos negros do *Black Twitter* brasileiro

Ao analisar as discussões dos sujeitos negros no Twitter, pude perceber que o *Black Twitter* não funcionava apenas para revelar sujeitos negros se seguindo na plataforma, mas também como um ambiente capaz de revelar os mais variados tipos de identidade negra nas plataformas on-line, mas sobretudo, no Twitter Brasileiro. Ao selecionar 5 sujeitos negros do Twitter para o desenvolvimento dessa análise, optei por categorizá-los de acordo com os recortes propostos pela minha metodologia: região, gênero e orientação sexual.

Dos 5 sujeitos selecionados, três deles foram mulheres negras. Considero de extrema relevância um olhar crítico sobre produção de conteúdo das mulheres negras no Twitter, tendo em vista o histórico de violência on-line atribuída a elas na plataforma conforme revelou dado no referencial teórico desta monografia. Pois da mesma forma que mulheres negras tiveram suas vivências desvalorizadas ao longo dos anos, a prática parece ainda ser uma realidade cruel para esse grupo.

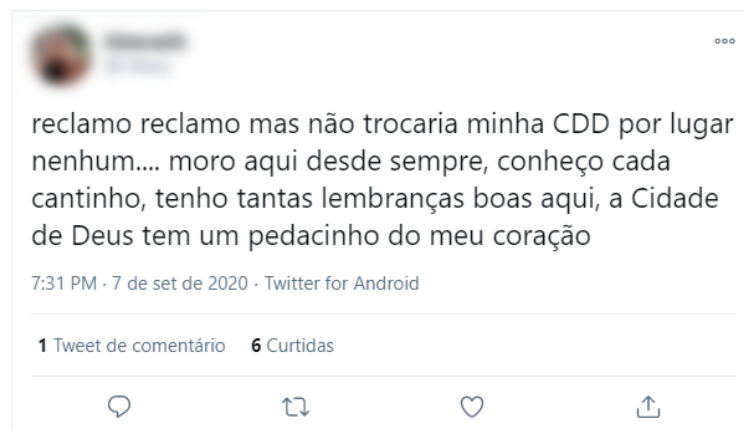
Durante o acompanhamento dos perfis, pude perceber que as discussões acerca de questões da identidade das mulheres negras também atravessam diferentes linhas identitárias. No caso das selecionadas para serem acompanhadas, pude vivenciar diferentes maneiras em relação ao ser mulher negra num país como o Brasil. Uma delas foi uma empreendedora de 20 anos, moradora da Cidade de Deus no estado do Rio de Janeiro; noutro caso, acompanhei uma educadora de história, de 23 anos e moradora de Salvador na Bahia; por fim, a idealizadora do *Black Twitter* nordestino, que é moradora do estado de Ceará e mestrandia de sociologia de 27 anos.

Ressalto neste momento que optei por acompanhar perfis que não fazem parte da conhecida como a “panelinha do *Black Twitter*”, mas pude perceber entre as três primeiras usuárias a serem analisadas, consistiam em perfis com números acima de mil seguidores, seguidas de bons números de interação, essencialmente com outros sujeitos negros. Por conseguinte, pude analisar especificamente seus conteúdos em torno das questões identitárias. Neste momento, tenciono suas orientações sexuais, que por sua vez refletem de forma clara em seus *tweets*. A empreendedora é uma mulher hétero sexual, a historiadora uma mulher lésbica e a socióloga bissexual.

No caso da empreendedora, pude perceber de forma clara críticas diretas à branquitude, em especial à apropriação cultural por parte de mulheres brancas. Constatei em seus conteúdos também, um forte descontentamento de relações

afetivas de homens negros com mulheres brancas, essencialmente ao refletir sobre a solidão da mulher negra em alguns *tweets*. Foi perceptível também a sua adoção em relação à algumas terminologias propostas pelos sujeitos do *Black Twitter*, que costumam utilizar bordões próprios ao falar de si e criticar pessoas brancas. Por fim, percebo em seu discurso um forte apego em relação ao seu lugar de origem, a Cidade de Deus, fica nítido em seu discurso on-line a identificação com o local. Neste momento, relaciono seu apego territorial ao mesmo encontrado no perfil da socióloga do Ceará. Em seus *tweets*, ela revela de forma clara sua identificação e orgulho a sua região de origem, foi esse mesmo apego que estimulou a idealização de uma *hashtag* para valorizar os criadores de conteúdos negros do Twitter no nordeste do país, originando assim, no *Black Twitter* nordestino.

Figura 19 - *Printscreen* de *tweet* desenvolvido pela empreendedora da Cidade de Deus

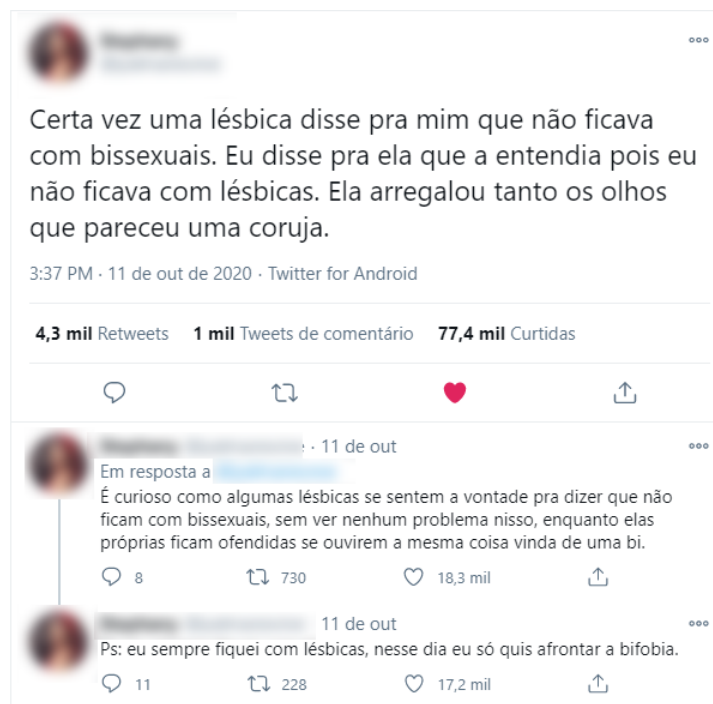


Fonte: Elaborada pelo autor.

Ao comparar especificamente a narrativa dessas duas mulheres, percebo que além da forte identidade racial presente em seus *tweets*, uma identidade acerca da região onde vivem está fortemente atrelada aos seus discursos na plataforma, tornando digital as suas vivências no mundo off-line através do Twitter. Para além disso, percebo que do mesmo modo que uma das sujeitas reflete sua vivência enquanto mulher negra em relacionamentos heteronormativos ao criticar homens negros em relacionamentos interracialis. Verifico que discursos parecidos são publicados pela socióloga do Ceará, que, por sua vez, trata-se de uma mulher bissexual e costuma afirmar a dificuldade em estabelecer relacionamentos afetivos com outras mulheres por conta da sua orientação sexual. É neste momento que

compreendo a complexidade em torno da vivência dos sujeitos negros e como compartilhar suas vivências na plataforma, ocasionam em interações de solidariedade. Foi possível verificar que a partir de *tweets* do gênero que mencionei anteriormente, outros sujeitos interagem e solidarizam-se pela troca de experiências.

Figura 20 - Printscreen de *tweet* desenvolvido pela idealizadora do Black Twitter Nordeste

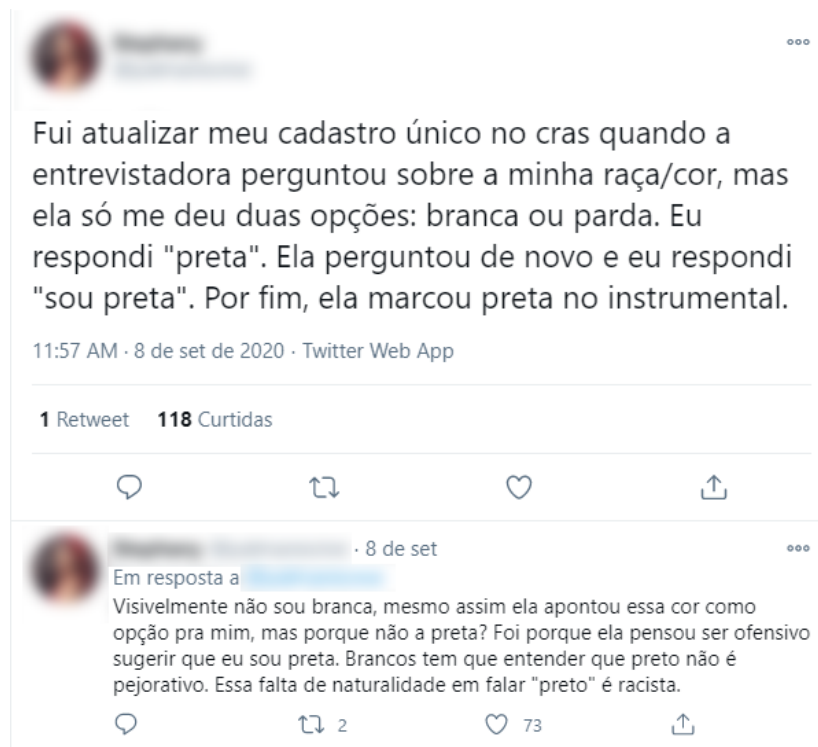


Fonte: Elaborada pelo autor.

Em determinado momento da minha análise, pude perceber uma divergência entre os sujeitos, para além das categorias delimitadas pela pesquisa, neste caso em relação a cor da pele. Como já afirmei neste relato, o *Black Twitter* brasileiro costuma discutir constantemente as questões em torno do colorismo e a miscigenação do país. Por sua vez, pude perceber em um *tweet* produzido por uma das analisadas, a sua dor em relatar que muitas vezes tem sua negritude deslegitimada por ser uma negra de pele clara, ou como costumam nominar no *Black Twitter* como *light skin*. Relatando de forma clara o modo como a sociedade para além dos ambientes on-line costumam reagir em relação a negros de tom de pele clara. Pude perceber através das interações estabelecidas com os *tweets* acerca desse evento, que outros sujeitos negros buscaram discutir acerca disso, retomando o que já vinha afirmado em relação a rede

de identificação que o processo de pessoas negras seguindo pessoas negras proporciona neste momento da contemporaneidade.

Figura 21 - *Printscreen* de *tweet* desenvolvido pela idealizadora do Black Twitter Nordeste



Fonte: Elaborada pelo autor.

Entre os perfis selecionados, a sujeita do Ceará enquadra-se como uma das mais populares em relação aos outros pelo número de seguidores na plataforma, ela possui pouco mais de 5 mil e costuma produzir conteúdos específicos sobre negritude e sociedade. Do mesmo modo, outro perfil enquadrou-se como criadora de conteúdo acerca das temáticas negras no Twitter ao realizar o meu acompanhamento: a historiadora de Salvador. Ao acompanhar os seus *tweets*, pude perceber que ela está de forma clara engajada na grande maioria das discussões propostas pelos sujeitos negros do Twitter, mas sobretudo, nas discussões já relatadas nesta pesquisa em relação ao *Black Twitter*.

Foi perceptível durante a análise que ela possui uma preocupação em publicar conteúdos que retratem de forma clara a sua vivência enquanto mulher negra, lésbica e educadora de história. Visto que através da sua vivência e sua profissão, costuma produzir conteúdos educativos na plataforma acerca de questões históricas, durante

o período analisado, todas em temáticas africanas. Por sua vez, percebo que assim como outros sujeitos negros do Twitter, ela faz parte dos positivos números de criadores de conteúdos nas plataformas atuais, que por sua vez ultrapassam as barreiras do Twitter. Entendo acerca disso que o compartilhamento das vivências negras têm trazido números positivos de engajamento para esses sujeitos, fomentando assim a profissionalização através da influência digital de pessoas negras na plataforma, como no caso desta usuária que tem usado a plataforma para além das suas vivências mas também como oportunidades e trabalho. No caso desta, pude perceber diversos *tweets* com imagens próprias evidenciando sua autoestima e beleza negra. De modo que o texto que normalmente acompanha a imagem afirma de forma clara o empoderamento em torno da estética negra.

Figura 22 - Printscreen de tweet da historiadora de Salvador

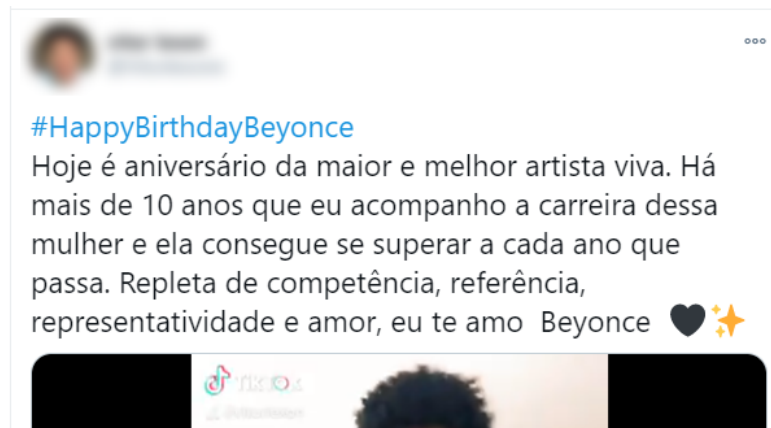


Fonte: Elaborada pelo autor.

O empoderamento da beleza negra a partir dos sujeitos do *Black Twitter* é uma prática constante na plataforma. Ainda que os sujeitos não possuam conteúdos específicos sobre negritude, pessoas negras do Twitter tendem a interagir com imagens de outros sujeitos negros que revelam as belezas da negritude. Como no caso de outro sujeito que selecionei para acompanhar durante a análise. Trata-se de um homem negro e gay de 23 anos, que me permitiu a partir dos seus *tweets*, compreender de forma clara a importância das representações para o desenvolvimento da identidade de sujeitos negros. A partir de seus *tweets*, pude

perceber diversos comentários a respeito de grandes representações negras da contemporaneidade, neste caso sobre o filme *Black Panther* e sua admiração pela cantora Beyoncé. Além disso, foi comum ao analisar seus *tweets*, encontrar fotografias pessoais exaltando com orgulho sua autoestima negra e as referências que a compõem. Em seu perfil na plataforma, encontrei poucos *tweets* que revelassem de forma clara uma atividade nas discussões propostas pelo *Black Twitter*, mas percebi outro modo de revelar-se negro e construir uma identidade negra nos ambientes on-line. Pois ainda não possui um ativismo claro como outros sujeitos da plataforma, ele revela diversas vertentes da sua identidade.

Figura 23 - Printscreen de tweet do jovem negro de Santa Catarina



Fonte: Elaborada pelo autor.

Do mesmo modo que percebo de forma clara nesse sujeito a relevância das representações, percebo também no quinto sujeito a ser analisado. Um rapper gaúcho, heterossexual, de 21 anos, morador da região metropolitana de Porto Alegre no Rio Grande do Sul. Seus *tweets* na plataforma durante o período consistiram na sua vivência enquanto rapper num estado conservador do Sul do Brasil, mas sobretudo em torno das representações negras que o inspiram na música. Neste caso, pude perceber pouco envolvimento através de *tweets* em relação as discussões em torno do que outros sujeitos negros do Twitter discutem. Entretanto, percebi sua voz ativa na causa antirracista a partir das interações de curtidas e *retweets* em outros sujeitos negros criadores de conteúdo reconhecidos pelo ativismo na plataforma. Ao acompanhar seus *tweets*, pude perceber que os sujeitos negros do Twitter, ditos da "panelinha do *Black Twitter*" de fato tornam-se referências de informação e opinião

para outros sujeitos negros na plataforma. Uma vez que a partir deles, desenvolvem posicionamentos.

Figura 24 - Printscreen de tweet desenvolvido pelo rapper do Rio Grande do Sul



Fonte: Elaborada pelo autor.

O acompanhamento dos cinco perfis durante o período estipulado para a análise me permitiu diversas descobertas acerca da identidade negra, mas sobretudo, sobre identidades. Os sujeitos negros do Twitter estão na plataforma para compartilharem de fato sobre suas negritudes, mas também suas vivências enquanto cosmopolitas. Atesto que as divergências pré-estabelecidas ao selecioná-los me trouxe de fato a perspectiva de pluralidade da negritude que por sua vez é histórica. Pois ainda que as questões ligadas à negritude os unam - e foi perceptível que os sujeitos negros do Twitter são organizados ao discutirem entre si mas estabelecerem laços de solidariedade - outras diversas divergências os diferencia. Pois como afirma Stuart Hall (2006), os sujeitos não possuem uma identidade unificada e estável, como apenas a identidade negra, por exemplo. Na contemporaneidade, a identidade fragmenta-se, sendo composta não apenas de uma mas de várias identidades.

Do mesmo modo que alguns tratam de forma mais clara questões ligadas à negritude e as pautas antirracistas, outros tratam esses assuntos com menor frequência ou ainda nem pautam elas em seus perfis no Twitter. Assim como o *Black Twitter* pode ser considerado um fenômeno capaz de expressar a identidade negra na

contemporaneidade, é relativo dizer que ele se resume a apenas isso. Do mesmo modo que a identidade negra no Twitter não pode ser definida apenas pelo *Black Twitter*. Entendo a partir da minha etnografia que o *Black Twitter* não se trata apenas de ativismo antirracista on-line, ele é de fato importante e perspicaz ao fomentar isso, mas é necessário pontuar que ele revela a existência de sujeitos negros nas plataformas on-line de maneira espontânea, capazes de produzir conteúdos para além das pautas raciais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade é uma construção móvel, logo, ela desenvolve-se a partir de diferentes processos e em diferentes momentos da vida humana. Todavia, é preciso destacar que nem todos os sujeitos humanos obtêm um processo identitário de maneira igual. A construção identitária de sujeitos negros em relação à não-negros difere em diversos processos, principalmente pelas discriminações que prevalecem em relação à comunidade negra mundo afora. Nesse caso, revelar-se negro torna-se eminentemente político, do modo como defende Neusa Souza (1990). Dessa forma, entendo a identidade como a soma das vivências de um sujeito, de modo que se constrói.

Por sua vez, na contemporaneidade, os processos identitários têm nas plataformas on-line uma potente ambiência de realização. Através desses espaços os sujeitos podem desenvolver muito mais do que uma identidade, tornando-se livre para fragmentar-se. Pois a partir desses espaços, como os ambientes on-line, uma diversidade grande de sujeitos podem revelar suas vivências a partir de conteúdos on-line. Como no caso dos sujeitos negros do Twitter, que a partir das práticas no *Black Twitter* veem desenvolvendo conteúdos através das suas vivências enquanto sujeitos negros.

Com a ascensão dos movimentos antirracistas ao redor do mundo, as plataformas on-line tornam-se um local de mobilização e ativismo. No caso do usuários do Twitter, foi perceptível através desta pesquisa que os criadores de conteúdo negros da plataforma tornam-se porta-vozes em relação às pautas da negritude para outros sujeitos negros, mas também para pessoas não-negras aliadas na causa. Por conseguinte, por intermédio desses sujeitos, formam-se bolhas sociais de sujeitos negros que se seguem através da identificação em torno da negritude. Constata-se portanto, a existência de uma movimentação de pessoas negras seguindo outras pessoas negras no Twitter, movimento que consiste no fenômeno da *black cyberculture* conhecido como *Black Twitter*.

No que diz respeito ao *Black Twitter*, constato que ele é um espaço complexo e volúvel. Isso porque ele não se trata de uma nova plataforma on-line, nem tão pouco se resume em uma *hashtag* do Twitter, do mesmo modo que não se define como um espaço fechado de ativismo negro. O *Black Twitter* por sua vez, trata-se de uma manifestação negra que ocorre através da movimentação de pessoas negras

seguindo-se e compartilhando suas vivências no Twitter enquanto sujeitos negros. A partir disso, entendo que o *Black Twitter* está estreitamente ligado com a identidade negra, pois na contemporaneidade, ele funciona como um espaço on-line que permite o desenvolvimento de identidades. Uma vez que é através desse espaço que criadores de conteúdo negros do Twitter costumam viralizar seus *tweets* na plataforma e mobilizar problematizações acerca de temáticas negras. De modo que, estimulem um senso de solidariedade entre outros criadores de conteúdo negros da plataforma. Entretanto, esse movimento acaba por fazer com que nem todos os sujeitos negros do Twitter sintam-se parte do *Black Twitter*. Já que entendem ele como um grupo fechado de sujeitos negros populares da plataforma. Do mesmo modo que observei relatos de sujeitos negros de pele clara que não se identificam com os discursos do *Black Twitter* por possuir uma espécie de "negrômetro", que por sua vez, trata-se de uma terminologia que determina "o quão negro alguém é" com base na melanina da pele.

É comum que diversas problemáticas atravessem o *Black Twitter*, ele não passa pelo processo de plataformização como uma plataforma on-line, do mesmo modo como não se organiza como uma comunidade on-line. Contudo, do mesmo modo que uma comunidade, os sujeitos negros do Twitter possuem uma linguagem própria ao *tweetar* sobre suas vivências, neste caso através de gírias próprias da negritude. Assim sendo, o discurso on-line dos sujeitos diferem-se em relação ao discurso de sujeitos não-negros. À vista disto, não é possível estabelecer uma identidade on-line universal para as plataformas on-line, pois trata-se de uma tentativa de tornar o ambiente on-line um espaço embranquecido.

A partir disso, a *black cyberculture* desenvolve-se para abranger a identidade negra nos ambientes on-line de modo único e plural. Pois ainda que os sujeitos identifiquem-se a partir das suas negritudes, é preciso destacar que a identidade dos sujeitos negros fragmentam-se em diversos recortes. Assim sendo, os sujeitos negros do Twitter não utilizam a plataforma apenas para criarem conteúdos e construir suas identidades negras, mas também compartilhar suas diferentes vivências acerca de gênero, orientação sexual, tom de pele e região territorial. Pois assim como observa a etnografia desta pesquisa, o sujeito negro do nordeste do Brasil diferencia-se em relação ao sujeito negro do Sul do Brasil e é a partir das divergências que a identidade negra manifesta-se nos ambientes on-line: através da diversidade negra.

Ainda que esta pesquisa possua limitações em relação à clareza dos dados coletados durante a etnografia, devido à complexidade do objeto estudado, ela apresenta elementos importantes das práticas dos sujeitos negros no Twitter brasileiro. Para tanto, torna-se uma das primeiras pesquisas a nível nacional em relação às questões ligadas ao termo americano trazido por André Brock Jr. (2020) de uma *black cyberculture*. Por conseguinte, ela estabelece uma definição mais abrangente em relação ao *Black Twitter*, contribuindo para os estudos em comunicação digital, mas sobretudo, acerca da luta antirracista, que na contemporaneidade utiliza as plataformas on-line para tornar-se ainda maior. Dessa forma, esta pesquisa pode servir como base para futuros estudos em relação às práticas digitais da negritude no Twitter, essencialmente no Brasil. Como foi constatado, há uma diversidade de discussões acontecendo cotidianamente no *Black Twitter*, como as questões acerca do colorismo; terminologias e linguagens próprias; as problematizações em torno de representações midiáticas de sujeitos negros; assim como a profissionalização de sujeitos negros criando conteúdos a partir do Twitter.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARAÚJO, Willian Fernandes. O fim da manipulação por algoritmos? A história de Vero e questões importantes para entender Plataformas Online. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 43., 2020, [s.l.]. **Anais** [...]. [S.l.]: Intercom, 2020.

BARBOSA, Bernardo. Número de brasileiros que se declaram pretos cresce no país, diz IBGE. **UOL**, São Paulo, 22 maio. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/05/22/ibge-em-todas-as-regioes-mais-brasileiros-se-declaram-pretos.htm>. Acesso em: 28 mar. 2020.

BARBUJANI, Guido. **A invenção das raças**: existem mesmo raças humanas?. São Paulo: Contexto, 2007.

BERNARDINO, Joaze. Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil. **Estudos afro-asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 247-273, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v24n2/a02v24n2.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2020.

BERND, Zilá. **O que é negritude**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BLACK Is King. Direção: Beyoncé Knowles-Carter, Kwasi Fordjour, Emmanuel Adjei, Blitz Bazawule, Ibra Ake, Jenn Nkiru, Jake Nava, Pierre Debusschere, Dikayl Rimmasch. [S.l.]: Walt Disney Pictures; Parkwood Entertainment, 2020. 1 filme (85 min), color.

BROCK JR., André. **Distributed Blackness**: African American Cybercultures. New York: NYU Press, 2020.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORREA, T.; JEONG, S. H. Race And Online Content Criation. **Information, Communication and Society**, [s.l.], v. 14, n. 5, p. 638-659, ago. 2011. Disponível em: <https://www.ingentaconnect.com/content/routledg/rics/2011/00000014/00000005/art0003>. Acesso em: 21 dez. 2020.

D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito. **Pesquisando plataformas online**: conceitos e métodos. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, V. B.; SOUZA, M. C. C. C. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 63, p. 103-

120, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/114868>. Acesso em: 21 dez. 2020.

FERRAZ, Claudia Pereira. A Etnografia Digital e os Fundamentos da Antropologia para Estudos Qualitativos em Mídias Online. Aurora. **Revista de Arte, Mídia e Política**, São Paulo, v. 12, n. 35, p. 46-69, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/44648>. Acesso em: 21 dez. 2020.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodescendente**: Identidade em construção. 1. ed. reimp. São Paulo: EDUC, 2004.

FIORE, Matheus. No Twitter, uma mulher é agredida a cada 30 segundos. **B9**, São Paulo, 18 dez. 2018. Disponível em: <https://www.b9.com.br/101298/no-twitter-uma-mulher-e-agredida-a-cada-30-segundos/>. Acesso em: 10 dez. 2020.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

G1. Mais da metade da população mundial usa internet, aponta ONU. **G1**, São Paulo, 07 dez. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/12/07/mais-da-metade-da-populacao-mundial-usa-internet-aponta-onu.ghtml>. Acesso em: 28 mar. 2020.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2020.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria**: revista de estudos de literatura, Belo Horizonte, v. 9, p. 38-47, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>. Acesso em: 21 dez. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HARLOW, S.; BENBROOK, A. How #Blacklivesmatter: exploring the role of hip-hop celebrities in constructing racial identity on Black Twitter. **Information, Communication & Society**, [s.l.], v. 22, n. 3, p. 352-368, 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1369118X.2017.1386705>. Acesso em: 21 dez. 2020.

HOOBS, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

JONES, Feminista. Is Twitter the underground railroad of activism?. **Salon**, [s.l.], 17 jul. 2013. Disponível em: https://www.salon.com/2013/07/17/how_twitter_fuels_black_activism/. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

LEMOS, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LEMOS, Renata. Qotd, por@ umairh: a inteligência coletiva no Twitter. **Galáxia**, São Paulo, n. 19, p. 226-239, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2507/2207>. Acesso em: 21 dez. 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 10, p. 37-45, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2020.

MARQUES JÚNIOR, Joilson Santana. Notas sobre um itinerário bibliográfico: onde estão os homossexuais negros?. **Revista Em Pauta**: teoria social e realidade contemporânea, Rio de Janeiro, v. 9, n. 28, p. 183-194, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/2941/2105>. Acesso em: 21 dez. 2020.

MILLER, D.; SLATER, D. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 41-65, jun. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v10n21/20619.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2020.

MILLER, D.; SLATER, D. **The Internet**: an ethnographic approach. Oxford: Berg, 2000.

MORANGO, Angélica. Universa. O "*Black Twitter*" e a revolução da representatividade negra. **UOL Universa**, [s.l.], 26 jun. 2018. Disponível em: <https://blogdamorango.blogosfera.uol.com.br/2018/06/26/o-black-twitter-e-a-revolucao-da-representatividade-negra/>. Acesso em: 14 nov. 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude-usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NERI, Marcelo Côrtes. **Mapa da exclusão digital**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, 2003.

NOBLE, S. U.; ROBERTS, S. T. Elites tecnológicas, meritocracia e mitos pós raciais no Vale do Silício. **Fronteiras**, São Leopoldo, v. 22, n. 1, p. 36-46, 2020. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.04/60747748>. Acesso em: 21 dez. 2020.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, n. 42, p. 377-391, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2020.

PENA, S. D. J.; BIRCHAL, T. S. A inexistência biológica versus a existência social de raças humanas: Pode a ciência instruir o etos social?. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 10-21, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13479>. Acesso em: 21 dez. 2020.

POLETTI, J.; KREUTZ, L. HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. **Conjectura**: Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 19, n. 2, p. 199-203, maio/ago. 2014. Disponível em: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2515/pdf_251. Acesso em: 21 dez. 2020.

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, Brasília, v. 1, n. 3, p. 61-71, 2014. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621/3243>. Acesso em: 21 dez. 2020.

PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. *In*: PRIMO, Alex. (org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 13-32.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós**, Brasília, v. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/web2.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2020

RECUERO, Raquel. A REDE É A MENSAGEM: Efeitos da Difusão de Informações nos Sites de Rede Social. *In*: VIZER, Eduardo. (org.). **Lo que McLuhan no previu**. 1. ed. Buenos Aires: Editorial La Crujía, 2012. p. 205-223.

RÉVILLION, Anya Sartori Piatnicki. A utilização de pesquisas exploratórias na área de marketing. **Revista Interdisciplinar de Marketing**, [s.l.], v. 2, n. 2, p. 21-37, 2003. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/f75f/7ba7b5b210c213ea273311d04cbfae5392dd.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2020

ROCHA, José Geraldo da. Movimentos sociais e negritude no Brasil. **Revista da ABPN**, Goiânia, v. 6, n. 12, p. 24-60, 2014. Disponível em: <https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/176>. Acesso em: 21 dez. 2020.

SÁ, Márcia Farias de Oliveira e. **História e tecnologia africana**: diálogos possíveis no ensino médio integrado. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. **Anuário antropológico**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 175-203, 1995. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6581/7559>. Acesso em: 21 dez. 2020.

SILVA, Tarcízio (org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais**: olhares afrodiaspóricos. São Paulo: LiteraRua, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SMITH, Aaron. African Americans and Technology Use: A Demographic Portrait. **Pew Research Center**, Washington, 06 jan. 2014. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/internet/2014/01/06/african-americans-and-technology-use/>. Acesso em: 21 dez. 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. A eugenia no Brasil: ciência e pensamento social no movimento eugenista brasileiro do entre-guerras. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: ANPUH, 2005.

TWITTER BUSINESS. Noções básicas do Twitter para Empresas. **Twitter**, [s./l.], [20-?]. Disponível em: <https://business.twitter.com/pt/basics.html>. Acesso em: 21 dez. 2020.

VITAL, T.; TONUS, M. On Thursdays we watch Grey's: o engajamento dos fãs de Grey's Anatomy no Twitter. *In*: SILVA, T.; BUCKSTEGGE, J.; ROGEDO, P. (org.). **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**. Brasília: IBPAD, 2018. p. 336-358.